

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
MINTER-UFAM/UFRR

**AS QUADRILHAS JUNINAS E SUAS TRANSFORMAÇÕES
CULTURAIS NOS FESTIVAIS FOLCLÓRICOS EM
BOA VISTA-RORAIMA (2001-2011)**

TERESA KÁTIA ALVES DE ALBUQUERQUE

Manaus – AM

2013

TERESA KÁTIA ALVES DE ALBUQUERQUE

**AS QUADRILHAS JUNINAS E SUAS TRANSFORMAÇÕES
CULTURAIS NOS FESTIVAIS FOLCLÓRICOS EM
BOA VISTA-RORAIMA (2001-2011)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, na linha de pesquisa I: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga

Manaus - AM

2013

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Albuquerque, Teresa Katia Alves de

A345q As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em Boa Vista – Roraima (2001-2011) / Teresa Kátia Alves de Albuquerque. - Manaus: UFAM/UFRR, 2013.
154 f.; il. color.

Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) –
– UFAM/UFRR, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga

1. Danças folclóricas 2. Cultura popular 3. Quadrilhas – Danças folclóricas I. Braga, Sérgio Ivan Gil (Orient.) II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU (2007): 793.31(811.4)(043.3)

TERESA KÁTIA ALVES DE ALBUQUERQUE

**AS QUADRILHAS JUNINAS E SUAS TRANSFORMAÇÕES
CULTURAIS NOS FESTIVAIS FOLCLÓRICOS EM BOA VISTA-
RORAIMA (2001-2011)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, na linha de pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais.

Aprovado em 07 de junho de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga – Presidente
Universidade Federal do Amazonas

Prof.^a Dr.^a Maria Eunice de Souza Maciel – Membro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Rosemara Staub de Barros – Membro
Universidade Federal do Amazonas

Aos meus filhos

*Laci Alves do Nascimento e
Pamela Alves do Nascimento.*

Aos meus pais

*Ivanilda Alves de Albuquerque (in memorian) e
Antonio de Pádua Castor Alves de Albuquerque
(in memorian).*

Ao mestrando,

Rodrigo Pollari Rodrigues (in memorian).

Aos grupos folclóricos

de quadrilhas juninas de Roraima.

Dedico este trabalho com muito amor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me conceder a força de vontade para concluir este trabalho.

Aos filhos Laci Alves do Nascimento e Pamela Alves do Nascimento, pela compreensão, carinho e apoio que tiveram durante todos os momentos de estudo até a elaboração deste trabalho. O amor que existe entre nós ajudou a superar os desafios.

Ao Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga, orientador desta dissertação, por todo empenho, sabedoria, compreensão e, acima de tudo, exigência.

À Universidade Federal de Roraima e ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, que me possibilitaram a realização de um sonho: a pós-graduação *Stricto Sensu* na Universidade Federal do Amazonas na oferta do Mestrado Interinstitucional.

Aos gestores do setor cultural do Governo do Estado de Roraima, representados pela Secretaria de Educação, Cultura e Desporto (SECD) e pelo Departamento de Cultura, e Prefeitura Municipal de Boa Vista, representada pela Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura (FETEC), por terem permitido realizar a pesquisa nos festivais folclóricos de quadrilhas juninas e pelo apoio prestado.

Às instituições Federação Roraimense de Quadrilhas Juninas (FERQUAJ) e Liga das Quadrilhas Juninas e Grupos Folclóricos (LIQUALUR), pelas informações e apoio prestado desde o início da pesquisa.

Um agradecimento especial aos grupos folclóricos de quadrilhas juninas e respectivas equipes, pela valiosa contribuição em todos os momentos.

E a todos os amigos que ajudaram, direta ou indiretamente, a construir esta dissertação, pelas informações prestadas e pelo apoio recebido durante a pesquisa.

*"[...] os teus seios grandes serras,
grandes lagos são os teus olhos
tua boca dourada, Tepequém, Suapi
terra do Caracaranã, do caju, seriguela
do buriti, do caxiri, Bem- Querer
dos **arraiais**, do meu HI-FI,
da morena bonita do aroma de patchully
da morena bonita do aroma de patchully
o teu importante rio chamado branco
sem preconceito em um negro ele aflui
és Alice neste país tropical,
de um cruzeiro norteando as estrelas
norte forte macuxi Roraimera [...]"*
(Grifo da autora)
**ZECA PRETO. Roraimera. Boa Vista-
Roraima, 1984.**

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a analisar as transformações culturais verificadas nas apresentações dos grupos folclóricos de quadrilhas juninas na cidade de Boa Vista, capital do Estado de Roraima, no período de 2001 a 2011. Os concursos de quadrilhas juninas em Boa Vista iniciaram em 1980, mas adquiriram maior visibilidade a partir de 2001 quando passaram a receber recursos financeiros do Governo Estadual e da Prefeitura Municipal. De modo geral, observa-se que práticas culturais tradicionais festivas ao longo da década estudada tiveram modificações no que se refere a uma dimensão espetacularizada do evento, que pode ser visualizada em múltiplos aspectos, como na dança, na música, na vestimenta e na alegoria. A metodologia inclui levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e registros etnográficos dos múltiplos aspectos culturais envolvidos no evento, além de entrevistas semiestruturadas, visando fornecer subsídios para o entendimento do processo de transformação dos grupos que participam nos concursos de quadrilhas juninas. A análise toma como referência três grupos folclóricos de quadrilhas juninas, com o propósito de revelar elementos que influenciaram nas mudanças e de que forma estão associadas à dinâmica cultural das quadrilhas.

Palavras-chave: Quadrilhas juninas; Cultura Popular; Boa Vista/Roraima.

ABSTRACT

This work proposes to examine the cultural transformations observed in the presentations of folk groups from June Festivals in Boa Vista, capital of the State of Roraima, in the period from 2001 to 2011. The square dance contests in Boa Vista began in 1980, but they gained greater visibility since 2001 when they began to receive funding from the state government and from City Hall. In general, it is observed that traditional cultural practices festive over the decade studied had changes in relation to a spectacularly dimension the event, which can be viewed in multiple ways, such as dance, music, dress and allegory. The methodology includes literature, field research and ethnographic records of multiple cultural aspects involved in the event, as well as semi-structured interviews, to provide data for understanding the transformation process of the groups participating in the contests. The analysis takes as reference three folk groups, with the purpose of revealing elements that influenced the changes and how they are associated with the cultural dynamics of square dances.

Keywords: Square Dancer; Popular Culture; Boa Vista/Roraima.

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome
ALC	Áreas de Livre Comércio
AM	Amazonas
APAIMA	Associação dos Professores de Roraima
AQUAJUR	Associação das Quadrilhas Juninas e Grupos Folclóricos do Estado de Roraima
CD	<i>Compact Disc</i>
CEC	Conselho Estadual de Cultura
CNFCP	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
CONAQJ	Confederação Nacional de Quadrilhas Juninas e Grupos Folclóricos do Brasil
GFQZM	Grupo Folclórico de Quadrilha Zé Monteirão
CNPJ	Cadastro Nacional Pessoa Jurídica
CONFEBRAQ	Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
DETRAN	Departamento Estadual de Trânsito
DST's	Doenças Sexualmente Transmissíveis
DVD	<i>Digital Versatile Disc</i>
FERQUAJ	Federação Roraimense de Quadrilhas Juninas
FETEC	Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura
FPS	Forró Pé-de-Serra
GRESSB	Grêmio Recreativo de Subtenentes e Sargentos de Boa Vista - Roraima
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
LIESA	Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro
LIQUAJUR	Liga das Quadrilhas Juninas e Grupos Folclóricos
NBR	Norma Brasileira
ONU	Organização das Nações Unidas
POLOAMAZÔNIA	Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia

POLORORAIMA	Plano de Desenvolvimento de Roraima
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SECD	Secretaria de Educação, Cultura e Desporto
SEPHD	Secretaria Extraordinária da Promoção Humana e Desenvolvimento
SEMUC	Secretaria Municipal de Comunicação Social
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
SMTRAN	Superintendência Municipal de Trânsito
SUFRAMA	Superintendência da Zona Franca de Manaus
VHS	Vídeo Home System
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa do Estado de Roraima: localização geográfica	38
Figura 2 –	Mapa político de Roraima	39
Figura 3 –	Cidade de Boa Vista-Roraima	43
Figura 4 –	A - Praça do Centro Cívico	43
Figura 5 –	B - Parque Anauá	43
Figura 6 –	C - Ginásio Poliesportivo Hélio Campos	43
Figura 7 –	Brincantes de quadrilha junina incluindo a autora, na Escola Estadual Monteiro Lobato em 1976.....	50
Figura 8 –	Repasse de verbas	87
Figura 9 –	Genealogia das quadrilhas 01	90
Figura 10 –	Genealogia das quadrilhas 02	90
Figura 11 –	Genealogia das quadrilhas 03	91
Figura 12 –	Genealogia das quadrilhas 04	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Quadrilhas juninas filiadas a LIQUAJUR em 2012	53
Quadro 2 –	Quadrilhas juninas filiadas a FERQUAJ em 2012	53
Quadro 3 –	Temas dos grupos de quadrilhas juninas em 2012	59
Quadro 4 –	Edições e temas das festas juninas promovidas pela Prefeitura de Boa Vista	74
Quadro 5 –	Quadrilhas juninas de Roraima em 2012	92
Quadro 6 –	Temáticas do grupo de quadrilha Eita Junino	96
Quadro 7 –	Temáticas do grupo de quadrilha Forrozão Caipira	105
Quadro 8 –	Temáticas do grupo de quadrilha Zé Monteiro	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE CULTURA POPULAR	18
A cultura popular numa perspectiva dinâmica	18
Hibridismo cultural	22
O espaço festivo no contexto urbano	25
O caráter religioso da festa	27
Espaço cênico da “festa oficial”	28
Equipamentos urbanos	30
Presença do Estado na cultura popular	32
2. BOA VISTA E OS FESTIVAIS FOLCLÓRICOS	36
Boa Vista, capital do Estado de Roraima	37
A festa da quadrilha junina	44
A quadrilha em Boa Vista	48
Estrutura administrativa dos quadrilheiros e a relação com o poder público	52
Os Preparativos das quadrilhas para o festival folclórico	54
Os ensaios	54
Os brincantes	56
Envolvimento da família	57
Temas das quadrilhas	58
Letras de músicas	59
Festas “oficiais” em Boa Vista	69
Festival Estadual: Arraial das Três Nações	71
Festival Municipal: Boa Vista Junina	72
O regulamento do concurso	75
Os jurados	77
A plateia	79

3. AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS EM TRÊS QUADRILHAS JUNINAS NA CIDADE DE BOA VISTA-RORAIMA	81
Mudanças na organização das quadrilhas juninas.....	82
Genealogia dos grupos de quadrilhas	89
Grupo Folclórico Quadrilha Eita Junino: organização familiar e inovação artística	94
Associação Quadrilha Forrozão Caipira: “uma fábrica de brincantes”	99
Grupo Folclórico Quadrilha Zé Monteiro: pioneiro nas inovações artísticas e força jovem	106
Dinâmica cultural: análise a partir das transformações de quadrilhas	111
CONCLUSÃO	116
REFERÊNCIAS	120
IMAGEM DE ÉPOCA E DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO CULTURAL DAS QUADRILHAS JUNINAS DE RORAIMA	128

INTRODUÇÃO

Este trabalho que se intitula “As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em Boa Vista-Roraima (2001-2011)”, busca analisar as transformações culturais verificadas nas apresentações dos grupos folclóricos de quadrilhas juninas na cidade de Boa Vista-Roraima, nos festivais folclóricos promovidos pelo Governo do Estado de Roraima e pela Prefeitura Municipal de Boa Vista.

As quadrilhas juninas se apresentam todos os anos nas festas realizadas no mês de junho, podendo estender-se até setembro. São promovidas por instituições escolares públicas e privadas, assim como pelos órgãos públicos: municipal e estadual, que irei denominar de “festa oficial”, termo utilizado por Luciana Chianca (2006, p. 76) quando se refere à festa, onde há instado palanque e se apresentam grupos de danças populares com programação organizada para o evento. Em Boa Vista, na “festa oficial”, verifica-se a presença de um grande palco coberto e o tablado para as apresentações de danças. É neste espaço festivo que as quadrilhas juninas participam de concursos e recebem premiações pelo desempenho.

Em dez anos (de 2001 a 2011) as quadrilhas sofreram mudanças em relação a alguns aspectos, como: os brincantes se caracterizam conforme o tema da dança; coreografia, os grupos são obrigados a executarem, no mínimo, quatro passos tradicionais nos concursos promovidos pelos órgãos públicos, os brincantes precisam ter um ótimo desempenho na dança, porque estão sendo avaliados e competindo com outros grupos; na música, é necessário que cada grupo apresente letra inédita e tema a ser desenvolvido durante a evolução da quadrilha, e no processo de organização social, os grupos de quadrilhas se tornaram empresas, possuindo Cadastro Nacional Pessoa Jurídica (CNPJ), e se filiaram a instituições que os representam legalmente, ou seja, a Federação Roraimense das Quadrilhas Juninas (FERQUAJ) e a Liga das Quadrilhas Juninas e Grupos Folclóricos de Roraima (LIQUAJUR)¹. Observam-se também transformações na formação dos grupos, na dança, no figurino, na música e melodia.

Nos dias atuais, cada grupo apresenta uma temática que é desenvolvida durante a dança, são incorporados personagens que inspiram uma música, “homenageiam” artistas da televisão, meio ambiente, de revistas em quadrinhos, as tecnologias, pontos geográficos, festejos natalinos, a Copa do Mundo, entre outros. De acordo com Silva, P., (2009, p. 07),

¹ A Associação das Quadrilhas Juninas de Roraima e Grupos Folclóricos (AQUAJUR) foi criada em 2001 e se transformou em Liga das Quadrilhas Juninas e Grupos Folclóricos de Roraima no mês de julho de 2011.

parecem passar por um processo de amadurecimento artístico, aproximando-se da profissionalização: “deixando de lado a figura do tabaréu² desdentado, feio e sujo, as quadrilhas incorporam personagens (Lampião, Maria Bonita, Cangaceiro) e adotam indumentárias luxuosas”.

As mudanças foram gradativas, iniciando a partir de 2001 nos festivais folclóricos, com o apoio financeiro do poder público (Estado e Município) e na dimensão de espetáculo que adquiriram nos eventos. Após dez anos, verificam-se transformações culturais significativas nas apresentações de quadrilhas, elementos tradicionais estão sendo suprimidos e novos elementos foram inseridos.

No primeiro capítulo, a intenção é de estabelecer uma discussão mais teórica que irá fundamentar este trabalho. Busquei debater sobre o dinamismo da cultura popular, enfatizando o quadro cultural das manifestações ditas folclóricas na sociedade contemporânea, assim como aspectos voltados ao hibridismo cultural, o espaço festivo no contexto urbano, o caráter religioso da festa, equipamentos urbanos e a relação da cultura popular com o poder público.

No segundo capítulo, pretendo situar o leitor quanto ao espaço de realização das festas juninas promovidas pelo Governo do Estado de Roraima e Prefeitura Municipal de Boa Vista. Serão mostrados registros históricos das quadrilhas juninas por meio da revisão bibliográfica, além de conhecer a estrutura administrativa das instituições que representam estes grupos: a FERQUAJ e a LIQUAJUR, identificando a relação com o poder público estadual e municipal. Por meio do trabalho de campo, serão apresentados os preparativos das quadrilhas para o festival folclórico, que envolve os ensaios, perfil dos brincantes, o envolvimento da família, e análise das letras de músicas apresentadas por grupos nos concursos.

Na sequência, descrevo o processo de realização das festas promovidas pelo estado e prefeitura, por meio de uma retrospectiva histórica até o regulamento dos concursos de quadrilhas juninas, que inclui o papel dos jurados, quesitos avaliados e pontuação. Nesta análise, será enfatizado o papel da plateia e a contribuição prestada aos seus grupos, tendo em vista que o concurso de quadrilhas atrai o público ao evento: torcida organizada, familiares e simpatizantes, que se torna um *show* à parte nas festas.

² De acordo com Cascudo (1972), tabaréu é um nome dado ao habitante que mora no campo, também chamado de matuto e roceiro.

No terceiro capítulo, realizo um estudo com três grupos folclóricos de quadrilhas juninas em Boa Vista-Roraima, que são: Grupo Folclórico Quadrilha Eita Junino, Associação Quadrilha Forrozão Caipira e Grupo Folclórico Zé Monteirão, com o propósito de analisar as transformações culturais quanto à participação em concursos nos festivais promovidos pelo poder público estadual e municipal no período de 2001 a 2011.

Para efeito de análise foram selecionados três grupos folclóricos, considerando pioneirismo, relevância social e transformações verificadas em múltiplos aspectos desses grupos, no período definido para estudo.

A escolha destes grupos justifica-se também por ter maior aproximação com as lideranças, o que facilitou minha inserção no campo e por apresentarem o processo de produção bem distinto, possibilitando-me observar as várias etapas dessa dinâmica.

Cada grupo estudado possui uma característica especial, que determinou o motivo da seleção para participar da pesquisa: a quadrilha Zé Monteirão foi uma das pioneiras no processo de inovação, inserindo tema, alegorias e mudando estilo na roupagem dos brincantes; a quadrilha Eita Junino continuou com essa “revolução” quadrilheira, destaca-se por apresentar grandes espetáculos; e a Forrozão Caipira, é a quadrilha mais antiga que as duas anteriores, inovou nas apresentações no final da década de 1990, mas foi superada pelas outras, mesmo assim, compete com os grandes grupos.

Outros critérios foram estabelecidos para seleção dos grupos Folclóricos de Quadrilhas Juninas que irão fazer parte deste terceiro capítulo: possuem formas diferentes de gestão, a data de fundação é antes do início do período estudado, ou seja, em 2001, e estão inseridos no processo de transformação cultural que estamos propondo analisar.

A metodologia é constituída de levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e registro etnográfico de múltiplos aspectos culturais envolvidos no evento. Foi adotada a abordagem da pesquisa qualitativa e os dados que foram coletados serão apresentados de forma descritiva.

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES SOBRE CULTURA POPULAR

Neste capítulo estabeleço uma discussão com teóricos que fundamentam este trabalho, buscando debater sobre cultura popular numa perspectiva dinâmica, visto que a quadrilha junina em Boa Vista tem passado por transformações a cada ano. Nota-se que além dos passos tradicionais como: a grande roda, o túnel, o serrote, entre outros, há a presença de novas coreografias. Sobre este aspecto, Cascudo (2006, p. 48) afirma que “[...] deixa sempre margem à criação ou renovação individual do dançarino, com novos passos ou ressuscitando passos esquecidos”.

Para não perder sua característica, os coordenadores³ dos concursos patrocinados pelo poder público, exigiram que fosse incluída no regulamento a apresentação de, no mínimo, quatro passos tradicionais. De fato, os grupos cumprem com este item, mas acrescentaram coreografias inovadoras.

Porém, verifica-se que alguns grupos estão em fase de transição entre tradicional e estilizado, em que as coreografias passam a ser ensaiadas e executadas de acordo com a música, não dependendo mais das ordens do marcador. Para Debord (1997, p. 120), a tradição e a inovação fazem parte do desenvolvimento interno da cultura das sociedades, de forma que esta inovação da cultura “[...] só é sustentada pelo movimento histórico total que, ao tomar consciência de sua totalidade, tende à superação de seus próprios pressupostos naturais e vai ao sentido da supressão de toda separação”.

A cultura popular numa perspectiva dinâmica

A vida de um grupo social passa por várias transformações de ordem temporal e histórica, algumas mudam mais lentamente e outras mais rapidamente, dependem do espaço e do tempo histórico em que surgiram. O estudo destes fatores nos faz entender o que seja a cultura popular, considerado por Gullar (2006) um fenômeno novo na vida brasileira. O sentido do “fenômeno novo”, para Ortiz (2006), é entendido como a desvinculação com o

³ Os coordenadores são os profissionais que ocupam os cargos de confiança dos departamentos de cultura do estado: Secretaria de Educação, Cultura e Desportos (SECD), e do município de Boa Vista: Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura (FETEC).

caráter apenas conservador, que lhe era atribuído anteriormente, permanecendo esta característica para o folclore, entendida como manifestações culturais de cunho tradicional e a cultura popular, sendo dinâmica e sujeita a transformações. Ferreti (2007, p. 03) entende a expressão cultura popular como “[...] uma forma mais moderna de designar o folclore”.

Cumprido observar que há certa dificuldade em distinguir conceitos entre folclore e cultura popular pelos próprios estudiosos no assunto, assim, adotaremos o segundo termo em consonância com o que preconiza a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), que consideram equivalentes os termos folclore e cultura popular, definem como modos de agir, pensar e sentir de um povo, ou seja, como expressões da cultura desse povo (CNFCP, 2012).

Para Gullar (2006), a expressão cultura popular, não significa apenas a cultura do povo, a discussão é muito mais ampla, tendo em vista que deixa clara a distinção de classes, de forma que, esta cultura está a serviço da população. Nessa linha de reflexão, Cascudo (2006) atesta que várias práticas sociais são consideradas manifestações folclóricas, podendo ser encontradas nos mais diversificados campos de atividade, por exemplo, as festas, são folguedos carnavalescos; são artes plásticas e literatura populares, são músicas e danças.

Entretanto, o enfoque que é dado às transformações da cultura popular analisada por Magnani (2003, p. 26) que, por outro ângulo, nos faz compreender que muitos pesquisadores que se dizem defensores, são concomitantemente resistentes às transformações: “a mudança de uma vestimenta, a substituição de um instrumento ou adaptação de um antigo costume são vistos como sintomas da progressiva diluição das tradições populares”. Para este autor,

Mais relevante que lamentar a perda de uma suposta autenticidade, no entanto, é tentar analisar as crenças, costumes, festas, valores e formas de entretenimento na forma em que se apresentam hoje, pois a cultura, mais que uma soma de produtos, é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado (MAGNANI, 2003, p. 26).

Carvalho L. (2012, p. 67) aponta que o folclore designava o que era considerado produção cultural tradicional, anônima, coletiva, enraizada no homem do povo e em seu território, assim, foi adquirindo uma carga pejorativa, associada ao que é antiquado e anedótico. Com a dinamicidade dos fenômenos culturais, a autora nos chama atenção da situação atual que “[...] vem ocorrendo, nos mais diferentes contextos, a substituição, cada

dia aparentemente mais simples e natural, do termo cultura popular por patrimônio imaterial, tal como aquele termo outrora substituiu o de folclore”.

Esta discussão passa a ter sentido quando analisamos a terminologia “grupos folclóricos”, relacionados às quadrilhas juninas, de forma bem objetiva. Cascudo (2006, p. 23) esclarece da seguinte forma: “o folclórico decorre da memória coletiva, indistinta e contínua. Deverá ser sempre o popular e mais uma sobrevivência [...]”, para este autor, o popular se tornará folclórico quando perderem as tonalidades da época de sua criação. Já Ortiz (2006) enfatiza sobre o caráter conservador do folclore, seja na perspectiva de tradição ou de memória coletiva.

De acordo com Canclini (2011), o folclore na modernidade acompanhou as transformações das tecnologias e o avanço das comunicações, assim como se percebe no crescimento da difusão das culturas tradicionais, com a promoção das indústrias fonográficas, aos festivais de dança, ampla divulgação por meio da mídia radiofônica e televisiva das músicas locais em escala nacional e internacional.

Assim, as quadrilhas juninas, enquanto grupos folclóricos vêm mantendo sua tradição nos festejos juninos, nos passos da dança e na música, entre outras, assim como cultura popular que, além da tradição, vêm assumindo uma postura renovada e aberta as transformações em suas múltiplas interações com as questões socioculturais.

Verifica-se que os conceitos entre folclore e cultura popular em determinados momentos se imbricam. Para Cascudo (2006), a literatura folclórica é considerada popular, mas nem toda produção popular, é folclórica. Assim, com relação às quadrilhas juninas, vamos tratá-la neste trabalho dentro do conceito de “cultura popular”, considerando a sua contemporaneidade (CASCUDO, 2006) e dinamicidade (DURHAM, 2004).

No contexto do folclore, Cavalcante e Gonçalves (2009, p. 112) entendem que as inovações individuais que foram realizadas e responderam às exigências da coletividade, tornam-se elementos da obra folclórica, tendo em vista que foram aceitos e integrados, na concepção modernista, os processos culturais assim compreendidos como folclore “[...] são dotados de extraordinário dinamismo, por isso mesmo, de forte capacidade de permanecer ao longo do tempo [...]”.

Tentar conceituar cultura popular torna-se muito complexo, tendo em vista que não existe uma definição precisa, pois depende da escolha de um ponto de vista e, em geral, implica na tomada de posição (CANCLINI, 2011; BOSI, 2008). No entanto, Guimarães (2010) faz uma abordagem sobre o conceito de cultura popular na contemporaneidade:

[...] o enfoque dado à cultura popular preocupa-se com a inter-relação de saberes diversos; preocupa-se com a perpetuação de formas culturais; faz com que o historiador fique atento à questão das intermediações e dos filtros. A reaproximação da história com a etnologia propiciou a visão da cultura popular como um tráfego de mão dupla - onde a ideia de purismo não faz mais sentido - mas é fecunda a ideia da circulação dos níveis culturais, que devem um tributo tanto ao marxismo como à antropologia (GUIMARÃES, 2010, p. 05).

Portanto, torna-se importante entender o significado de cultura numa perspectiva antropológica, tendo em vista que as transformações se processam no segmento da cultura popular em Boa Vista, mais especificamente nas quadrilhas juninas. Neste sentido, Braga (2007a, p. 55) menciona que “[...] desde a segunda metade do século XIX, o conceito de cultura tem recebido diferentes acepções”, sendo que é interpretado como um fator dinâmico e complexo.

Canclini (2011) enfatiza que as transformações culturais sofreram influências das novas tecnologias – responsáveis em promover também criatividade e inovação –, e das mudanças no processo de produção, meios de comunicação, além da expansão do espaço urbano. Venturelli (2004, p. 11) entende que o termo “novas tecnologias” relacionadas à arte, trata-se da “[...] fotografia, o cinema e o vídeo e, por ‘tecnologias contemporâneas’, as computacionais”. Assim, a cultura pode ser vista como um conjunto de atividades e modos de agir, costumes e instruções de uma sociedade.

A primeira definição de cultura formulada do ponto de vista das ciências sociais pertence a Edward Tylor, procurando demonstrar que pode ser objeto de um estudo sistemático, pois se trata de um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais artificiais (isto é, não naturais ou biológicos) aprendidos de geração em geração por meio da vida em sociedade. Porém, de acordo com a perspectiva teórica do sociólogo ou antropólogo em questão, essa definição passou por mudanças devido ao vasto e complexo campo de estudo, permitindo um estudo objetivo e uma análise capaz de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução (LARAIA, 2007).

White e Dillingham (2009, p. 65) afirmam que a cultura possui o sentido mais amplo da expressão, estando presente nas ideias e sentimentos, no comportamento interpessoal e em objetos, de forma que consideram estas dimensões os três focos da cultura. Enfatizam ainda definições difundidas nas literaturas do que seja necessário ter apenas duas pessoas para se fazer uma cultura, de forma que “tudo que uma pessoa faz como ser humano, é feito na interação com outros seres humanos”.

Para Sanches (2009) só o homem é capaz de produzir cultura, considerada como tudo aquilo que ele fez, criou, descobriu, transformou e aperfeiçoou desde que iniciou este procedimento. Para este autor deve-se considerar a cultura como um todo, levando em conta os hábitos, costumes, organização social, ciência, religião, economia, medicina.

Para designar a mescla das culturas ou a variedade dos objetos híbridos, Burke (2009, p. 39) utiliza-se da terminologia “crioulização”, além de discutir em sua obra *Hibridismo Cultural*, outras variedades de nomenclaturas, assim afirma: “estarei, portanto, discutindo as idéias de empréstimo, hibridismo, caldeirão cultural, ensopadinho cultural e finalmente, tradução cultural e crioulização”. Então, de todas estas designações, a mais utilizada como modelo de mesclas culturais foi crioulização, modelo linguístico estendido a outras formas de culturas.

Hibridismo cultural

Brant (2009, p. 34) nos alerta sobre a homogeneização da cultura, resultando no “[...] hibridismo cultural da sociedade global, capaz de agir com a mesma intensidade e força de comando em sociedades tão distintas”. Em Roraima, este processo pode estar presente como um dos fatores de mudanças nas quadrilhas juninas com a diversidade cultural das pessoas envolvidas, oriundas de várias partes do Brasil. Os quadrilheiros contemporâneos acrescentam novos elementos na dança popular que foram trazidos de diversas culturas regionais brasileiras. Identificamos estas características nas vestimentas, coreografias, música, indumentárias, alegorias, entre outras. Para Debord (1997), o princípio de desenvolvimento interno da cultura das sociedades históricas é a luta entre a tradição e a inovação, que é sustentada pelo movimento histórico.

Com a homogeneização dos fenômenos culturais, Canclini (2011) nos faz pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos resultantes de elementos procedentes de diversas classes e nações e se expressa por meio de diversos elementos como a literatura, a pintura, a gastronomia, a música, a dança, entre tantas outras, que são manifestações e práticas cotidianas.

Uma definição do que vem a ser hibridação é dada por Canclini (2011) em sua obra “*Culturas Híbridas*”, considerada como processo sociocultural que pode existir de forma separada, se combina com outras culturas para gerar novas estruturas, os novos povos trazem suas tradições que contribuem no contexto cultural da população local. Porém, outro aspecto

que se deve considerar, para este autor, é a expansão urbana, uma das causas que intensificam a hibridação cultural. De certa forma, pode-se considerar que, com os contatos entre culturas em Roraima, a hibridação adquire relevância na produção de novos conhecimentos e novas técnicas, e quem ganha com isso é a população local (PEREZ, 2011). É neste contexto que as quadrilhas juninas estão inseridas.

Para Burke (2009), toda cultura é híbrida, e o processo de hibridização acontece todo o tempo. Para este autor, o que está por trás deste fator é o processo de globalização, tendo em vista a tendência global da mistura das esferas econômica, social e política. Sobre as consequências do processo de hibridização, Burke (2009, p. 18) enfatiza: “o preço da hibridização, especialmente naquela forma inusitadamente rápida que é característica de nossa época, inclui a perda de tradições regionais e de raízes locais [...]”.

A manifestação cultural das quadrilhas juninas em Boa Vista faz parte de um processo dinâmico da cultura, visto que, em 2001 a produção e organização dos grupos se restringiam, em parte, às vestimentas e coreografias mais simples do que se tem apresentado nos dias atuais. Não havia complementos como cenários, alegorias ou efeitos especiais. Nos últimos anos, houve a necessidade da inserção de novas formas de produzir quadrilha, principalmente com a sua institucionalização, atendendo a novas regras, resultando em ricas produções.

Barreto e Pereira (2002) lembram que os festejos juninos entre as várias tradições populares, se caracterizam por ser uma das mais importantes e ricas manifestações folclóricas, mesmo preservando o caráter popular, atinge do tradicional ao estilizado, as mudanças estão presentes nos trajes, nas danças, na música, entre outros. Para estes autores, a dança junina apresenta uma sequência de movimentos corporais executados de forma ritmada por meio das seguintes danças: quadrilha, baião, xaxado, xote, forró, arrasta pé, entre outras.

Este processo de manter as características básicas de uma dança de salão, em que os pares fazem evoluções diversas, mesmo passadas de geração a geração, está se preservando em sua estrutura básica, onde há a conservação inovadora do elemento tradicional. Para Santos (2008, p. 59) a inovação faz parte de um “[...] dinâmico processo de apropriações e ressignificações inerente às expressões culturais, a quadrilha foi se configurando com características bastante especiais”.

A este dinamismo cultural, Durham (2004, p. 231) considera “[...] um processo permanente de reorganização das representações na prática social, representações estas que são simultaneamente condição e produto desta prática”. Neste sentido, as manifestações

ditas culturais na cidade de Boa Vista acompanham as transformações do tempo, sendo hoje diversificadas. Para Bosi (2008, p. 07) faz parte de “[...] um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço”, tratando-se do resultado das influências e contribuições dos imigrantes de vários estados, principalmente do Sul, Norte e Nordeste, onde os valores, conhecimentos, objetos e celebrações, que fazem parte da vida da população, são itens que formam a cultura popular.

As quadrilhas juninas vêm incorporando novas dinâmicas e novos símbolos, que vão se fazendo presentes nos grandes festivais juninos, a exemplo das festas que se espetacularizaram, como o carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro e o Festival de Boi de Parintins no Amazonas, que agregam um sentido competitivo em suas categorias, ponto em comum entre estas festas (GOMES, 2011), e mais, o termo “carnavalizar” também é atribuído às apresentações das quadrilhas juninas na atualidade, devido ao grande espetáculo com visibilidade e projeção, assim como o carnaval carioca.

Recentemente, Miranda (2006, p. 13) expôs sua opinião sobre a banalização dos produtos culturais “[...] tão evidentes pelas indústrias culturais da sociedade de massas, parece emergir de modo diferenciado na era da globalização”. Sobre as transformações no campo da cultura deste século, este autor afirma:

Foram talvez mais significativas em condutas e regras de comportamento social e individual do que poderíamos supor. A transgressão de valores e de costumes, aliada à difusão de novos estilos de vida, hábitos de consumo e práticas renovadas das instituições, inclusive em educação e cultura, são alguns dos exemplos que reiteram o panorama das grandes mudanças (MIRANDA, 2006, p.11).

Pode-se considerar que o tempo constitui um elemento importante no estudo de uma cultura e cada sistema cultural está sempre em mudança, porque a cultura é dinâmica. Traços se perdem, outros se adicionam em velocidades distintas nas diferentes sociedades (LARAIA, 2007). Boa Vista não foge desta realidade, a dança de quadrilha já não é mais a mesma que se assistia no passado, evoluiu na sua organização interna, no modo de produzir o vestuário dos brincantes, não se vê mais a chita ou outro tecido estampado e de baixo custo. Hoje os tecidos usados são: organza, seda, entre outros tecidos finos. Os brincantes ensaiam meses para aprenderem coreografias diferentes dos passos tradicionais do passado, entre outras. Mas esta mudança no modo de produzir quadrilhas é resultante da dinâmica do próprio sistema cultural.

As festas religiosas, as folclóricas, os espaços culturais e toda manifestação artística, caracterizam a cultura popular de Boa Vista, capital de Roraima, apresentando-se de forma variada que vem sendo modificada com a presença de várias culturas trazidas pelos imigrantes oriundos dos estados brasileiros, como: Amazonas, Ceará, Maranhão, Pará, Paraíba, Rio Grande do Sul, entre outros, resultando em diversidades culturais que encontramos nos dias atuais.

Sobre a hegemonia da expressão cultural em Roraima, AMBTEC (1994, p. 456) atribui a “[...] tradição indígena, associada à expressão cultural dos imigrantes nortistas, nordestinos e sulistas, gerou um produto cultural único e raro reunido pela relação mágica, milenar e harmoniosa do homem com a natureza [...]”. O termo "expressões culturais" é entendido pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, como as expressões que resultam da criatividade de indivíduos, grupos e sociedades e que possuem conteúdo cultural (UNESCO, 2007).

Para Cavalcante (2009) alguns grupos sociais como o poder público, os meios de comunicação e o turismo, contribuem nas transformações permanentes da cidade, e entende que esse processo é bem visível na cidade do Rio de Janeiro tendo como base, o Carnaval por meio das escolas de samba, já que se configura como a atração principal deste evento.

O espaço festivo no contexto urbano

O local de realização das festas juninas promovidas pelo poder público em Boa Vista, designadas de “arraiais”, que são realizadas apenas uma vez por ano no período junino, favorece novas dinâmicas no seu entorno. Observamos a mudança na vida cotidiana da cidade que vai se transformando em espaço festivo e incorporando novas práticas. Segundo Braga (2012, p. 89) “[...] a cultura popular que está sendo produzida tem uma dinâmica própria que de certa forma está em sintonia com o ritmo de pessoas que vivenciam diferentes situações e experiências”. Este espaço é cheio de significados e representações, configura-se como lugar de encontros, realizações, sentimentos religiosos, caráter econômico, político ou turístico (GOMES, 2011).

Os espaços festivos os quais estamos nos referenciando são aqueles ocupados pelo poder público local para a realização nos arraiais: a Praça do Centro Cívico, espaço da festividade municipal; e o Parque Anauá, espaço estadual. Estes locais adquirem visibilidade através da participação ativa do público: brincantes, comerciantes, plateia, as pessoas em

geral presentes no local, entre outros. Além disso, estão sujeitos às normas e instituições, porque neles há uma organização política, formando assim o “espaço público” (CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2012, p. 11), o seu conceito está vinculado ao da “[...] democracia moderna e relaciona-se à esfera pública, ao reino da opinião e da ação coletiva [...]”. Estes autores identificam alguns lugares na área urbana que são considerados espaços públicos quanto a sua estrutura física, por exemplo, a praça, a rua e um centro comercial, o mais importante neste perfil, é que não haja obstáculos para acesso e participação da sociedade.

Aqui se sustenta a ideia de que o espaço público ao mesmo tempo em que oferece uma condição à liberdade de acesso, a população fica subordinada aos critérios que a lei lhe impõe. Neste caso, Castro, Gomes e Corrêa (2012), definem como espaço político, já que está delimitado por regras e estratégias do poder político que demarca um território onde interesses se organizam, existindo a possibilidade do recurso à coerção, pela lei ou pela força legítima.

Porém, há diversos locais na área urbana que são considerados públicos e possuem acesso restrito, mas não perdem o perfil de público, por exemplo, hospitais, instituições escolares, área militar, entre outros (CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2012). No entorno do espaço festivo municipal, encontramos locais neste perfil, como: as Escolas Estaduais Lobo D’Almada e Princesa Isabel, a Assembleia Legislativa, a Catedral, o Tribunal de Justiça, e outros. Já os locais próximos da festa estadual, há o Hospital Geral de Roraima, o Hemocentro, a Universidade Federal de Roraima, o Aeroporto Internacional de Boa Vista Atlas Brasil Cantanhade, entre outros. Entretanto, apesar de não dispor de acesso livre, há exceções em algumas destas áreas que permitem a circulação de pessoas em determinado período, por exemplo, em eventos culturais nas escolas ou universidades, que exige a participação efetiva da sociedade em geral.

As manifestações da vida social nos espaços públicos são maneiras de ser nesses locais, capazes, portanto, de unir uma dimensão física ou concreta a uma dimensão mais abstrata de comunicação social ou bens inatingíveis. Por isso, vale ressaltar: o espaço público pode ser visto simultaneamente como um lugar material e imaterial.

O espaço urbano de Boa Vista se modificou com o tempo, através da influência de um povo que conserva valores tradicionais de seu lugar de origem (VALE, 2007). Os arraiais são característicos das festas juninas realizadas à moda do interior, há a venda de pratos de comidas típicas da região, apresentações de danças e brincadeiras, que, aos poucos, foram saindo das igrejas e ganhando as ruas e até proporcionando a criação de festivais,

como ocorre na cidade de Manaus, no Amazonas, que passou a denominá-lo “Festival Folclórico”, onde há concursos de grupos de danças, inclusive de quadrilha junina.

O caráter religioso da festa

A festa está intimamente ligada às cerimônias religiosas desde as sociedades antigas. O simbolismo, o rito, o conjunto de regras e as cerimônias presentes na vida coletiva da sociedade antiga que se praticavam por meio da religião, fizeram da cidade uma associação religiosa e política das famílias que constituíram a base social. Pode-se enfatizar também o surgimento das disposições legislativas (as leis) e, cada cidade deveria ser independente uma das outras, possuindo a sua justiça soberana, além disso, suas festas religiosas tinham seu próprio calendário; porém, os meses e ano podiam ser os mesmos, mas a seqüência dos atos religiosos era diferente (CASTORIADIS, 1982).

Amaral (1998) nos mostra que a homenagem prestada a São João, comemorada no dia 24 do mês de junho, foi uma das primeiras festas populares registradas no período colonial do Brasil e que permanece até os dias atuais, já com fogueiras e danças.

As festas promovidas pelo poder público estadual e municipal possuem caráter religioso, tendo em vista que são realizadas em homenagem aos santos católicos, que mistura elementos da Igreja Católica e das tradições populares da cultura local (CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2012). Sobre a relação entre festas, religião e cidade, Perez (2011) menciona:

Nossas festas, sejam laicas ou religiosas, oficiais ou populares – em sua multiplicidade de manifestações, recortando o país de norte a sul, leste a oeste –, mostram uma maneira de viver o fato coletivo, de perceber o mundo e de com ele se relacionar. São vias reflexivas privilegiadas para penetrar no coração da sociedade brasileira. E se penetra pela porta da cidade, da igreja, da praça, lugares onde acontece. Enfim: a festa, religião e cidade dão a pensar, solicitam a reflexão (PEREZ, 2011, p. 22).

A religião, enquanto “[...] o conjunto de crenças, normas e rituais a partir do sagrado em torno dele, surgiu em um ‘centro’ específico” (CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2012, p. 79), marcou a formação das cidades dos povos antigos e constituiu em uma rede simbólica, Durand (2000) diz que os valores religiosos estão presentes também na arte, na magia, na alma, nos espíritos e deuses. Sobre as festas de caráter religioso, Bakhtin (2010, p. 4) afirma

que quase todas “[...] possuem um aspecto cômico e popular, consagrado também pela tradição”.

A religião foi a base da sociedade, nas palavras de Coulanges (2006, p.145): “a cidade era a associação religiosa e política das famílias e das tribos; a urbe, o lugar de reunião, o domicílio e sobretudo o santuário dessa sociedade”. Para Durkheim (1970) a religião representa a vida coletiva da sociedade, nas palavras do autor:

[...] a primeira de toda consciência social está em relação estreita com o número de elementos sociais, com a maneira pela qual se agrupam e se distribuem [...]. Mas, uma vez que a primeira base de representações assim se constitua, elas se tornam [...] realidades parcialmente autônomas, que vivem uma vida própria. Tem o poder de se atrair, de se repelir, de formar entre si sínteses de toda espécie, que são determinadas por suas afinidades naturais e não pelo estado do meio em que evoluem. Em consequência, as representações novas, que são produto dessas sínteses, são da mesma natureza: têm como causas próximas outras representações coletivas, e não tal ou qual característica da estrutura social. É na evolução religiosa que se encontram, talvez, os exemplos mais expressivos desse fenômeno (DURKHEIM, 1970, p.44).

Castoriadis (1982) faz uma associação do simbolismo com a história presente nesta época, onde a sociedade constitui seu simbolismo, tudo que imaginamos no mundo social-histórico está indissociavelmente entrelaçado com o simbolismo, assim, podemos citar como exemplo, o ritual presente na religião das sociedades históricas, não se restringe apenas ao simbolismo, mas só podem existir no simbolismo.

Espaço cênico da “festa oficial”

A Praça do Centro Cívico e o Parque Anauá localizados na cidade de Boa Vista são os locais onde se realizam os concursos de quadrilhas juninas. Estes espaços abertos, de uso da comunidade, de lazer e, durante os festejos juninos, se convertem num “espaço cênico” e de interação social. Para Leite (2009, p. 191), configuram-se em espaços públicos intersticiais, “porque são eles que tornam locais de visibilidade, de disputas simbólicas, práticas e consumo em busca do reconhecimento público da diferença [...]”. Já para Castro, Gomes e Corrêa (2012), este espaço se torna uma área de representação da plateia, além de ficar disposto para os jurados, que têm a tarefa de julgar os quesitos obrigatórios durante a dança.

Neste lugar regrado dentro da festa, conforme Del Priore (2000, p. 63), há a integração entre diferentes segmentos sociais: “[...] apontando suas maneiras específicas de usar a festa como um espaço de diversão; tais partes de um todo comemorativo são igualmente importantes para qualquer dos grupos sociais que dele participam”. Para esta autora, o pretexto da festa ser sempre institucional, quando promovida pelo poder público, designada por Chianca (2006) de “festa oficial”, é devido à necessidade de usar o espaço público, a praça ou a rua para mostrar que o poder está presente e esta condição era uma regra no período colonial até os dias atuais. O termo “festas oficiais” também foi designado por Bakhtin (2010) ao referir-se às festas da Idade Média, àquelas promovidas pela Igreja assim como pelo Estado feudal.

Neste contexto, Perez (2011, p. 104) afirma que a festa no período colonial “[...] estava a serviço do poder [...] atuando como um espetáculo, seu caráter barroco-dionisíaco⁴ possibilitava a experiência de êxtase místico nas igrejas cobertas de ouro [...]”. Para esta autora, o sentido de espetáculo atribui-se a uma conotação característica do poder que se demonstra.

Para tanto, observa-se a importância da presença e do papel desempenhado pelo poder público na promoção às manifestações culturais, tanto na forma de apropriação do espaço como na forma de manifestação desse poder através da propaganda (CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2012).

Perez (2011, p. 14) entende festa como a “[...] exuberante manifestação coletiva de alegria, gozo ou júbilo, que decorre da posse, ou esperança da posse, de um objeto material ou simbólico”. Para esta autora, não há festas de caráter individual, e enfatiza que há uma comunhão de sentimentos que implica em vínculo social. A produção da festa junina em Boa Vista coincide com esta característica, resultado do trabalho coletivo, porque exige o envolvimento de vários segmentos da sociedade.

A cidade, para Castro, Gomes e Corrêa, (2012, p. 29) é um “[...] universo de trocas cotidianas em seus diferentes e variados espaços públicos”. Nos dias atuais, a cidade criou um novo simbolismo, o espaço festivo e público possui novas regras, é o lugar onde se tem dinâmica das pessoas, tem seus pontos positivos e também negativos, que resulta na cultura pública, de forma que não se exige que o indivíduo renuncie às suas diferenças.

Este espaço destinado às múltiplas manifestações da cultura popular em Boa Vista é realizado num local aberto, no que se refere as festividades promovidas pelo poder público:

⁴ O termo “dionisíaco” advém de Dionísio, segundo Perez (2011, p. 99) “é o deus da festa”.

municipal, na Praça do Centro Cívico, assim como estadual, no Parque Anauá. Esta característica coincide com os festejos da Idade Média, segundo a obra “Cultura popular na idade Média e no Renascimento no contexto de François Rabelais”, do pensador russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, a cultura popular estava na rua, no espaço público, onde se tinha comédia, risos, cortejos, carnaval, era o espaço da rua (BAKHTIN, 2010).

Esta ideia do riso, da ironia, do festejo em praça pública, o elemento grotesco, de carnavalização, diversas formas de vocabulário familiar e grosseiro (BAKHTIN, 2010) ao mesmo tempo em que há o luxo ou o literário e, sobretudo, da ocupação do espaço público, estão presentes nas quadrilhas juninas, características estas relacionadas na expressão artística e apresentadas em forma de espetáculo teatral.

Equipamentos urbanos

De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) através da Norma Brasileira (NBR) n.º. 9284/88, equipamento urbano é definido como: “[...] todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público [...]” (MORAES; GOUDARD; OLIVEIRA, 2008, p. 06). São exemplos de equipamento urbano: ginásio de esportes, clubes, escolas, praças, parques, auditórios, estacionamentos e outros.

A Lei Federal 6.766 de 19 de dezembro de 1979, considera equipamentos públicos (BRASIL, 1979):

a) comunitários: os equipamentos públicos de educação, cultura, saúde, lazer e similares; e

b) urbanos: os equipamentos públicos de abastecimento de água, serviços de esgotos, energia elétrica, coletas de águas pluviais, rede telefônica e gás canalizado.

Podemos citar outros exemplos de equipamentos urbanos: as lixeiras, floreiras, pontos de ônibus, bancos de praça, orelhões, caixas de correio, sanitários públicos, placas de informação e orientação, entre outros, com o objetivo de dar segurança, conforto e informação aos cidadãos.

Uma das características marcantes presentes no espaço festivo, é a estrutura “arquitetônica” destinada à apresentação de manifestações culturais das mais diversas modalidades. Trata-se da estrutura que é criada no local da festa, que é implantada mediante

autorização do poder público. No caso do espaço das festas juninas realizadas em Boa Vista, são espaços públicos que visam à realização de eventos culturais e lazer.

Diferentemente do que é realizado em Fonte Boa, Alto Solimões, município do Amazonas, os grupos de quadrilhas de Boa Vista não possuem espaços reservados ou adequados para a confecção e armazenamento das suas alegorias e fantasias. Conforme relata Holanda (2010, p. 202) em sua dissertação de Mestrado sobre o festival dos bois-bumbás de Fonte Boa, Alto Solimões, estado do Amazonas: “cada bumbá possui um grande galpão [...] onde são confeccionadas as alegorias e fantasias [...]”.

De acordo com a realidade de Boa Vista, os grupos folclóricos de quadrilha junina utilizam-se dos espaços disponíveis em suas sedes ou improvisados para a confecção e armazenamento dos materiais. Não há um espaço específico para os grupos de quadrilhas, de cirandas, de boi-bumbá e nem para as escolas de samba trabalhar, assim como há Sambódromo das Escolas de Samba do Rio de Janeiro; Cirandródromo, no município de Manacapuru no Amazonas para os grupos de cirandas; Bumbódromo, em Manaus (GAMA; SILVA; FERNANDES, 2012) e em Parintins no Amazonas (BRAGA, 2002); Grande Galpão como há no município de Fonte Boa, no Amazonas, destinado aos grupos de bois (HOLANDA, 2010), apesar de haver a possibilidade de viabilização quanto à construção de um Centro de Convenções com um “Quadrilhódromo” para Boa Vista, conforme discurso de um deputado federal publicado no site da Câmara dos Deputados em 2011 (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2011).

A prefeitura de Boa Vista disponibiliza estrutura física na Praça do Centro Cívico e o Governo do Estado de Roraima no Parque Anauá para os arraiais, desde arquibancadas para o público, camarotes das autoridades e convidados, barracas enfeitadas com símbolos juninos, bandeirinhas sobre o espaço festivo, uma fogueira fictícia, parque de diversões, entre outros. O que não pode faltar é o tablado que fica entre as arquibancadas, que é o local de apresentação e competição dos grupos de quadrilhas. A prefeitura também dispõe de imagens dos santos homenageados: Santo Antônio, São João e São Pedro. Estes espaços não são considerados adequados para a realização das quadrilhas, mas procuram atender às expectativas do público e dos grupos.

Porém, seria ideal que estes grupos folclóricos possuíssem um espaço próprio e adequado para as apresentações, assim como há em Parintins, o “Bumbódromo”, construído com recursos do Governo do Estado do Amazonas, inaugurado em 1988, conforme relata Braga (2002, p. 29): “[...] constituindo um projeto arquitetônico espetacular, comparável em termos funcionais ao sambódromo do Rio de Janeiro ou de Manaus [...]”, informa ainda que

algumas adaptações na estrutura física do Bumbódromo de Parintins foram realizadas dez anos depois, por exemplo, a construção de camarotes laterais, localizados na parte superior das arquibancadas.

Em Boa Vista, os organizadores das festas juninas promovidas pelos órgãos públicos, procuram oferecer equipamento urbano de caráter temporário, uma estrutura adequada ao público, por exemplo, barracas, sanitários, parque de diversão, entre outros. Além disso, promovem um comércio variado, que vai desde vendedores ambulantes localizados em toda área festiva com vendas de bebidas, bijuterias, comidas; barracas fixas, com cardápios de comidas regionais, entre outros. Eles trabalham durante todas as noites do festejo junino, a maioria dos trabalhadores é identificada com camisetas e adesivos com a marca do Arraial.

No entanto, o que não pode faltar nos festejos juninas, além das arquibancadas e do tablado, é o palco, disponibilizado para apresentação de artistas do Estado de Roraima, ou outros estados, quando convidados assim como de países como a Venezuela ou Guiana. Geralmente artistas destes países se apresentam no Arraial das Três Nações, que é patrocinado pelo Governo do Estado de Roraima.

Presença do Estado na cultura popular

A relação entre Estado e Cultura em diferentes contextos sociais, políticos e econômicos pode ser identificada, de acordo com Brant (2009) nas intervenções realizadas pelos órgãos governamentais no país. Este processo influenciou na dinâmica cultural da sociedade, já que a valorização das expressões artísticas e culturais gerou mais incentivos na área, por meio de mecanismo político, fortalecendo assim, este setor.

Nos estudos desenvolvidos sobre as manifestações da cultura popular, Braga (2012, p. 82) aponta que a presença do Estado já é um referencial que visa “[...] captar a dinâmica das culturas populares, aproximações e distanciamento entre expressões populares e a instituição maior, o Estado”.

Neste sentido, Vilhena (1997), ao analisar a trajetória do movimento folclórico, mostra que suas ações ficaram mais centradas no Estado que a partir de 1974, por exemplo, passou a valorizar até a coordenação das atividades deste movimento. Sobre esta realidade, Del Priore (2000) mostra a importância de festas que se realizavam e continuam até os dias atuais de caráter institucional, promovidas principalmente pelo poder público, utilizando-se do espaço público: a praça ou mesmo a rua, para a realização dos eventos.

Na cidade de Boa Vista os concursos de quadrilhas juninas são promovidos pelo Governo do Estado de Roraima e Prefeitura Municipal de Boa Vista, nas comemorações dos festejos juninos e faz parte do calendário anual – os arraiais. Os espaços dos festejos são distintos para a realização nos arraiais, no primeiro caso, é realizado no Parque Anauá, e no segundo, na Praça do Centro Cívico. Estas festas se realizam geralmente entre os meses de junho e julho em homenagem aos santos católicos: Santo Antônio (13 de junho), São João (24 de junho) e São Pedro (29 de junho), conforme descrito no primeiro capítulo, a dança de quadrilha está presente nos festejos e se destaca entre outras formas de manifestação popular existentes na cidade, podendo citar como exemplo a ciranda e o boi-bumbá.

Sobre o ato de festejar é considerado por Gomes (2011, p. 103) “[...] uma forma de extravasar, celebrar, dançar e por que não dizer, de representar”. Para esta autora, o espaço da festa, ou seja, onde são realizados os eventos, “[...] é o tempo/espaço vivido e, portanto, um espaço simbólico, cheio de significados e representações”. Para Bakhtin (2010, p. 7) “as festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma *forma primordial*, marcante, da civilização humana”. Por outro lado, a parceria entre a Igreja e o Estado no período colonial tornava as festas respectivamente sagradas e profanas, tornando muito comum o comportamento das populações da época (DEL PRIORE, 2000).

Em se tratando do apoio do poder público com grupos de quadrilhas juninas em Boa Vista, observa-se que envolve inúmeros elementos, tanto de ordem administrativa, como econômica, social, cultural dentre outras. Neste sentido, Durham (2004) afirma que a cultura passa a ter distinções entre produtores e consumidores de cultura presa a uma divisão de classes, assim, essa relação passa a ter conotação política. Com relação às distinções hierárquicas das festas oficiais, Bakhtin (2010, p. 9) revela que vem desde a Idade Média, onde “[...] destacavam-se intencionalmente, cada personagem apresentava-se com as insígnias dos seus títulos, graus e funções e ocupava o lugar reservado para o seu nível”.

Em função da relação da cultura popular com órgãos públicos, essas práticas populares adquirem sentido no perímetro urbano, implica no uso, na preparação de um espaço que é administrado pelo estado ou município, se ocorrer um evento de grandes proporções há que se estabelecer uma relação deste tipo.

Entretanto, a intervenção do poder público sobre as manifestações populares também está presente em outras localidades, poderia citar as cidades de Manaus (SILVA, A., 2009) e Natal (CHIANCA, 2006), apresentando algumas semelhanças com Boa Vista, sendo o principal agente financeiro além de oferecer o espaço físico e recursos humanos para a

realização da festa, tornando-se “[...] elemento chave para os contornos da festa junina” (CHIANCA, 2006, p. 20).

Em contrapartida, nos dias atuais, as manifestações populares recorrem a outros meios para participarem dos festejos e saem em busca de recursos financeiros. Segundo Braga (2012, p. 82), se os grupos folclóricos de Manaus ou mesmo as escolas de samba do Rio de Janeiro “[...] dependessem, de instituições oficiais para colocarem a festa na rua, certamente estas práticas não existiram mais. Justamente porque aquele dinheiro prometido, quando vem, sempre chega tarde”. Em Boa Vista, o recurso financeiro também é disponibilizado aos grupos folclóricos com atraso, o que prejudica, de certa forma, os compromissos assumidos pelos seus gestores.

Já Rodrigues (2012, p. 218), na sua pesquisa sobre o festival de Cirandas em Manacapuru, enfatiza que um dos fatores que está presente na organização da festa é a arrecadação de recursos financeiros pelos próprios grupos, assim como “[...] pelo poder público local que tem interesse político e econômico em fazer com que as agremiações se tornem conhecidas [...]”. Além desse aspecto, o apoio recebido pelo poder público – prefeitura municipal –, tem contribuído nas mudanças empregadas pelos dirigentes dos grupos folclóricos de cirandas de Manacapuru.

Tendo em vista que o Governo do Estado de Roraima e a Prefeitura Municipal de Boa Vista, dois órgãos da administração direta, constituem hoje os dois maiores contribuintes das quadrilhas juninas de Roraima e na organização das festas juninas, verifica-se que a presença do Estado no campo cultural fez parte de uma estratégia de governo com o objetivo de assegurar e valorizar a cultura local assim como a nacional.

Com relação ao poder público, tem a função de prestar apoio financeiro aos grupos folclóricos de quadrilhas na participação em eventos, além disso, define o período da realização dos concursos, os locais, entre outros. Entretanto, em qualquer sociedade, os grupos seguem em regras e são hierarquizados, formados por indivíduos dominantes e dominados.

O aspecto da dominação é reconhecido nas análises sobre as transformações culturais, para Magnani (2003),

Um enfoque com uma resposta muito clara a essa questão das transformações a que estão sujeitas as tradições culturais populares, especialmente nos grandes centros urbanos [...] que responsabilizam a indústria cultural pela dissolução das autênticas expressões da cultura popular: pessoas que tinham como referencia elementos de uma cultura

mais tradicional são submetidas, na grande cidade, a padrões de comportamento homogeneizados e massificados pela ação da *media*, instrumento de alienação a serviço da ideologia dominante (MAGNANI, 2003, p. 26).

Entretanto, pode-se conceber que esta medida praticada pelo Estado como uma ação pública, em que a sociedade se faz presente, possui representatividade com poder de decisão sobre os atos do governo em prol dos grupos folclóricos. Assim, atribui-se que a festa junina realizada anualmente na cidade de Boa Vista faz parte de uma ação pública do Estado, uma vez que, quando se fala de política pública, significa que é o fato de ser pública, isto é, de todos, e não porque seja do Estado ou de grupos particulares da sociedade e muito menos individuais, Pereira (2008, p. 95) reforça esta questão: “[...] mas pelo fato de significar um conjunto de decisões e ações que resulta ao mesmo tempo de ingerências do Estado e da sociedade”.

Também se destacam as diversas especificidades de serviços e profissionais necessários que acompanham o líder, no nosso caso, os agentes que são responsáveis pelo evento, ou seja, a Prefeitura de Boa Vista e o Governo do Estado, que é dada em virtude da devoção e por pessoas que possuem caráter comunitário onde quem manda é o líder e o que obedece é o subordinado, mas este líder não age sozinho.

Mesmo que existam essas normas, os representantes de quadrilhas juninas têm a liberdade de apresentar suas opiniões junto os gestores dos órgãos públicos, tendo em vista a observância da presença de uma gestão participativa em Roraima no que refere às decisões culturais. Outrossim, não se pode negar que as normas precisam ser seguidas mas, dentro do espaço organizacional de quadrilhas, eles possuem liberdade de criação e de expor seus argumentos em defesa da cultura que estão inseridos.

Diante do exposto, ficam várias questões que buscaremos responder neste trabalho: o que permanece e o que mudou nas quadrilhas? Qual é a relação entre brincantes e órgãos oficiais? Há elementos específicos nas quadrilhas de Roraima em comparação a outros estados? O que explica a forma de adesão de brincantes e de público nas apresentações? Por que dois festivais e não apenas um?

CAPÍTULO 2

BOA VISTA E OS FESTIVAIS FOLCLÓRICOS

Neste capítulo, procuro situar com maior detalhe o contexto da pesquisa: Boa Vista, a capital do Estado de Roraima, cidade marcada histórica e geograficamente pela presença de pessoas oriundas de todas as regiões brasileiras, e faço parte desta história, tendo em vista que nasci em Natal, Rio Grande do Norte e resido em Boa Vista há mais de 32 anos. Por este motivo, irei apresentar o perfil desta região, por ser o local de morada desde os anos de 1970, época em que Roraima era Território Federal (de 1943 a 1988).

Além desse aspecto, será abordada a origem dos concursos de quadrilha em Boa Vista, mostrando a instituição escolar como precursora desta festa, além da descrição da estrutura administrativa dos quadrilheiros e a sua relação com o poder público e os preparativos para os festivais folclóricos.

Trata-se da descrição do que foi observado durante o trabalho de campo com o auxílio da técnica de observação participante, visando ao reconhecimento do objeto de estudo, que envolve dois momentos: o processo de organização e produção dos grupos de quadrilhas e os festivais folclóricos promovidos no período junino pelo Governo do Estado de Roraima e pela Prefeitura Municipal de Boa Vista. Para estes eventos utilizarei a terminologia “festas oficiais” (CHIANCA, 2006). Significa também mostrar o que há nos “bastidores”, no que diz respeito à confecção das vestimentas dos quadrilheiros, aos ensaios realizados em locais privados ou públicos pelos grupos, ao envolvimento da família, aos ensaios técnicos realizados, ou seja, aos momentos que antecedem as festas oficiais, além da descrição do concurso de quadrilha.

O método etnográfico, clássico na Antropologia, exigiu da pesquisadora passar durante o período do trabalho de campo em contato direto com os grupos estudados, acompanhar de perto todas as suas atividades, observar cuidadosamente o que as pessoas falavam, o que faziam, o que era feito por elas. No que se refere à interpretação antropológica, Geertz (2011), leva em conta a leitura de um poema, de uma pessoa, de uma história, podendo se estender a uma descrição de um grupo folclórico, ou seja, a interpretação ocorre em todos os momentos do estudo, da leitura do "texto", pleno de significado. Assim, todos os elementos da cultura analisado foram entendidos e interpretados

respeitando a sua realidade cultural. Para este autor, o risco maior procede quando não se tem acesso direto às informações,

A situação é ainda mais delicada porque, como já foi observado, o que inscrevemos (ou tentamos fazê-lo) não é discurso social bruto ao qual não somos atores, não temos acesso direto a não ser marginalmente, ou muito especialmente, mas apenas aquela parte dele que os nossos informantes nos podem levar a compreender (GEERTZ, 2011, p.14).

O trabalho etnográfico no sentido da descrição densa para Geertz (2011, p. 07) engloba uma multiplicidade de estruturas complexas que o antropólogo deve aprender e apresentar. Para este autor, fazer etnografia é como “construir uma leitura” de um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos.

Ainda com relação ao método etnográfico, Clifford (2008, p. 20) considera notadamente sensível, visto que “[...] a observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução”, além de requerer algum grau de envolvimento direto e conversação.

Boa Vista, capital do Estado de Roraima

Etimologicamente, a palavra Roraima vem de Rorô (papagaio) e imã (montanha), o vocábulo *rorôima* é de origem taurepã⁵ e significa: o pai, o formador dos papagaios. Mas o nome do Estado é uma referência ao Monte Roraima, que marca a fronteira do Brasil com a República Bolivariana da Venezuela e a República Cooperativa da Guiana (SILVA; OLIVEIRA, 2008; MAGALHÃES, 1986).

Roraima é o estado mais setentrional⁶ do Brasil, possui uma área de 230.104 km² e um dos componentes da região Norte⁷. Limita-se ao norte com a Venezuela e a Guiana; ao

⁵ Taurepã: *taulepang*, *turepang*, o grupo etnográfico *Karib*, ao qual pertence a tribo *makuxi* (MAGALHÃES, 1986, p. 65).

⁶ Os pontos extremos do território brasileiro são: **Setentrional**: a nascente do rio Ailã, no monte Caburaí, Roraima, fronteira com a Guiana; **Meridional**: uma das curvas do arroio Chuí, Rio Grande do Sul, fronteira com o Uruguai; **Oriental**: Ponta do Seixas, na Paraíba; e **Ocidental**: as nascentes do Rio Moa, na serra de Contamana ou do Divisor, Acre, fronteira com o Peru. Fonte: IBGE, 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/geo/localizacao geografica.html>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

⁷ A Região Norte é composta pelos estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Fonte: <<http://www.estadosecapitaisdobrasil.com/regiao-norte.php>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

sul com o Estado do Amazonas; a leste, com a Guiana e com o estado do Pará; a oeste com o estado do Amazonas e com a Venezuela. (MAGALHÃES, 2006) (Figura 01).

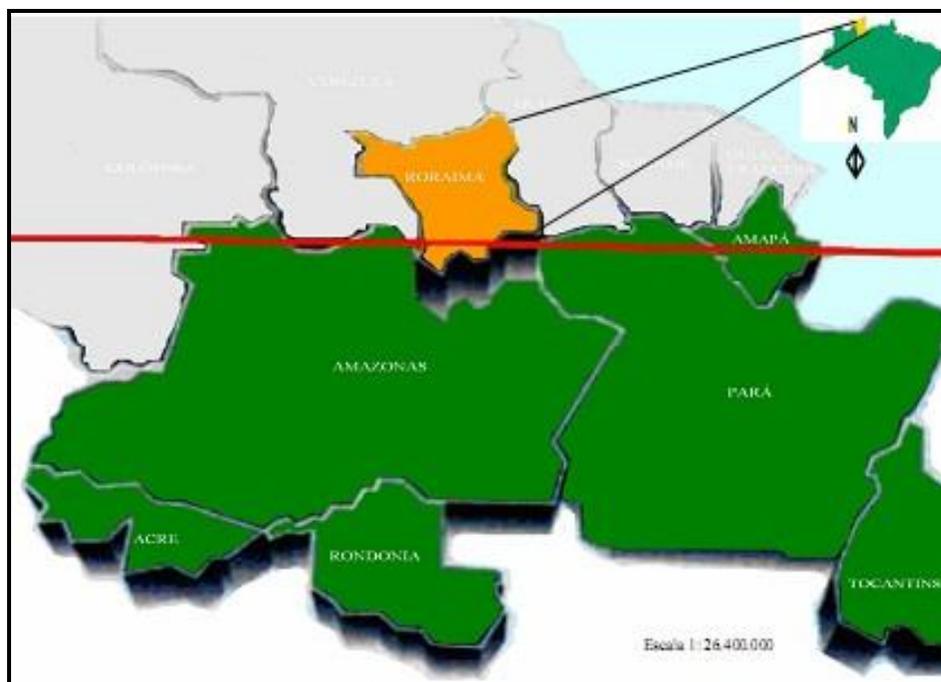


Figura 1: Estado de Roraima: localização geográfica
 Fonte: Ribeiro (1998) apud Vale (2007, p. 18).

O estado é formado por 15 (quinze) municípios, capital Boa Vista (Figura 02) e a concentração populacional se dá nas sedes municipais localizadas ao longo da malha viária que cobre o estado, com destaque para as cidades de Boa Vista, Rorainópolis e Caracará, onde se concentra a maioria da população (IBGE, 2010).

Localiza-se entre os paralelos 5°16' e 1°25' ao norte e ao sul do Equador, respectivamente, entre os meridianos 58°53' Leste e 64°49' Oeste de Greenwich. Altitude variando de 90 m a 2875 m, ocupando uma parte da bacia amazônica, representando 6,4% da região Norte e 3% do território brasileiro (ALBUQUERQUE et al., 2009).

Boa Vista situa-se na porção centro-oriental do estado, limita-se ao Norte com os municípios de Pacaraima, Normandia e Amajari, ao Sul, com os municípios de Mucajaí e Alto Alegre; ao Leste, com os municípios de Bonfim, Cantá e Normandia e a Oeste com o município de Alto Alegre. Possui uma área territorial aproximada de 5.711,9 km², o equivalente a 2,26% do total do Estado. Quanto ao fuso horário, Boa Vista está 1 hora a menos que Brasília.

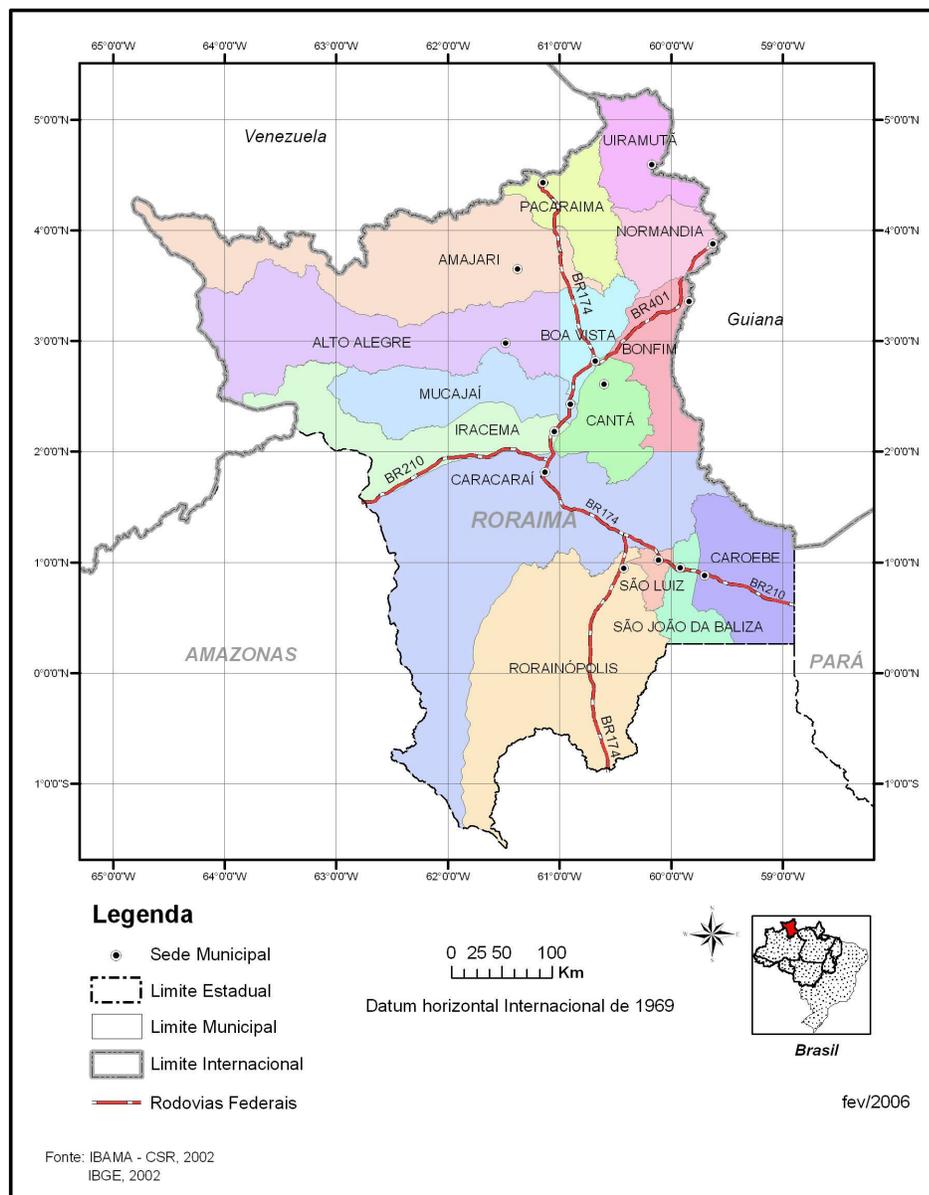


Figura 2: Mapa político de Roraima
Fonte: SILVA, 2007, p. 195.

Pode-se chegar a Boa Vista por via aérea ou terrestre. Por meio da rodovia: BR-174 se tem acesso ao país da Venezuela ou ao Estado brasileiro do Amazonas; já pela BR 401, interliga esta cidade a Bonfim e República Cooperativa da Guiana. Estão disponíveis empresas de ônibus que ligam as cidades de Manaus e de Boa Vista com a Venezuela diariamente (SILVA, 2007).

Analisando a estrutura física de Boa Vista, especificamente por ser uma cidade plana, no período chuvoso, as ruas ficam comprometidas com o acúmulo de águas, já característico do clima tropical quente e úmido, com duas estações climáticas bem definidas: das chuvas,

de abril a setembro, e o verão, de outubro a março. O outono e a primavera praticamente não são percebidos. A temperatura varia de 20° a 38°C, sendo a média anual em torno de 27,4° C. Com relação à rede hidrográfica, o município de Boa Vista é banhado pelo Rio Branco, formado pela junção dos rios Uraricoera e o Tacutu⁸ (LUCKMANN, 1989).

Os fatores climáticos fazem com que prevaleçam três tipos de cobertura vegetal no município de Boa Vista, sendo formada por Campos Gerais, identificados pelos campos limpos ou lavrados e campos sujos ou cerrados; Floresta Tropical, formadas por florestas densa de baixas e médias altitudes, densa de montanha e estacional; e vegetação de alta altitude, constituída por vegetação arbustiva-herbácea na região do Monte Roraima (LUCKMANN, 1989).

Situada à margem direita do Rio Branco, a cidade de Boa Vista originou-se de um pequeno povoado em 1830 estabelecendo-se na fazenda de gado denominada “Fazenda Boa Vista”, na antiga Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, pertencente ao Município de Moura, Província do Estado do Amazonas, resultando no surgimento de núcleos populacionais nessa faixa de terra ao extremo norte do país. Em 1890, a Freguesia de Nossa Senhora do Carmo tornou-se sede de um novo município denominado Boa Vista do Rio Branco, ainda pertencente ao estado do Amazonas (MAGALHÃES, 1986).

Em 1943, a região que hoje é Roraima, desmembrou-se do estado do Amazonas e se tornou o Território Federal do Rio Branco, e Boa Vista passou a ser capital. Com o desmembramento definitivo, verifica-se o primeiro incremento populacional, segundo Albuquerque (1998), deste fato deu origem ao Território Federal em 13 de setembro de 1943. No ano de 1951, o governo criou as primeiras colônias agrícolas, apesar de que não foi registrado um crescimento populacional significativo.

No ano de 1962, passou a se chamar Território Federal de Roraima a fim de evitar a confusão com a capital do Acre (Rio Branco). De acordo com Luckmann (1989), a cidade de Boa Vista ganhou um grande impulso com a implantação da infraestrutura do novo Território Federal, resultando no aumento das atividades e serviços do governo.

A implementação do novo Território Federal incentivou os governos federal e local a implantação de projetos de colonização com o objetivo de promover a ocupação mais efetiva desta região, e vários estados do Nordeste foram beneficiados, principalmente do Estado do Maranhão, assim afirma Diniz e Santos (2006, p. 7) “[...] os maranhenses representam o

⁸ O rio Uraricoera nasce na serra Parima, na fronteira com a Venezuela e o rio Tacutu nasce na fronteira da Guiana com o município de Normandia (LUCKMANN, 1989).

principal grupo de imigrantes. Esta ligação histórica entre o Maranhão e Roraima se fortaleceu através do tempo”.

De acordo com Vale (2007), em 1970, essa política passa a ser efetivada no então Território Federal de Roraima com a,

[...] criação do Plano de Desenvolvimento de Roraima (POLORORAIMA), nascido dentro do POLOAMAZÔNIA. Este seria um programa de âmbito regional com estratégia de política de desenvolvimento e integração nacional com grandes aportes financeiros, que norteou para Roraima um acréscimo na escassa mão-de-obra local, absorvendo uma população migrante que só não foi maior devido ao difícil acesso (VALE, 2007, p. 96)⁹.

Assim, os principais fluxos migratórios mudaram no final da década de 1970 destinados aos municípios de Boa Vista e Caracará: do Nordeste, além do Estado do Maranhão, também chegaram pessoas do Ceará, e dos Estados da região Norte do Amazonas e Pará (DINIZ; SANTOS, 2006).

Para AMBTEC (1994), um dos motivos que intensificou o processo migratório e o povoamento no Estado de Roraima após 1983, foi a implementação da BR-174 (Manaus/Boa Vista/Venezuela),

Isso fez com que o Estado abrigasse (ou assumisse), além da cultura indígena típica, uma série de outras manifestações, como forró, que veio de outro lado do país e encontrou abrigo e aceitação total pela população roraimense, assim como uma série de outras manifestações nordestinas (AMBTEC, 1994, p. 456).

Vale (2007, p. 25) ressalta que, além da Região Nordeste, “muitos oriundos de estados mais desenvolvidos do Sudeste e do Sul [...]”, que migraram para Roraima em busca de qualidade de vida e oportunidades de trabalho.

Ainda segundo Vale (2007, p. 26), os hábitos, costumes e estilos de vida “[...] estão passando por um grande processo cultural de adaptação, mudança e transformação, com a chegada de migrantes”, resultando na preservação de suas danças, folclore típico e hábitos.

Desde que Roraima foi elevado à condição de Estado, com a Constituição Federal de 1988, a estrutura física e funcional da cidade de Boa Vista mudou, novos bairros foram

⁹ Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (POLOAMAZÔNIA).

surgindo de forma desordenada, devido ao incremento populacional ocasionado com a intensa extração mineral (MAGALHÃES, 1986).

De acordo com Costa (2006), a presença de grupos folclóricos se destaca em Boa Vista desde 1930, com o surgimento das primeiras festas populares realizadas no mês de junho, iniciando com as apresentações de grupos de Bumba-meu-boi, típicas do Maranhão que percorriam as ruas da cidade. Em 1940, havia também outras danças tradicionais, como as Pastorinhas, animando a criançada (COSTA, 2006).

Nos dias atuais, não há a presença das Pastorinhas, apenas o Boi-bumbá com as características dos bumbás de Parintins, Estado do Amazonas (AM)¹⁰, por exemplo, os grupos Araras Azul e Vermelha, que disputam o Troféu Kiari (na língua Macuxi significa Arara) no Festival das Araras, evento promovido pela Prefeitura Municipal de Boa Vista (PORTAL AMAZÔNIA, 2009).

Paralelamente a estes festejos, começava a nascer um novo movimento na cidade de Boa Vista: o das quadrilhas, sendo apresentadas de acordo com suas tradições de forma bem simplificada. Sobre esse aspecto, a revista Anarriê (2010, p. 6) afirma que: “a festa em comemoração a São João é tipicamente nordestina, ganhou força no sertão e se espalhou por todo país chegando a Boa Vista, única capital acima da Linha do Equador, no extremo Norte do Brasil”.

Com relação à cidade de Boa Vista, a área central e os bairros adjacentes, é um motivo de orgulho do boa-vistense, que é organizado de forma radial lembrando um leque, com início às margens do rio Branco (SILVA, 2007) (Figura 03). Foi planejado pelo engenheiro civil Darcy Aleixo Derenusson em 1944, inspirado nas ruas de Paris, capital da França. Foi elaborado no governo do capitão Ene Garcez, o primeiro governador do então Território Federal do Rio Branco. As avenidas no centro da cidade e nos bairros mais próximos são largas, conforme o projeto arquitetônico original, preservado aproximadamente até os anos de 1980.

Além de mostrar que as ruas da cidade de Boa Vista estão compartilhadas com o mesmo centro, pode-se observar no mapa de Boa Vista, a localização dos eventos em estudo: Praça do Centro Cívico, Bairro Centro, (Figura 04), onde é realizado o concurso de quadrilhas juninas no “Arraial Boa Vista Junina”, promovido pela Prefeitura de Boa Vista;

¹⁰ O Município de Parintins está situado à margem direita do Rio Amazonas, é formado por um conjunto de ilhas fluviais, e na ilha Tupinambarana localiza-se a sede do Município. No final do mês de junho é realizado o Festival Folclórico de Parintins com a apresentação de duas agremiações folclóricas: Boi Bumbá Garantido e Boi Bumbá Caprichoso durante três noites (BRAGA, 2002).

Parque Anauá, Bairro dos Estados (Figura 05), na realização do concurso de quadrilhas juninas do Estado de Roraima denominado “Arraial das Três Nações”; Ginásio Poliesportivo Hélio Campos no Bairro Canarinho, (Figura 06), local do 1º Festival de Quadrilhas Juninas promovido pelo Governo do Estado no ano de 2011, tendo em vista que o Parque Anauá estava em reforma¹¹.

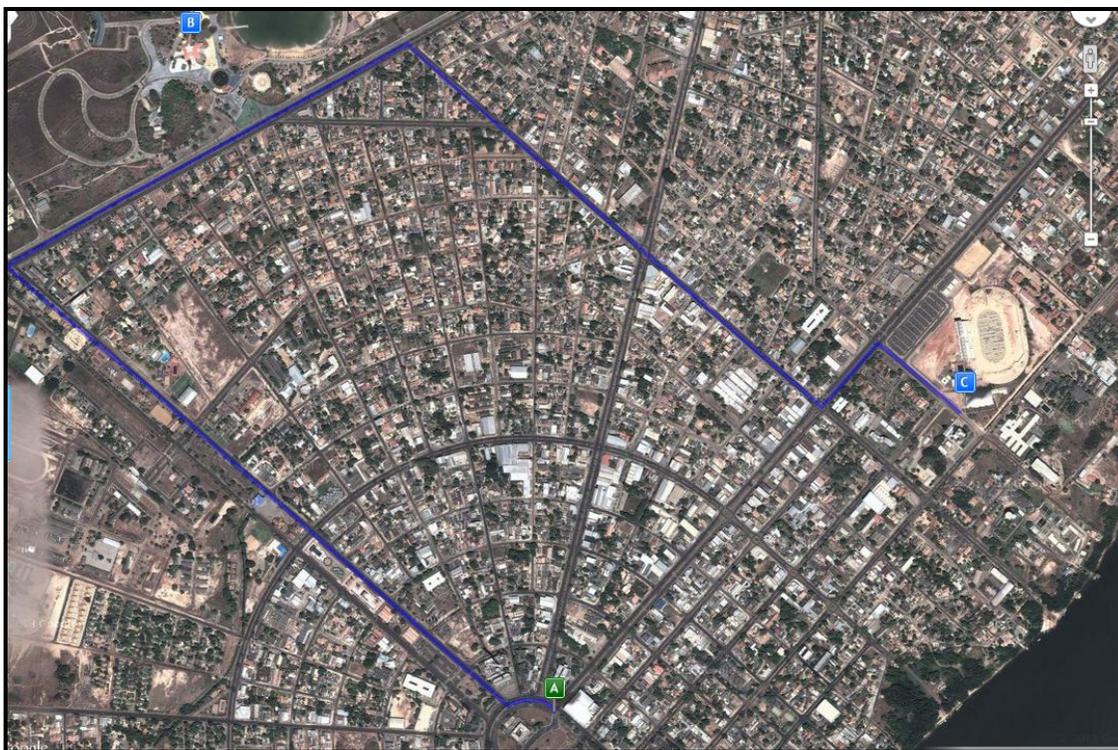


Figura 3: Cidade de Boa Vista-Roraima.

Fonte: Mapa da cidade de Boa Vista: <http://maps.google.com.br/>. Acesso em: 08 maio 2012.



Figura 4: A - Praça do Centro Cívico
Fonte: Acervo da autora, 2012.



Figura 5: B - Parque Anauá.
Fonte: <http://www.fotolog.com.br/>.
Acesso em: 08 maio 2012.



Figura 6: C - Ginásio Poliesportivo Hélio Campos.
Fonte: Edlamar Menezes, 2012.

¹¹ A descrição detalhada destes eventos consta nos próximos capítulos deste trabalho.

Tendo em vista a história de Roraima com projetos de colonização do então Território, as quadrilhas juninas foram praticadas inicialmente pelos imigrantes maranhenses. Todavia, sobre esta informação, o professor, já aposentado, Idalmir Cavalcante relembra: “eu comecei a trabalhar aqui no governo em 1962, quando chegaram os maranhenses pra cá. Então por influência do Maranhão a quadrilha começou aqui, onde começou mesmo foi em Mucajá a apresentar as primeiras danças de quadrilha”.

Nos últimos anos, pessoas de vários estados brasileiros contribuem com as quadrilhas: cearenses, amazonenses, paranaenses, entre outros, seja como brincantes, coordenadores, gestores, coreografias, compositores, ou entre outras atribuições.

Assim, os imigrantes que fixaram residência na cidade de Boa Vista, Roraima (RR), contribuíram em vários aspectos: econômico, social, cultural. Verifica-se que, nos dias atuais, há uma variedade de eventos que se destacam: festas juninas, Feira Agropecuária¹², Semana Farroupilha¹³, entre outras festas.

As principais atividades de fontes de rendimentos da economia do Estado estão relacionadas às atividades de prestação de serviços, a agricultura, pecuária e extrativismo mineral, considerando que, cerca de 50% da economia ligada ao setor público. Roraima possui duas Áreas de Livre Comércio (ALC) nos municípios de Bonfim e em Boa Vista, são áreas de importação e exportação que visa beneficiar a economia local com a isenção de impostos¹⁴.

A festa da quadrilha junina

Etimologicamente, a palavra “quadrilha” é proveniente do francês *quadrille*, do italiano *quadriglia* ou *squadro* e do espanhol *cuadrilhas*, que remetem à disposição de pares em forma de quadrado. A quadrilha surgiu em Paris no século XVIII tendo com o precursor Philip Musard, considerado por Giffoni (1973, p. 103) “o pai das quadrilhas”. Para

¹² A Feira Agropecuária iniciou nos anos 1950 e até o início da década de 1990, era realizado no bairro São Pedro, em 1991 foi transferida para o Parque de Exposições Dandêezinho, na região de Monte Cristo, BR-174/Norte (LIMA, 2009).

¹³ A Semana Farroupilha é um evento festivo do estado do Rio Grande do Sul comemorado no mês de setembro com desfiles em homenagem a líderes da Revolução Farroupilha. Em Roraima, o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) – Nova Querência, há 25 anos consecutivos comemora no extremo norte brasileiro a Semana Farroupilha (CARVALHO R., 2012).

¹⁴ Imposto de Importação, Imposto de Produtos Industrializados (IPI), Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS), Contribuição para Financiamento da Seguridade Social (Cofins) e do Programa de Integração Social (PIS).

esta autora, a quadrilha é uma dança derivada da “Contredanse Française”¹⁵, que por sua vez é uma adaptação da dança inglesa “Country dance”, que significa dança campestre (CASTAGNA, 2003).

A quadrilha era dançada nos bailes da corte na Europa¹⁶, preferida pela sociedade da época. Foi introduzida no Brasil no século XIX pela Corte Imperial Portuguesa, trazida pelos mestres de orquestras francesas Milliet e Cavalier (GIFFONI, 1973), fez muito sucesso, quando passou a animar os carnavais e bailes, tanto na cidade quanto no campo, sendo dançada também ao ar livre nas festas do mês de junho. Sobre a dança típica das festas juninas, Amaral (1998, p. 180) enfatiza que “[...] é considerada uma herança do folclore francês, acrescida de manifestações típicas da cultura portuguesa [...]”. Para esta autora, junto com a dança de quadrilha, que era a favorita dos europeus, o Brasil herdou também alguns termos do francês, como: “anarriê”, que significa “para trás”; “anavã”, significa “em frente”, entre outros.

Para Cascudo (1972, p. 746) “a quadrilha não só se popularizou como dela apareceram várias derivadas no interior. Assim a ‘quadrilha caipira’, no interior paulista, ‘baile sifilito’ na Bahia e Goiás, a saruê (deturpação de *soirée*), no Brasil Central”. Os participantes obedeciam às marcas ditadas por um organizador de dança, chamado de “animador”, sendo a dança acompanhada por uma sanfona.

Analisando a trajetória histórica da quadrilha, Araújo (2007, p. 77) afirma que passou da classe alta, da nobreza, para o povo “a quadrilha sofreu um processo de proletarização. No começo do século era encontrada nos bailes de roça, nos quais a marcação conservava algo da terminologia francesa com os vocabulários originais”. Mas a quadrilha foi se adaptando aos costumes brasileiros, este fato é constatado em alguns termos, que foram adquirindo característica portuguesa ou surgindo novas criações, por exemplo: “damas ao centro”, “é mentira”, “olha o túnel”, “olha a chuva”, “passeio”.

A dança de quadrilha é característica das festas juninas, quando são realizados festejos em todo o Brasil em homenagem a três santos católicos. Inicia-se com Santo Antônio, dia 13 de junho, cultuado como santo casamenteiro e invocado para achar objetos

¹⁵ Vídeo publicado na Internet com casais dançando a Contredanse Française. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=bsjY9wdVk9s>>. Acesso em: 04 abr. 2012.

¹⁶ Com o objetivo de preservar esta tradição, um grupo de franceses fundou uma associação com a pretensão de reunir em torno de costumes sobre a dança, trajes e história correspondente à “Vida de Quadrilha” no período de 1848 a 1918. O grupo realiza eventos onde os dançarinos se caracterizam com vestimentas da época: os homens usavam fraque ou smoking, um traje de cerimônia que se usa em eventos formais, e as mulheres com vestidos longos, social, com modelos característicos da época. O material fotográfico está disponibilizado na Internet no blog intitulado: Au Temps du Quadrille. Fonte: <<http://autempsduquadrille.blogspot.com/>>. Acesso em: 04 abr. 2012.

perdidos; São João no dia 24 de junho, as fogueiras são consideradas o símbolo principal da comemoração, fazem parte da antiga tradição dos povos que viviam no campo na Europa, quando homenageavam os deuses da fertilidade, em que se comemoravam as boas colheitas e o fim do inverno; e São Pedro, dia 29 de junho, representa o povo no trabalho da navegação e da pesca (SILVA, A., 2009). Na cidade de Boa Vista, São Pedro é o padroeiro dos pescadores e 29 de junho é feriado na municipal. Sobre estas datas, Amaral (1998, p. 164) afirma que, “atualmente, comemora-se Santo Antônio do mesmo modo que se comemora São João e São Pedro embora as intenções das festas sejam diferentes”. Para esta autora,

Acredita-se que estas festas têm origens no século XII, na região da França, com a celebração dos solstícios de verão (dia mais longo do ano, 22 ou 23 de junho), vésperas do início das colheitas. No hemisfério sul, na mesma época, acontece o solstício de inverno (noite mais longa do ano). Como aconteceu com outras festas de origem pagã, estas também foram adquirindo um sentido religioso introduzido pelo cristianismo, e trazido pela igreja católica ao Novo Mundo.

A comemoração das festas juninas é certamente herança portuguesa no Brasil, acrescida ainda dos costumes franceses que a elas se mesclaram na Europa (AMARAL, 1998, p. 159).

As quadrilhas juninas surgiam das comemorações festivas no meio rural, sempre iniciando com o divertido teatro, denominado “casamento na roça”. O acompanhamento musical das festas geralmente era feito com instrumentos típicos utilizados: zabumba, triângulo e sanfona.

A apresentação das quadrilhas está associada ao casamento, há personagens típicos que não devem faltar nas encenações: casal de noivos, o padre, o pai da noiva e o policial, apesar de que, nos dias atuais, cada grupo pode criar histórias próprias. Sobre a encenação, Chianca (1999) descreve as características deste casamento:

As quadrilhas podem ser precedidas por um casamento *matuto* no qual se encena um casamento forçado de um *matuto* que teria engravidado uma *matuta*. O casamento ocorre com a presença de um policial (ou xerife) e do pai da *matuta*, além do padre e das famílias dos noivos e demais convidados. Enquanto encenam a celebração do casamento, através de um texto malicioso que leva a platéia às gargalhadas, o noivo é convencido das vantagens e aceita o matrimônio (sob a mira do revólver do policial), mas sendo recapturado diversas vezes em tentativas desesperadas de fuga durante o casório. A *quadrilha* é precisamente a dança dos noivos com o

conjunto dos convidados após a cerimônia religiosa do casamento (CHIANCA, 1999, p. 62).

Para Cortês (2000, p. 23) “dentre as músicas tocadas, destaca-se o forró, nome genérico dado ao som vibrante e envolvente que incorpora ritmos como xote e baião”.

A quadrilha junina se caracteriza como uma dança dramática, tendo em vista a designação proposta por Mário de Andrade, já que envolve enredo e encenação, assim como os bois bumbás, as pastorinhas e cirandas. Para Braga (2007b, p. 6), este termo que o autor sugere é a “[...] aglutinação de canto, dança e música em uma manifestação [...]”. Esses elementos podem ser visualizados na dança da quadrilha em vários momentos, no caso de Boa Vista, o tema é desenvolvido durante a apresentação com a encenação teatral dos brincantes, que pode iniciar com a cerimônia do casamento ou não. A interpretação do tema é encenada no tablado e prestigiada pelo público.

Sobre a origem da quadrilha junina em Boa Vista, irei recorrer a Costa (2006), que enfatiza momentos históricos desta manifestação cultural, por meio de relatos das pessoas que inseriram esta dança nesta cidade:

Paralelamente aos ‘bois’ começava a nascer um novo movimento: o das quadrilhas. E foi ‘seu’ Mario Abdala o grande precursor de tudo. Então diretor do jornal “O Átomo”, ‘seu’ Mário começou a organizar as primeiras quadrilhas juninas ainda no final da década de 1950, quando atuava como o grande animador dos grupos que se apresentavam no tradicional Bar das Mangueiras (já extinto), no Centro da cidade. Além dele, também se destacou o professor Jaber Xaud, que animava as quadrilhas dos clubes Rio Branco, União Operária, Roraima e Iate. “Mas foi o jovem Reginaldo Gomes, na década de 1960, que fez o maior arraial da história de Roraima na época, no quintal da dona Nadir, com a quadrilha Zé Carola, que reunia toda a juventude da Praça da Bandeira. Também tínhamos outros festejos importantes como o arraial da Rafi, da família Brígia, e as festas do compadre Bem-te-vi”, recorda Idalmir. O caminho das ruas para as escolas foi curto. Em 1972, o próprio Idalmir Cavalcante começa a levar para as escolas as danças de quadrilhas, que passaram a ser a maior atração das festas juninas (COSTA, 2006, p. 01).

As festas eram realizadas em escolas, nos bairros, nas comemorações religiosas e outros espaços da cidade. Geralmente os grupos folclóricos eram formados por alunos e concorriam entre si apenas pelo prazer de dançar, não havia o espírito competitivo acirrado que encontramos nos dias atuais. Nos últimos anos, as apresentações de quadrilhas juninas passaram por um intenso processo de modificações, estão mais profissionais (menos amadoras) e muito mais modernas, pois não é simplesmente uma dança, é um espetáculo.

A notícia que repercutiu positivamente na equipe quadrilheira foi a sanção da Lei 12.390/11 de 03 de março de 2011 (BRASIL, 2011), pela Presidenta da República Dilma Rousseff, que instituiu o dia 27 de junho como o Dia Nacional do Quadrilheiro Junino. De acordo com a lei, é considerado quadrilheiro junino todo profissional que utiliza meio de expressão artística cantada, dançada ou falada transmitido por tradição popular nas festas juninas. Em Boa Vista, esta informação foi compartilhada com a população presente no Festival Boa Vista Junino em julho de 2011, uma vez que a homologação era recente.

A quadrilha em Boa Vista

O interesse em pesquisar sobre “quadrilha junina” de Boa Vista, vai ao encontro de minha experiência vivida como brincante e por ter participado de apresentações em festivais folclóricos promovidos pela instituição onde estudava no ano de 1976, ou seja, a Escola Estadual Monteiro Lobato¹⁷ na cidade de Boa Vista, capital do então “Território Federal de Roraima”, hoje, Estado de Roraima, quando se dançava a quadrilha tradicional.

Neste período, a quadrilha era formada pelos estudantes e coordenada pela professora de Educação Física, que exercia múltiplas funções: coreógrafa, figurinista e marcadora¹⁸. Os casais de dançarinos eram formados por colegas de sala de aula das turmas de 5ª. e 6ª. Séries do Ensino Fundamental, na faixa etária de 11 e 12 anos. Os ensaios eram realizados no pátio e na quadra de esportes da própria escola após as aulas.

Por outro lado, é curioso verificar que, a inclusão das manifestações folclóricas no processo educativo no Brasil, constituiu numa estratégia de veiculação do folclore por meio do ambiente escolar, visando garantir que permanecesse, evoluísse e cumprisse uma função social (VILHENA, 1997). De acordo do este autor, a relação entre “Educação e folclore” ganhou relevância na I Semana Nacional do Folclore realizado no Rio de Janeiro em 1948, no que diz respeito à criança “[...] os estudos folclóricos não devem entrar no processo educativo como um conteúdo curricular, mas sim, orientando a ação pedagógica e recreativa das professoras como um tudo” (VILHENA, 1997, p. 193). É a relação das crianças com a cultura de seu país que se pretende reforçar com essa estratégia, o folclore não apenas se utilizaria da educação como um meio para sua divulgação, como também seria importante instrumento para se obter maior eficácia pedagógica, sendo que, a pesquisa e as

¹⁷A Escola Estadual Monteiro Lobato foi fundada em 1º de abril de 1949, está localizada na Rua Cecília Brasil, Bairro Centro.

¹⁸ Em Roraima, o termo “marcador” utilizado no passado nas quadrilhas foi substituído por “animador”.

manifestações populares só cresceriam uma vez que seus resultados fossem aplicados no processo educativo.

O grupo de quadrilha que se apresentava na festa junina da escola não tinha muito luxo, porém, eram admirados pelo público presente: familiares e comunidade local. O espaço da festa era enfeitado com bandeirinhas coloridas confeccionadas pelos próprios estudantes, que aproveitavam revistas antigas, cordão e cola para sua confecção e, depois de prontas, ornamentavam o local da festa. Naquele período, as quadrilhas escolares eram coordenadas pelos professores de Educação Física de cada escola.

O professor Idalmir Cavalcanti¹⁹ informa que: “[...] em 1982 foi criado um mini festival folclórico que durou oito anos em Boa Vista, com a participação das primeiras quadrilhas juninas: Arrastão, Pré-Unidos, Ferrolhão, Garrafão, Garranxê, Canecão, Kimacão, Zé Monteiro e várias outras”. Este evento foi realizado em diversas sedes e clubes da cidade, por exemplo: Grêmio Recreativo de Subtenentes e Sargentos de Boa Vista – Roraima (GRESSB), Associação dos Professores de Roraima (APAIMA), entre outros (CAVALCANTI, 1993).

Na época, a quadrilha junina seguia os padrões tradicionais com relação aos passos, da dança, coreografia, vestuário e músicas. Não havia cenários e nem adereços. Apenas as roupas das meninas, seguiam um padrão, ou seja, mesmos tecidos de chita²⁰ bem estampadas e modelos idênticos, raríssimas quadrilheiras apresentavam-se com modelos diferentes. Os meninos se caracterizavam de “caipira”: calças e camisas com remendos²¹, chapéu de palha na cabeça e maquiagem no rosto demonstrando barba e bigode (Figura 07).

Sobre as vestimentas dos brincantes de quadrilhas juninas, era típica do Brasil, de acordo com Freire, Rocha e Gomes (2011, p. 02), “o vestuário típico representava o povo da roça, as damas usavam vestidos longos, muito coloridos e cheios de bordados. Os homens vestiam camisas listradas ou xadrez, chapéu, lenço no pescoço, calça com remendos e chinelos”.

Os passos tradicionais de quadrilha junina eram dançados pelos brincantes sob o comando da animadora e professora de Educação Física Maria Nancy Melo Figueiredo²².

¹⁹ Professor de educação física e animador de quadrilhas juninas escolares desde os anos de 1970. Entrevista realizada em: 20 de julho de 2012.

²⁰ Chita é um tecido de baixo custo financeiro, estampado, muito utilizado no vestuário de quadrilhas.

²¹ Remendos são panos pequenos que se usavam para decorar as roupas dos meninos que representavam o “matuto”, relativo a quem vive no mato, na roça, ou caipira.

²² Professora de Educação Física e animadora do grupo de quadrilha da Escola Estadual Monteiro Lobato no ano de 1976. Entrevista realizada no dia 21 de julho de 2012.



Figura 7: Brincantes de quadrilha junina incluindo a autora, na Escola Estadual Monteiro Lobato em 1976.

Fonte: ALBUQUERQUE, A. P. C.²³, 1976.

Dentre os passos, destaco os principais que foram informados pelo senhor Idalmir Cavalcanti, animador de quadrilha no ano de 1984 na cidade de Boa Vista (CAVALCANTI, 1972):

- Entrada – Cumprimento ao público – Seus lugares
- Balance – Os casais se espalham pelo salão dançando
- Cumprimento geral – Seus lugares – Balancê!
- Cumprimento de Cavalheiros – Seus lugares – Balancê!
- Cumprimento de Damas – Seus lugares – Balancê!
- Preparar para o Parafuso Damas – Avante cavalheiros – Balancê!
- Preparar para o Parafuso Cavalheiros – Avante damas – Balancê!
- Preparar para o túnel: os casais formam uma grande fila em pares no meio do salão.
- Olha o túneo: Damas ficam de frente aos cavaleiros, dão-se as mãos acima dos ombros e formam um túneo. Balancê!
- Preparar para o Bouquet de flores – As rosas – os espinhos!

²³ Autor da fotografia: o senhor Antônio de Pádua Castor de Albuquerque (*in memoriam*), pai da pesquisadora.

- Grande Círculo – Caminho da roça – Olha a chuva, arame farpado, *oia* o avião, *oia* a cobra – é mentira!
- Passeio dos namorados – Dama troca de cavaleiro – Idem.
- Passeio de comadres – Passeio de compadres – Passeio geral.
- Fazer o Caracol – A Cobra.
- Seus lugares – Balancê!
- Coroa de flores!
- Dança de casal!
- Preparar para a Garimpagem – Já – Damas!
- Preparar para Farra na Roça – Homens!
- Despedida! (os casais começam a sair, dando tchauzinho. Os Cavalheiros abanam o chapéu).

A atração principal era a celebração do casamento, que durava aproximadamente quinze minutos. A dança da quadrilha era realizada para comemorar a celebração do casamento, os personagens da encenação eram: os noivos, o pai e a mãe da noiva, o padre e o policial.

A professora Maria Nancy Melo Figueiredo, informou que eram escolhidos para representar o casal de noivos, os jovens mais humorísticos, com facilidade de desenvoltura e improvisação, que se comunicassem bem com o público, com o objetivo de chamar a atenção. O público se divertia com a desenvoltura dos noivos durante a representação teatral. Geralmente, os mesmos casal de jovens permaneciam por 3 (três) ou 4 (quatro) anos sendo os noivos da quadrilha.

Os brincantes²⁴ de quadrilha junina se caracterizavam como caipiras ou matutos no passado, nos dias atuais em Boa Vista, constata-se que passou pelo mesmo processo da cidade de Recife, Estado de Pernambuco (PE) “a quadrilha de roupas remendadas, chapéu de palha, de passos molengos e caricaturados, do som à base da sanfona, do triângulo e do zabumba foi se afastando do cenário junino [...] e por conseqüência atingindo todos os Estados do Nordeste” (MELO, 2006, p. 03).

Vale ressaltar que, para Cascudo (1972, p. 223) o termo “caipira” refere-se ao “homem ou mulher que não mora na povoação, que não tem instrução ou trato social, que não sabe vestir-se ou apresentar-se em público [...] Habitante do interior, canhestro e tímido,

²⁴ Pessoas que dançam na quadrilha, dançarinos, quadrilheiros.

desajeitado, mas sonso”. Em Roraima, quem vive no interior não possui estas características, elas são conhecidas por “colonos”, pessoas que vivem da agricultura, muitos vieram para esta região por meio de projetos de assentamentos promovidos pelo Governo Federal em décadas passadas (VALE, 2007).

Assim, nos dias atuais, observa-se nova forma de se produzir quadrilha, desde a escolha do tema (temas infantis, de cunho social, histórico, cultural), na forma de apresentar abrangendo teatro, danças coreografadas, inserindo dentro das apresentações efeitos de iluminação com cenários de palco gigantescos e acabamentos perfeitos. Segundo a professora Maria Nancy Melo Figueiredo “as quadrilhas se inovaram de maneira tal que ela criou os passos próprios, foi se inovando, é uma dança que a gente não conhece mais aquela quadrilha”.

Neste trabalho, faço uma breve menção à experiência ao acompanhar o festival folclórico de Manaus (AM) no ano de 2011, com olhar dirigido às quadrilhas, buscando semelhanças e diferenças com as quadrilhas de Boa Vista (RR).

Estrutura administrativa dos quadrilheiros e a relação com o poder público

Existem duas entidades que agregam as quadrilhas juninas em Roraima: a LIQUAJUR, criada no ano de 2001 e a FERQUAJ em 2003, ambas surgiram da necessidade dos grupos se organizarem em instituições que as representam legalmente, com o objetivo de fortalecer o movimento junino, promovendo a defesa dos direitos das quadrilhas. São entidades privadas e juntas possuem 24 (vinte e quatro) quadrilhas associadas.

Os grupos folclóricos de quadrilhas juninas que são filiados, possuem estatutos e diretoria formalizada legalmente, com mandatos eletivos: presidente, vice-presidente, tesoureiro, conselho fiscal, entre outros. As eleições são devidamente registradas em cartórios, com publicação da ata e em veículo de comunicação.

A criação destas instituições proporcionou maior credibilidade às quadrilhas associadas, visto que essa prática mostra organização, uma vez que cada grupo não age sozinho, mas por meio de uma instituição oficial nela constituída. Além destes aspectos, destaca-se a FERQUAJ, filiada a uma entidade nacional: a Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas (CONFEBRAQ).

No Estado de Roraima, dos 24 (vinte e quatro) grupos de quadrilhas juninas: 7 (sete) filiadas à LIQUAJUR e 17 (dezesete) à FERQUAJ. Só podem participar de concursos promovidos pelo Governo do Estado de Roraima e pela Prefeitura Municipal de Boa Vista os grupos filiados (Quadros 1 e 2).

N.	Grupo Folclórico de Quadrilha	Data de criação	Filiação	Município
1.	Coração do Sertão	02/03/2004	LIQUAJUR	São Luiz do Anauá
2.	Escola Forrozão	20/12/2006	LIQUAJUR	Boa Vista
3.	Explosão Caipira	01/12/2000	LIQUAJUR	Boa Vista
4.	Explosão Junina	19/01/1999	LIQUAJUR	Boa Vista
5.	Garranxê	28/05/1988	LIQUAJUR	Boa Vista
6.	Xamego na Roça	10/05/1992	LIQUAJUR	Mucajaí
7.	Zé Monteirão	27/04/1989	LIQUAJUR	Boa Vista

Quadro 1: Quadrilhas juninas filiadas a LIQUAJUR em 2012.

Fonte: Elaborado pela autora com base em: ANARRIÊ, 2011; SANTOS, 2011.

N.	Grupo Folclórico de Quadrilha	Data de criação	Filiação	Município
1.	Agitação Caipira	18/05/2008	FERQUAJ	Boa Vista
2.	Amor Caipira	20/01/2005	FERQUAJ	Boa Vista
3.	Arrasta Pé	28/01/2007	FERQUAJ	Boa Vista
4.	Arrastão Caipira	20/10/2001	FERQUAJ	Boa Vista
5.	Atração Caipira	05/03/2002	FERQUAJ	Boa Vista
6.	Coração Caipira	04/11/2004	FERQUAJ	Boa Vista
7.	Eita Junino	01/04/1988	FERQUAJ	Boa Vista
8.	Encanto do Norte	07/09/2009	FERQUAJ	Boa Vista
9.	Estrela Junina	06/09/2003	FERQUAJ	Boa Vista
10.	Forrozão Caipira	10/05/1994	FERQUAJ	Boa Vista
11.	Gonzagão Caipira	01/04/2006	FERQUAJ	Boa Vista
12.	Macedão	15/04/1997	FERQUAJ	Boa Vista
13.	Namoro Caipira	19/03/1995	FERQUAJ	Boa Vista
14.	Perdidos na Roça	20/11/2000	FERQUAJ	Mucajaí
15.	Sucesso Caipira	25/07/2005	FERQUAJ	São João da Baliza
16.	Tradição Macuxi ²⁵	13/03/1996	FERQUAJ	Boa Vista
17.	Xamego Caipira	20/04/2001	FERQUAJ	Boa Vista

Quadro 2: Quadrilhas juninas filiadas a FERQUAJ em 2012.

Fonte: Elaborado pela autora com base em: ANARRIÊ, 2011; SANTOS, 2011.

²⁵ O Grupo Folclórico Tradição Macuxi se originou da quadrilha extinta “Macuxi”. O nome desta quadrilha homenageia a população indígena “Macuxi” que habita na região nordeste do Estado de Roraima, fronteira com a República Cooperativa de Guiana (AMBTEC, 1994; MAGALHÃES, 1989).

Aproximadamente 80% (oitenta por cento) dos grupos de quadrilhas são do município de Boa Vista, e 20% (vinte por cento) fazem parte dos seguintes municípios: Mucajaí, São João da Baliza e São Luiz do Anauá. As duas últimas são mais distantes, os quadrilheiros precisam viajar entre cinco a seis horas nos dias de concursos.

Torna-se necessário que cada grupo folclórico de quadrilha possua sua planilha orçamentária para programar os gastos (tecidos, costureira, coreógrafo, puxador de quadrilha, sapatos, entre outros) e receber os recursos financeiros do Estado e Município. No entanto, após os concursos de quadrilhas, sua diretoria tem um prazo para prestar contas e apresentar notas fiscais e de serviços, comprovante de pagamento do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), taxas da Secretaria da Fazenda, entre outras. Tudo é criteriosamente analisado e se faltar notas, o valor tem que ser devolvido através de depósito bancário, conforme os estatutos da FERQUAJ e da LIQUAJUR.

Os preparativos das quadrilhas para o festival folclórico

Os grupos folclóricos de quadrilhas juninas em Boa Vista se preparam durante seis meses do ano visando à participação em concursos promovidos pelo Governo do Estado e Prefeitura Municipal de Boa Vista. O trabalho envolve reuniões entre a equipe da coordenação e brincantes, com o objetivo de relatar as informações pertinentes sobre a temática da dança que será desenvolvida; ensaios, numa sequência cansativa e repetitiva de coreografias, para obter a evolução, o alinhamento e a sincronia desejada; produção da letra e música; confecção do vestuário e contratação de costureiras; além do envolvimento da família dos próprios brincantes assim como da equipe gestora.

Os ensaios

Durante a pesquisa, acompanhei os ensaios dos grupos de quadrilhas na cidade de Boa Vista realizados em vários locais, do centro a bairros periféricos. É um momento de treinamentos e experimentações do que será apresentado pelos grupos de quadrilhas juninas em concursos: coreografias, músicas, uso de adereços, entre outros. Para Silva, A., (2009) os ensaios fazem parte do processo de aprendizagem dos passos das coreografias, as músicas além da fase de entrosamento entre a equipe: coordenação, brincantes, coreógrafo, entre

outros. Nota-se que a dança de quadrilha exige dos brincantes muito esforço físico desde os ensaios até as apresentações em eventos.

Em Boa Vista, os grupos de quadrilhas juninas iniciam os ensaios no mês de janeiro e encerram na semana que antecede a participação no último concurso²⁶. São realizados nos finais de semanas e feriados e com a proximidade dos concursos, se reúnem em dias da semana para que as coreografias sejam executadas com perfeição. Observei nos ensaios dos grupos folclóricos de quadrilhas, que a seriedade neste momento faz parte da rotina dos brincantes, como se já estivessem participando do concurso. O coreógrafo exige que os passos de danças sejam executados com sincronia e perfeição, a repetição da coreografia é executada várias vezes, mas os brincantes não demonstram insatisfação, pelo contrário, muita alegria e vibração. Sobre este aspecto, Silva, P., (2009, p. 04) enfatiza alguns dos itens cobrados nos ensaios: “[...] alinhamento, sorriso e o uso de vestidos para garantir a execução do balanço das saias”.

São exigidos dos brincantes que utilizem roupas adequadas nos ensaios, usem as vestimentas que dançaram em anos anteriores: as meninas com vestidos estampados de saias rodadas e os meninos com chapéu de palha e botas. O uso da maquiagem é opcional, obrigatório apenas nos dias de concursos.

Os grupos folclóricos de quadrilhas juninas se concentram na residência do seu fundador ou do responsável pela sua equipe. Esta realidade se assemelha com os grupos folclóricos de Manaus, de acordo com Silva, A., (2009, p. 60): “a sede é a própria casa do dono da brincadeira. Em muitos casos, quando o quintal comporta, os ensaios são realizados na própria residência do ‘dono da brincadeira’. Em outros casos, ensaia-se na rua em frente à casa desta pessoa”. O termo: “donos da brincadeira” que Silva, A., (2009, p. 61) se refere, são os fundadores dos grupos folclóricos.

Ressalto apenas que, o ensaio em Boa Vista não se realiza na rua, mas em locais onde o público não tenha acesso (ginásios de esporte de escola) para não revelar as coreografias, pois muitas quadrilhas se tornam rivais durante este período, já que estão competindo em concursos. O grupo Forrozão Caipira é o único que possui sede própria, localizada na Rua Cristóvão Coelho, Bairro Mecejana, mas também recorre às quadras de escolas para ensaiar.

A utilização dos ginásios de esportes de uma instituição na realização de ensaios possui algumas vantagens, por exemplo, é um espaço físico “fechado”, impede a visualização de pessoas que não estejam envolvidas com o grupo, porque preferem manter

²⁶ Os concursos promovidos pelo Poder Público são realizados entre os meses de julho a setembro.

sigilo do trabalho que estão desenvolvendo; por ser mais amplo espaço, permite, por exemplo, melhor distribuição espacial entre os brincantes.

Os brincantes dançam, aproximadamente, quatro horas por dia, repetindo os passos das coreografias diversas vezes, sob a orientação de um professor. Devido ao esforço físico exigido dos brincantes nos ensaios desta dança folclórica, Giffoni (1973) a considera a atividade física mais completa das artes, porque melhora o desempenho das funções circulatórias, respiratórias, digestiva, aperfeiçoa o sistema muscular e nervoso, proporcionando crescimento normal e saúde.

Durante o trabalho de campo, observei que as atividades são realizadas de forma colaborativa, uns ajudam aos outros. Entretanto, desde os ensaios, o companheirismo entre os brincantes é levado por um desejo de sucesso de todo o grupo, na perfeição do conjunto, em que o auxílio mútuo se faz indispensável, além do ensino para autodireção. Este espírito de solidariedade e cooperação, para Giffoni (1973), é exigido na dança em conjunto, por ser trabalhado em equipe, além de desenvolver a disciplina, estimular o senso de responsabilidade que traduz no desejo de executar os passos, movimentos e figuras, para que a coreografia se desenrole a contento.

Os brincantes

No município de Boa Vista, capital de Roraima, não há um perfil definido para quem deseja participar das quadrilhas, a maioria dos brincantes são jovens, a faixa etária aproximada é de 16 (dezesseis) a 25 (vinte e cinco) anos. A maior parte deles reside em bairros diferentes e distantes do local de ensaio do seu grupo, sendo necessária a disponibilização de transporte próprio por parte da diretoria do grupo para levá-los aos ensaios.

Os brincantes não recebem dinheiro para dançar em nenhum grupo folclórico de quadrilha em Boa Vista, assim como em Manaus. Silva, A., (2009, p. 134) afirma que não recebem “[...] outra forma de pagamento ou bens materiais para dançar em um dos grupos folclóricos [...]”. Durante o ano, os grupos de quadrilhas realizam várias atividades com o objetivo de levantar recursos financeiros para cobrir despesas que são realizadas antes dos concursos nas festas oficiais, por exemplo, feijoada, festas, venda de lanches, paçoca, entre outras.

O vestuário utilizado durante os ensaios é dos anos anteriores. As brincantes usam os vestidos longos que possuem a saia rodada, possibilitando realizar giros de 360° (trezentos e sessenta graus) por várias vezes, carinhosamente chamada de “saia rodada”, esta vestimenta é uma das principais características da quadrilha em Roraima e o público avalia durante a apresentação. Observa-se, porém, que há algumas recomendações que devem ser seguidas, por exemplo, a saia dos vestidos deve ser confeccionada com tecidos leves, para poder abrir e realizar o giro alto, procedendo da seguinte forma: primeiro, joga a mão com o vestido, depois vai girando com o corpo.

Muitos grupos desenvolvem projetos sociais em benefício dos brincantes. O próprio grupo constitui uma atividade social e, neste aspecto Giffoni (1973), enfatiza da importância da dança folclórica,

[...] executada em grupo, contribuiu para a adaptação social, pelos contatos que proporciona, oportunidade de distração, e acomodação psíquica. Além do mais, pela sua utilidade nos diversos setores analisados e pela oportunidade que a sua prática possibilita, a dança é indicada nas várias fases da vida humana. (GIFFONI, 1973, p. 23).

A comunidade em geral participa de forma efetiva nos eventos promovidos pelos grupos de quadrilhas (bingo, feijoada, rifas e festas). Nos dias das competições representam a torcida “organizada” do seu grupo.

Envolvimento da família

Na história do movimento de quadrilhas juninas em Boa Vista, observou-se que a dança foi transmitida de uma geração para outra, portanto, na perspectiva dinâmica da cultura, o passado cultural de um povo se faz presente ao mesmo tempo em que o modifica, projetando-o em direção ao futuro.

Os familiares do fundador do grupo de quadrilha se dedicam em ajudar no que for preciso para que o espetáculo seja perfeito e que atenda às expectativas do público. Além disso, a dança em si, transmite ideias e costumes de uma geração à outra, sobretudo nas formas folclóricas, baseando-se em tradições (lendas, cerimônias religiosas, episódios da comunidade), essas formas prolongam no tempo no espírito da comunidade, donde se incorporam as festas populares (GIFFONI, 1973).

A família ajuda na organização de todo o processo que envolve o grupo de quadrilha, por exemplo, em dezessete anos de existência a família exerceu papel fundamental no grupo de quadrilha Forrozão Caipira, a sede fica localizada no Bairro da Mecejana. Entretanto, nos dias atuais, nenhum membro da família atua como brincante, mas permanece na coordenação da equipe. Já na quadrilha Amor Caipira, no Bairro do Pricumã, cinquenta por cento dos dançarinos pertencem à mesma família, inclusive, o casal de noivos se destaca porque são casados na vida real, conforme podemos constatar na história deste grupo que está publicada na revista Anarriê (2011, p. 05):

O funcionário público Daniel Mangabeira e os seis irmãos, que cresceram vendo os pais participarem de arraiais, são apaixonados pela festa. Aos 16 anos, ele começou a participar de uma quadrilha junina e nunca mais parou com a tradição. Até a esposa, com quem tem dois filhos e está casado há 13 anos, ele conheceu em um desses grupos. Em 2001, a família Mangabeira, juntamente com outras pessoas, criou a quadrilha Explosão Junina e em 2005 fundaram a Amor Caipira, da qual ele e a esposa, Luciene Maria Silva Pinheiro, fazem parte como casal de noivos há seis anos. E família que dança unida, se diverte unida. Ao todo são 17 pessoas que participam da tradição, entre irmãos, sobrinhos, primos e até os filhos de Daniel, de 3 e 13 anos (ANARRIÊ, 2011, p. 5).

Já em relação ao grupo de quadrilha Eita Junino, três irmãos fizeram parte da sua fundação e eram brincantes, atualmente estão na coordenação juntamente com pessoas amigas. Salientando que seus pais, que se conheceram em uma quadrilha, estão casados há quarenta anos e acompanham os filhos e, conseqüentemente, a quadrilha, até os dias atuais.

O apoio financeiro também é fundamental, em alguns grupos, a família compra material em seus cartões de créditos, viaja para outros estados em transporte próprio para adquirir materiais e efetua empréstimos junto aos bancos para ajudar o grupo.

Geralmente, quem confecciona as roupas das quadrilhas são parentes dos fundadores, sem gerar custos para o grupo. Porém, entre os grupos observados, verifiquei que, além da família, há a contratação de serviços terceirizados, para que as roupas fiquem prontas dentro do prazo.

Temas das quadrilhas

No passado, algumas quadrilhas juninas de Boa Vista já apresentavam temas sem a obrigatoriedade nos concursos como nos dias atuais, mas não o desenvolviam durante a

apresentação. A partir de 2001, a apresentação pelos grupos por meio de temas foi se intensificando nos concursos e passou a ser quesito obrigatório. É representada por meio das letras de músicas compostas exclusivamente para o concurso, que prestam homenagem a personagens públicos, a datas comemorativas, ao caipira/matuto, a cultura de outros países, entre outros, conforme demonstrado no Quadro 3:

Quadrilha Junina	Tema
Forrozão Caipira	Maurício de Souza: Na turma da Mônica encontrei inspiração para brincar no São João
Eita Junino	Parixara no Arraial
Amor Caipira	No tum tum tum da zabumba que o matuto vai dançar
Explosão Junina	Are baba, meu Santo Antônio
Coração Caipira	7 anos de alegria, 7 anos de emoção. Coração Caipira pintando o 7 no São João
Zé Monteirão	Mistério, magia e emoção. É Halloween do Arraial da Monteirão
Garranxê	Garranxê dança e canta Elba Ramalho
Explosão Caipira	No São João das maravilhas

Quadro 3: Temas dos grupos de quadrilhas juninas em 2011.

Fonte: Elaborado pela autora com base em: ANARRIÊ, 2011.

Os grupos de quadrilhas juninas apresentam, no mínimo, uma letra de música inédita conforme o tema que está sendo desenvolvido, quesito obrigatório nos concursos que segue os seguintes critérios: adequação da letra ao tema, riqueza poética, beleza e bom gosto; a objetividade, clareza, precisão (não há preocupação com rigidez da gramática normativa); e a adaptação à melodia, ou seja, entrosamento dos versos com os desenhos melódicos (SANTOS, 2011).

Letras de músicas

Para Cascudo (2006, p. 41) a mistura da dança e música dos elementos formadores resultou na formação da música popular brasileira, a “[...] canção, isolada dos bailados, vivendo função periodal, como as que se cantam durante as festas de São João, noite 23 e 24 de junho”. O mesmo se vivencia na quadrilha junina, onde os brincantes dançam e cantam durante o concurso de quadrilha, sendo quesito de julgamento no item “animação” (SANTOS, 2011).

Para os concursos de quadrilhas juninas, os grupos selecionam músicas de autores nacionais cujas letras são relacionadas com o tema, além disso, apresentam no mínimo uma letra inédita para concorrer no dia da competição nos festivais folclóricos, pode-se citar

como exemplo, a transcrição das letras de alguns grupos de quadrilhas que prestam homenagem à Turma da Mônica, a festa do Halloween, aos indígenas, entre outros.

As letras de músicas apresentadas nos dias atuais demonstram um aspecto de mudança nas quadrilhas juninas em Boa Vista já que em décadas passadas, prevalecia a musicalidade do Forró Pé-de-Serra (FPS), ritmo e dança característicos da Região Nordeste do Brasil, associado aos instrumentos de base zabumba, triângulo e sanfona (CHIANCA, 2006). Para Quadros Júnior e Volp (2005, p. 128) o Forró Pé-de-Serra “[...] é caracterizado por ter como fonte de inspiração artística o universo rural do sertanejo, e teve sua origem nos meados da década 1940, no Nordeste”. Estes instrumentos de base são utilizados hoje como auxílio dos sons eletrônicos (BARRETO; PEREIRA, 2002). Sobre a origem da música de quadrilha, Barreto e Pereira (2002, p. 17) relatam que “[...] a polca, que é uma valsa ligeira e foi substituída pelos ritmos nordestinos como xote, xaxado, a ciranda, a marcha junina, constituindo-se no gênero forró”, além disso, em Boa Vista se destaca o “arrastapé”²⁷, uma das variações do forró.

Em Boa Vista, as letras originais dos grupos são de compositores locais e precisam estar adequadas ao tema, principal critério de avaliação, além da riqueza poética, beleza e bom gosto, objetividade, clareza e precisão e adaptação à melodia. Para a música, o julgador avalia letra e melodia separadamente. Neste contexto, apresento alguns exemplos de letras de músicas de 2011 e respectivas análises:

- **Associação Quadrilha Forrozão Caipira** - criada em 10 de maio de 1994.

No ano de 2011, o grupo homenageou os principais personagens da Turma da Mônica, do autor Maurício de Souza. O tema da letra foi escolhido pela equipe da coordenação do grupo, por considerar a história em quadrinhos importante na Literatura Brasileira. Os quadrilheiros se caracterizaram dos personagens da Turma da Mônica, e dançaram de acordo com a letra da música intitulada “Nas asas da imaginação”, conforme podemos acompanhar com a transcrição da letra:

Nas asas da imaginação

Composição: David de Paulo e Zanny Adairalba

Intérprete: Abraham Lincoln

²⁷ Forró é um ritmo e dança típicos da Região Nordeste do Brasil praticada nas festas juninas e outros eventos. No forró, vários ritmos musicais daquela região, como baião, a quadrilha, o xaxado, também é chamado arrastapé, bate-chinela, são tocados, tradicionalmente, por trios, compostos de um sanfoneiro. Fonte: <http://www.movimentoarte.com.br/forro.php>. Acesso em: 30 jan. 2013.

Eita saudade danada
 Dos meus tempos de criança
 Os sonhos correndo soltos
 Nos pastos de minha infância

Nesse São João Caipira / Encontrei inspiração
 Para dançar quadrilha / Na festa da Forrozão

Vou voltar a ser criança nesse São João
 Comer pamonha e tomar quentão
 Pular fogueira, soltar balão
 Voar nas asas da imaginação
 A Forrozão Caipira faz homenagem à criação
 Maurício de Sousa... / Turminha da Mônica...
 Eu volto a ser criança no São João

Moldo meu mundo num segundo
 Posso ser tudo na imaginação
 Na criação de Maurício achei inspiração
 Para brincar com a Forrozão

Festa junina aqui é inverno
 Cuidado olha a chuva Cascão
 Corre que lá vem ela. Não é mentira não!

O Cebolinha tá desconfiado
 Já está com medo da dentuça / Ou será do Sansão
 Que pela orelha ela puxa?

Num fique com medo não,
 pode chegar mais pra cá
 Vem ver como isso é bonito:
 minha quadrilha a dançar
 A Magali comilona e o seu vestido de rodar
 E o Chico Bento...
 jogando o chapéu pro ar (ANARRIÊ, 2011, p. 23).

A letra da música do grupo de quadrilha Forrozão Caipira de 2011 intitulada: “Nas asas da imaginação” descreve as características da festa junina em homenagem a São João, da arte culinária (pamonha, quentão), da tradicional fogueira assim como o balão, ao mesmo tempo em que direciona a letra aos personagens das histórias em quadrinhos do autor Maurício de Souza: Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e Chico Bento. Além deste aspecto, os quadrilheiros se caracterizaram destes personagens na apresentação do grupo nos concursos de quadrilhas em 2011.

- **Grupo Folclórico de Quadrilha Eita Junino** - criada em 01 de abril de 1998.

Já o grupo Eita Junino, homenageou os indígenas por meio da letra de música inédita intitulada “Parixara no Arraial”, conforme se pode constatar com a letra da música transcrita abaixo:

Parixara no Arraial

Composição: Ronalson Cavalcante/ Antonio Lira/ Lacerda

Intérprete: Banda Brasileirinho

No peito a batida e o tambor;
Coração do “coboco” de cá;
Parentada a Eita chegou;
Trazendo um canto de amor;
Parixara no nosso arraial

O cheiro da canjica acordou a Lua, nua;
Que espelha em águas turvas banho de emoção;
A cobra d’água espia índia lavadeira;
Canoa e canoeiro indo pro São João

Tem cunhatã, tem curumim;
Índio cara pintada, índio macuxi;
Tem parixara, tem munguzá;
Eita Junino dançar faz arrepiar;

Tem cunhatã, tem curumim;
Índio cara pintada, índio macuxi;
Tem carimã, tem tacacá;
Meu cheiro de caboclo no teu paladar;

Pata uurî, pata esá uurî, pata uurî
Pata uurî, pata esá uurî, pata uurî

Vim fazer pagelança, com a folha do caimbé;
A pimenta essa dança, com gikitaia e fé;
Flechei a paca parente, deixei o peixe escapar;
Vim vestido de palha;
Canaimé tá na área doido pra te pegar (ANARRIÊ, 2011, p.33).

Parixara é um ritual indígena representado por meio da dança nos festejos nas comunidades indígenas, que objetiva comemorar a caça e boa colheita na roça (ANARRIÊ, 2011). O tema escolhido pelo grupo de quadrilha não simboliza apenas o ritual, mas todos os costumes indígenas, vestimentas, caça e pesca, entre outros, conforme se pode constatar nas palavras do animador do grupo Sandro Denis Souza Cruz contido em Anarriê (2011, p. 33): “nós vamos exaltar o povo indígena, que merece essa homenagem às suas origens e tradições”.

A equipe do grupo Eita Junino, incluindo os compositores, estiveram numa comunidade indígena e solicitaram de um professor a tradução da frase em português para constar na letra: “esse lugar é nosso”, para a língua Macuxi: *Pata uurî, pata esá uurî, pata uurî / Pata uurî, pata esá uurî, pata uurî*. Além disso, observa-se que, na letra, contam palavras que são símbolos do período junino, por exemplo: São João, mungunzá, canjica, entre outros, apesar de prevalecer termos indígenas.

- **Grupo Folclórico de Quadrilha Amor Caipira** - criada em 20 de janeiro de 2005.

Este grupo apresentou o tema “No tum tum tum da zabumba que o matuto vai dançar”, o enredo conta a história da família de matutos que se mudou do campo para a cidade, consta na revista Anarriê (2011, p. 30) o seguinte esclarecimento sobre o assunto: “a nova vida é de lutas e batalhas, mas também de vitórias e conquistas, com muita festança, tradição e alegria”, conforme pode-se conferir com a letra da música:

No tum tum tum da zabumba

que o matuto vai dançar

Composição: José Nilton Ventura/ Irlan Guimarães

Intérprete: Irlan Guimarães

No calor dessa fogueira
Que o matuto vai dançar
Com o seu rosto coladinho
Num xamego miudinho
Abraçando a mulher
Castiga cabra macho
Zabumbeiro dar no couro
Pra mode bater o pé

Ah! Amor alegria do matuto é o São João
Amor Caipira, festejando
A brincadeira, com muitas cores
Colorindo este salão

Zabumbeiro que é bom
Nunca para de tocar
Tum tum tum tum tum tum tum tum
A mulherada sorridente
Bota saia pra rodar

E amor eih! É paixão festa junina é tradição
“Amor Caipira”
Colorindo o São João

No tum tum tum da zabumba

Ôôh ôôh ôôh!
 Que o matuto vai dançar
 Um balançado envolvente
 Segura gente Amor Caipira
 Vai mostrar!
 Um sorriso tão lindo
 Que quadrilha
 Amor Caipira vai encantar (ANARRIÊ, 2011, p. 30).

A quadrilha Amor Caipira recebeu a primeira colocação no concurso de quadrilhas juninas promovida pela Prefeitura Municipal de Boa Vista em julho de 2011. No mês de setembro do mesmo ano, o grupo que é filiado a FERQUAJ, participou do VII Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas em Aracaju-Sergipe, o evento foi uma realização da CONFEBRAQ (NEVES, 2011).

- **Grupo Folclórico Coração Caipira** - criada em 04 de novembro de 2004.

Para comemorar o seu sétimo aniversário, o grupo Coração Caipira apresentou na letra da sua música intitulada “Coração Caipira 7 anos de alegria, 7 anos de emoção. Coração Caipira pintando o 7 no São João”, elementos que possuem o número 07 (sete) como símbolo da sua história, por exemplo: as 7 notas musicais, as 7 maravilhas do mundo, os 7 dias da semana, os 7 anões, quantidade de 7 letras contidas em cada palavra “coração” e caipira”, entre outras, conforme pode-se constatar com a letra abaixo:

A sete chaves

Composição: Francisco Araújo Chaves

Intérprete: Zezinho Correia e Klinger Araújo

Coloque a mão no seu peito e sinta o seu coração
 Caipira apaixonado, amar não é pecado
 Nós somos a sua paixão

Minha quadrilha é o colorido em harmonia
 Trazendo as cores da magia do São João
 Em 7 notas os acordes da alegria
 A melodia inspirada das canções
 A 7 chaves eu guardo o segredo
 Nos 7 mares eu vou navegar
 Seu gato tem 7 vidas
 Espelho não posso quebrar

As maravilhas são 7 belezas
 As 7 artes eu vou lhe mostrar
 A semana tem 7 dias
 Eu pinto 7 no Arraiá

Vem, vem, vem, vem brincar com os 7 anões

Coração tem 7 letras, 7 anos de emoções
 Vem, vem, vem, vem minha
 quadrilha te fascina
 Coração tem 7 letras,
 7 letras tem caipira (ANARRIÊ, 2011, p. 31).

O grupo Coração Caipira levou para o tablado personagens que representavam o tema da música, por exemplo, crianças caracterizadas de sete anões; um brincante fantasiado de “gato”, tendo em vista que na letra consta: “Seu gato tem 7 vidas”; os brincantes e o casal de noivos estavam com vestuários contendo as cores do arco íris, além de imagens de acordo com o tema (bandeirinhas e balões de festas juninas), entre outros. Vale salientar, que os intérpretes da música “Sete chaves” são da cidade de Manaus (AM): Zezinho Correia e Klinger Araújo.

- **Grupo Folclórico de Quadrilha Zé Monteirão** - criada em 27 de abril de 1989.

Este grupo tem um significado especial, este nome é em homenagem a Escola Estadual Monteiro Lobato, a mesma em que estudei e dancei quadrilha junina em 1976. Ela não pertence mais à escola, mas foi criada por um grupo de alunos e ex-alunos no ano de 1989. O tema em 2011 foi uma homenagem ao Sítio do Pica Pau Amarelo, seus personagens juntamente com outros da obra de Monteiro Lobato participam da festa de Halloween da quadrilha Zé Monteirão. O padre e os noivos também estavam com vestimentas de acordo do o tema, o noivo caracterizado de “Conde Drácula” e a noiva prevalecendo a cor lilás, além do tradicional branco. Na letra da música, constam personagens que vão brincar no São João, por exemplo, a Cuca, Lobisomem, Barnabé, Curupira ou caipira, entre outros, conforme se pode observar com a letra abaixo:

**Lua cheia no Halloween
 da Monteirão**

Composição: David de Paulo e Zanny Adairalba

Intérprete: Regina Lima

É noite de lua cheia
 Mistérios sobre monstros que vagueiam
 Pelas chamas da candeia
 Na penumbra da noite de São João
 Um mistério que fascina e ensina
 Que cultura brasileira é tradição
 Assombração de cemitério
 Lembranças de infância,
 Mocidade lá das bandas do sertão

A Cuca é pura energia (Magia)
 Dança com toda emoção
 Nem precisou fantasia
 Tá vestida de alegria
 No halloween da Monteirão
 Anedotas do bicho papão
 Lobisomem, Barnabé, Curupira ou caipira,
 Seja o que você quiser, na magia dessa quadrilha (2x)

Vem ser boneca de pano ou sabugo inteligente,
 Vem com a Zé Monteirão nesse arraiá diferente
 Vamos quebrar esse mito, vai ser doce ou travessura?
 Vem com a Zé Monteirão. Um caldeirão de cultura

Olha o Saci-Pererê fazendo mil travessuras
 Monstro, riso e caipira. Isso aqui tá uma loucura!

Hoje é festa aqui no sítio (Tá bonito!)
 Prepare seu coração
 Traga sua fantasia
 Vem de monstro e de alegria
 Pro halloween da Monteirão (ANARRIÊ, 2011, p. 34).

- **Grupo Folclórico de Quadrilha Explosão Caipira** - criada em 01 de dezembro de 2000.

A música tema deste grupo “Alice no São João das maravilhas” objetivou transformar as brincantes em Alice e os brincantes em cartas do baralho, do clássico “Alice no país das maravilhas”. A história de Alice inicia quando ela cai numa toca de coelho e depois inicia uma aventura num lugar fantástico e, no tablado, os quadrilheiros vão transformar o mundo imaginário em realidade por meio dos personagens. Na letra da música tema deste grupo, identifica os personagens desta história: o gato risonho se apresenta como sanfoneiro, tem chapeleiro maluco, carta do baralho, o Pião e o Rei do xadrez, assim como as características da festa de São João e do arraial.

No São João das maravilhas

Composição: David de Paulo/ Ítalo Fernandes

Intérprete: Edílson Santana, do Boi Caprichoso

Brincando com a imaginação,
 Hoje sou fantasia / Coelho mensageiro
 Nesse mundo de alegria
 Anunciando uma viagem
 Ao São João das maravilhas
 Um lugar de raças nobres, cores fortes
 Amazônia é o jardim do meu quintal

O meu arraiá é pura alegria
 Tem chapeleiro maluco com surpresas todo dia
 Um gato risonho ou malvado? Chegou pra te encantar
 Com os matutos de Roraima, mostrando as maravilhas
 do nosso arraia

No faz de conta da imaginação
 Sou carta de baralho
 Nesse reino encantado
 Da festa de São João
 Uôô, ôô, ôô

Vem Alice ver maravilhas
 E viver essa emoção
 Dançar quadrilha junina na caipira explosão

Uma rainha vermelha com cartas do meu baralho
 Lagarta ou borboleta / Pião ou rei
 Hoje vai rolar cabeça nesse jogo de xadrez

Diz é hora toda hora, não posso me atrasar
 O coelho de casaca já chegou pra te avisar
 Que a festa é com Alice
 Conhecendo as maravilhas do meu
 São João / Em pleno arraiá (ANARRIÊ, 2011, p. 35).

Os brincantes da quadrilha Explosão Caipira se caracterizaram das peças do jogo de xadrez, além disso, o piso no tablado também representou a mesa de tabuleiro do jogo. Vale salientar, que os cantores são artistas conhecidos da cidade de Manaus (AM).

- **Grupo Folclórico de Quadrilha Garranxê** - criada em 28 de maio de 1988.

O Grupo Folclórico de Quadrilha Garranxê, que está entre os mais antigos de Boa Vista, prestou uma homenagem a cantora paraibana Elba Ramalho, que foi representada por uma pessoa caracterizada por esta artista, e se apresentou no tablado no concurso da festa Boa Vista Junino em 2011. O nome deste grupo, “Garranxê”, foi escolhido por seus fundadores em 1988, a terminologia é inédita, é a junção de “garra”, que significa “força”, vontade do grupo vencer e “xê”, um meio de resposta aos comandos do animador de quadrilha, por exemplo, na hora da dança, ele diz: “*Atenção Garranxê!*”, os brincantes respondem: “*xê!*”

- **Grupo Folclórico Explosão Junina** - criada em 01 de dezembro de 2000.

O grupo folclórico Explosão Junina homenageou a Índia, com o tema: “Are baba, meu Santo Antônio”, a encenação do casamento é indiana, mas a festa é comemorada com as

características das festas juninas (forro pé-de-serra, comida típica, entre outros), assim consta na letra: “Are baba Explosão Junina; Cultura e tradição; Casamento indiano; Na festança de São João” (ANARRIÊ, 2011, p. 18).

Este estilo de dança lembra grupos folclóricos que se apresentam nos festivais na cidade de Manaus que estão inseridos numa categoria específica denominada “dança internacional”, se caracterizam em homenagem a outros países e concorrem entre si nos concursos, exemplo: Tribu’s, Cald, Caracalla, Caxemira, entre outros (LIGFM, 2011).

Desta forma, pode-se constatar que, na atualidade, a letra da música precisa estar adequada ao tema do grupo de quadrilha, exemplo: personagens de histórias de quadrinhos, indígenas, êxodo rural, internacional, *Halloween*, cantores nacionais, entre outros, ou seja, um dos quesitos que é julgado no concurso. Por outro lado, analisando a letra da música, observa-se que constam os principais símbolos da festa junina, por exemplo: fogueira, balão, comidas típicas (pamonha, quentão, canjica, milho), dança forró, xaxado e baião.

Outra novidade presente na música de quadrilhas são as gravações na mídia em *Digital Versatile Disc (DVD)*²⁸, os grupos recorrem a estúdios para realizar este trabalho meses antes da participação dos festivais folclóricos.

Nas manifestações folclóricas, muitas danças são acompanhadas simultaneamente por canto, fato presente nos grupos de quadrilhas durante a apresentação em eventos por todos os brincantes, tendo em vista que faz parte do quesito “animação” nos concursos de quadrilhas que são promovidos pelo Governo do Estado ou Prefeitura de Boa Vista, conforme consta no Manual do festival Estadual de Quadrilhas (SANTOS, 2011, p. 10) o julgador deve considerar “a vivacidade, empolgação, vibração e agilidade dos integrantes da quadrilha durante o tempo de apresentação” e “se todos os brincantes estão cantando durante a apresentação da música”, neste contexto, Giffoni (1973, p. 24) afirma que “o folclore nacional apresenta muitas danças acompanhadas de canto, mesmo porque o nosso folclore, na parte de versos é um dos mais ricos do mundo [...]”.

A dança de quadrilha adquire denominações diferentes no Brasil, também pode ocorrer no ritmo ou apenas na posição dos dançarinos e na maneira de dançar. Neste sentido, este autor destaca os elementos que caracterizam uma dança: o canto e a coreografia, estes traços são marcantes nas contradanças como: “[...] valsa, *schottisch*, polca, quadrilha, lanceiros, espalham-se, diluindo-se e tomando mil e uma formas” (CASCUDO, 2006, p. 47).

²⁸ DVD em português significa: Disco Digital Versátil.

Festas “oficiais” juninas em Boa Vista

Os grupos folclóricos de quadrilhas juninas se preparam durante meses para participarem de concursos em duas grandes festas, chamadas de “Arraial”: uma promovida pelo Governo do Estado de Roraima e a outra pela Prefeitura Municipal de Boa Vista. O termo “arraial” indica o lugar da festa junina e surgiu em 1943 por meio da imprensa (CHIANCA, 2006, p. 48), são os “[...] espaços convencionais de alegrias coletivas, onde se dança, come e bebe”. Estes festivais promovidos pelo poder público estadual e municipal também são chamados de “festas oficiais” por Bakhtin (2010) e Chianca (2006).

A importância dos festejos juninos em Boa Vista também está em oferecer uma opção de lazer para a população local assim como à de outros países, como a Venezuela e Guiana, além de movimentar a economia e incentivar o turismo. Pode-se enfatizar o “Arraial do Parque Anauá”, promovido pelo Governo do Estado de Roraima, que lançou o tema “Arraial das Três Nações” no ano de 2008. Assim, as atrações artísticas dos países vizinhos fazem parte da programação desta festa.

Além das quadrilhas juninas, outros grupos folclóricos também se apresentam nos eventos promovidos pelo Governo do Estado e Prefeitura Municipal de Boa Vista, mas não concorrem entre si: Boi-bumbá, as Cirandas, que são formadas por quatro grupos, Resplendor, Tradição, Diamante Negro e Thianguá. Há ainda o grupo folclórico do cangaço que é representado pelo Cangaceiro do Thianguá. Com o passar do tempo estas danças foram adquirindo características roraimenses. Para Anarriê é (2011, p. 6) “[...] resultado do encontro de diferentes culturas que vivem nesta região[...].

Inspirada na festa do Boi-bumbá de Parintins do Estado do Amazonas (AM) foram criados em Boa Vista no ano de 2008, dois grupos folclóricos de bois-bumbás: Arara Azul e Arara Vermelha. Os personagens apresentados pelos grupos foram adaptados para língua indígena Macuxi: o Pajé virou *Piasân*, a Cunhã Poranga é *Emanon*, a Porta Estandarte é chamada de *Uir Eponen* e a Rainha do Folclore, *Kiari Tepusen*. Eles são obrigatórios durante a disputa no festival (ANARRIÊ, 2010). Desde 2008 a Prefeitura Municipal de Boa Vista promove o Festival das Araras, no qual os grupos disputam o prêmio da melhor apresentação.

A partir do ano de 2001 os grupos folclóricos de quadrilhas passaram a receber incentivo financeiro dos órgãos públicos, organizaram-se e tornaram-se pessoas jurídicas. Para auxiliar os grupos que se tornaram entidades devidamente constituídas, foram criadas

instituições que passaram a lhes representar legalmente: a FERQUAJ e a LIQUAJUR, com isso, tornou-se possível a efetivação de convênios com o Estado e a Prefeitura de Boa Vista.

No ano de 2010, o Governo do Estado disponibilizou recursos financeiros às instituições FERQUAJ e LIQUAJUR, como forma de incentivo às quadrilhas juninas, assim podemos constatar na matéria publicada no jornal *on line*,

Este ano mais uma vez o Governo do Estado assinou convênio de repasse de verbas para as quadrilhas juninas. A Federação Roraimense de Quadrilhas Juninas (Ferquaj), que possui 11 grupos associados, recebeu R\$ 220 mil. Já a Associação de Quadrilhas Juninas de Roraima (Aquajurr), com 12 grupos, recebeu R\$ 240 mil (GARDÊNIA, 2010, p. 1. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/Noticia_Impressa.php?id=65222>. Acesso em: 15 jul. 2011.

Neste mesmo ano, a Prefeitura de Boa Vista também contribuiu com os quadrilheiros, conforme publicado na mídia eletrônica,

[...] repassou R\$ 72 mil para os representantes da Aquajur (Associação das Quadrilhas Juninas de Roraima) e Ferquaj (Federação Roraimense de Quadrilhas Juninas), na tarde desta quarta-feira (11), no gabinete da Fetec. O repasse é fruto do convênio entre a Prefeitura e a Aquajur e Ferquaj, beneficiando 19 quadrilhas. Cada escola receberá R\$ 4 mil. Em relação ao ano passado, houve um aumento de quase 70% no valor repassado. O dinheiro será utilizado na confecção das roupas e compra de materiais necessários para as apresentações (FONTE BRASIL, 2010, p. 1. Disponível em: <<http://www.fontebrasil.com.br/site/index>>. Acesso em: 15 jul. 2011.).

O recurso financeiro dos principais patrocinadores (Governo e Prefeitura) é a principio repassado às instituições FERQUAJ e LIQUAJUR que faz a entrega aos grupos. No entanto, após as apresentações nos concursos, as quadrilhas devem proceder a prestação de contas com notas fiscais ou notas de serviços, por exemplo, pagamento do INSS, da Fazenda e de taxa junto à Prefeitura.

Festival Estadual: Arraial das Três Nações

A festa promovida pelo Governo do Estado foi intitulada “Arraiá do Anauá”, a partir de 1991, uma referência ao local da sua realização: Parque Anauá (Figura 05), localizada na Avenida Brigadeiro Eduardo Gomes em Boa Vista (RR). Desde 2008, adotou-se como tema geral "Arraial das Três Nações", integrando apresentações de artistas nacionais, da Venezuela e da Guiana (SOUSA, 2008). A festa estadual é coordenada pela Secretaria Extraordinária da Promoção Humana e Desenvolvimento (SEPHD), em parceria com a Secretaria de Educação, Cultura e Desporto (SECD) e realizada geralmente na última semana de junho.

A partir de 2008 a festa se desenvolve sob uma temática diferente, em 2009 foi intitulada: “Nossa Terra, nosso chão, no Arraiá das 3 Nação” (SOUSA, 2009), devido à transferência das terras da união para o Estado neste período; e em 2010, em homenagem à copa do mundo intitulada: “Brasil a caminho da vitória”.

O Governo do Estado de Roraima não promoveu em 2011 a tradicional festa junina no Parque Anauá²⁹, devido à reforma que estava sendo realizada neste local, assim como a grande demanda de investimento e prazo de execução (TRAJANO, 2011). A opção foi realizar a festa para atender à necessidade dos quadrilheiros e da população de Roraima, promovendo assim, o 1º. Festival de Quadrilhas Juninas, especificamente para a realização do concurso de quadrilha. no Ginásio Senador Hélio Campos (Figura 06), Bairro Canarinho na cidade de Boa Vista. Neste ano, acompanhei o concurso das quadrilhas como pesquisadora.

Para que este festival se realizasse, o Governo do Estado instituiu uma comissão que ficou responsável pela organização do I Festival de Quadrilhas Junina do Estado de Roraima, composto por profissionais de diversas entidades, que envolveu os trabalhos de policiais, bombeiros, Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN), entre outros.

Antes da realização do festival, a Gerência da Unidade de Cultura promoveu reunião com os representantes dos grupos folclóricos de quadrilha visando ao sorteio para definir a ordem das apresentações do concurso do 1º. Festival de Quadrilhas promovido pelo Governo do Estado de Roraima. Também realizou o Congresso Técnico ao corpo de jurados e

²⁹ O Parque Anauá possui em espaço amplo, com dois ambientes, uma área coberta e ampla, onde está localizado o palco principal, são realizadas as apresentações de bandas locais e nacionais, assim como os concursos de quadrilhas juninas; o segundo ambiente trata-se de uma área aberta, onde são realizadas apresentações de outras bandas e quadrilhas infantis.

representantes dos grupos folclóricos de quadrilhas juninas, com o objetivo de apresentar o regulamento e definir os detalhes do que seria apresentado no concurso. Cada representante de grupo apresentou aos jurados o seu projeto, assim como indumentária dos brincantes por meio de uma amostragem, os casais ficam à disposição neste momento com o vestuário “caipira” que irão usar no concurso.

No concurso promovido pelo Governo do Estado de Roraima em 2011, participaram 24 grupos de quadrilhas juninas filiadas nas instituições FERQUAJ E LIQUAJUR. Alguns grupos realizaram o ensaio técnico para reconhecimento da área de apresentação momentos antes do concurso.

As normas do concurso de quadrilhas juninas estavam prescritas no Manual do Festival Estadual de Quadrilhas (SECD, 2011), inclusive da candidata ao título de Rainha Caipira do Festival, anunciada pelo animador durante a apresentação do grupo. O jurado de Rainha Caipira analisa os seguintes quesitos, em cada candidata: beleza, simpatia, desenvoltura, animação e traje típico.

Os jurados ficaram num local que permite melhor visualização geral dos grupos. Durante as apresentações, o corpo de julgadores não se comunica entre si, ficam avaliando os grupos de quadrilhas juninas conforme o quesito que é responsável.

Festival Municipal: Boa Vista Junina

Até o ano de 2000, o arraial promovido pela Prefeitura Municipal de Boa Vista era realizado na Praça Capitão Clóvis no centro da cidade, por necessitar de maior espaço, em 2001 se mudou para uma área próxima, na Praça do Centro Cívico. Em 2011, acompanhei o evento diretamente como pesquisadora, objetivando a realização do trabalho de observação.

Dois dias antes da festa, as quadrilhas realizam o ensaio técnico no local para o reconhecimento do tablado, ter noção de espaço da apresentação, posicionar o cenário e ornamentação. Este momento é muito importante para todos, são realizadas reuniões no tablado de forma que a conversa restringe-se apenas aos envolvidos. Com relação ao transporte dos brincantes, verificou-se que é realizado pela própria entidade promotora da festa, que disponibiliza um ônibus para cada grupo.

Enquanto os grupos de quadrilhas realizam o ensaio técnico, a estrutura física do local da festa é concluída, como: as arquibancadas, os cartazes dos patrocinadores e dos grupos de quadrilhas juninas localizados em locais visíveis ao público; carretas com grandes

escadas erguendo profissionais responsáveis pela iluminação, configurando os refletores próximos ao tablado, vendedores organizando as barracas de bebidas e comidas. A decoração é do local da festa é muito semelhante com uma cidade de interior, já que se trata de uma festa tradicional caipira. As barracas são padronizadas pela prefeitura, representando pequenas casas e na entrada da festa, cada uma possui um nome que a identifica.

O espaço da festa promovida pela Prefeitura Municipal de Boa Vista e que é realizada na Praça do Centro Cívico, foi dividido em três ambientes: o tablado, com apresentações das quadrilhas e grupos folclóricos; o palco onde são apresentadas as grandes atrações; e a “Ilha do Forró”, um espaço reservado para bandas de forró pé-de-serra com o objetivo de animar os casais que desejam dançar forró no Boa Vista Junina³⁰. A programação foi muito diversificada, objetivando agradar a todos os gostos e idades. Incluem-se neste processo, as apresentações musicais dos artistas locais e nacionais antes e depois dos concursos de quadrilhas (GRANDE, 2008).

No concurso de quadrilhas promovido pela prefeitura de Boa Vista, participam 20 (vinte) grupos, divididos igualmente em 2 (duas) categorias: Acesso e Especial, sendo que 16 (dezesesseis) destes grupos são do município de Boa Vista e 4 (quatro) de outros municípios: Mucajaí³¹, São João da Baliza e São Luiz do Anauá.

Os brincantes de cada grupo folclórico de quadrilha dançam no tablado localizado numa área central, circundada pelo camarote onde estão a comissão julgadora e a arquibancada com a plateia, além do palco principal. O animador do grupo, aquele responsável pelos integrantes da quadrilha, se vestem de acordo com o tema do grupo, assim como o casal e noivos.

Há 7 (sete) anos consecutivos, a Prefeitura Municipal por meio da Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura (FETEC) e Secretaria Municipal de Comunicação Social (SEMUC), publica uma revista com informações sobre a festa junina, chama-se Anarriê. Em 2012 a revista apresentou-se na sua 7ª. Edição. Todos os anos aborda uma temática relacionada à festa Boa Vista Junina (Quadro 4). Os temas possuem relevância ao município, abordam fatos sociais, econômicos, históricos, entre outros.

³⁰ A programação da Ilha do Forró é realizada sempre aos finais de semana, com a participação de bandas e cantores locais. Durante a semana, as apresentações são realizadas apenas no tablado e no palco principal.

³¹ Dois grupos são do município de Mucajaí.

Ano	Tema
2006	Anavantú Anarriê – no Boa Vista Junina a festa é pra você
2007	Um arrastão de alegria no Boa Vista Junina
2008	Cheiros e sabores, Brasil de todas as cores
2009	Do Caburaí ao Chuí, o Brasil começa aqui!
2010	Do Sertão ao Setentrião dez anos de tradição
2011	Um caldeirão cultural
2012	Nossa história, nossa gente.

Quadro 4: Edições e temas das festas juninas promovidas pela Prefeitura de Boa Vista.

Fonte: Elaborado pela autora com base em: Anarriê, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012.

A Revista Anarriê aborda assuntos especificamente relacionados à festa de Boa Vista Junina, enfatizando as quadrilhas juninas, “uma marca das quadrilhas é sempre trabalhar temas que divulguem Roraima” (ANARRIÊ, 2007, p. 28). Na revista, consta a programação do arraial, informações sobre as atrações da festa e os pontos turísticos da cidade de Boa Vista (ANARRIÊ, 2006), para os produtores de Anarriê (2006, p. 4) “[...] é o concurso de Quadrilhas a maior atração do Arraial. Ele movimenta todos os anos comunidades inteiras, que trabalham na confecção de fantasias, coreografias e apresentações”.

Paralelamente a esse trabalho temático as quadrilhas também evoluíram nesse sentido e incluíram temas em cada grupo, assim afirma a senhora Lúlia Andréia Oliveira da Silva³²:

Antigamente algumas quadrilhas juninas apresentavam um tema, mas não era desenvolvido durante a dança, mas que não era cobrado pelo regulamento, assim, não era muito explícito. Então percebemos que seria necessário cada grupo se apresentar conforme o tema. Hoje em dia as quadrilhas realmente investem nessa questão, até porque conta ponto e quem iniciou com esse processo realmente de mudança foram a Zé Monteirão, Garranxê e a Canecão, que vinham com uma roupagem adequada com algum tipo de ornamentação que hoje isso virou um trabalho gigantesco dentro de cada grupo.

Em 2006, o tema da festa Boa Vista Junina foi em homenagem à quadrilha junina, por ser considerada a maior atração do arraial. Em 2009, o tema elevou o Monte Caburaí, tendo em vista que, em 1998, foi reconhecido como o ponto mais setentrional do Brasil. Em 2010, foi celebração da 10ª. edição da festa Boa Vista Junina e cidade de Boa Vista

³² Superintendente de Cultura da FETEC. Entrevista realizada no dia 04 de outubro de 2012.

comemorava 120 anos. Na 11ª. edição da festa, em 2011, a temática “Um Caldeirão Cultural” da revista homenageou a população roraimense “[...] a diversidade característica da nossa cidade, que é formada por culturas de todos os cantos deste País, também tem seu destaque” (ANARRIÊ, 2011, p. 03).

Por outro lado, durante a festa, nota-se a preocupação dos promotores com procedimentos de segurança em vários pontos do local, devido à presença de câmeras de vídeo instaladas em pontos estratégicos da Praça do Centro Cívico, a monitoração é feita com o auxílio de policiais militares e guardas municipais, além da Polícia Civil, Corpo de Bombeiros, Superintendência Municipal de Trânsito (SMTRAN) e DETRAN. Com relação ao atendimento médico, nas festas ainda há a presença das equipes do Expresso Saúde e do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU). A coordenação municipal de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA), do inglês *Acquired Immunodeficiency Syndrome* (AIDS), distribui preservativos e orienta o público sobre doenças sexualmente transmissíveis (BOA VISTA, 2011).

O concurso de Rei Matuto e Rainha Caipira da festa Boa Vista Junina 2011 é realizado aproximadamente duas semanas antes da festa patrocinada pela Prefeitura Municipal. O (a) candidato (a) inscrito (a) em cada categoria (Rei ou Rainha) representa individualmente uma Quadrilha Junina. Eles são avaliados pelos julgadores nos seguintes critérios: desenvoltura, traje típico, simpatia e animação, conforme consta no regulamento do concurso (BOA VISTA, 2011). O casal eleito deve comparecer durante todas as noites na festa junina.

O regulamento do concurso

Com o objetivo de organizar a disputa entre os grupos de quadrilhas nos concursos, foram criadas regras, visando valorizar as melhores apresentações e dando chance aos grupos menos experientes com a divisão de duas categorias: Acesso e Especial³³. No regimento do concurso funciona da seguinte forma:

³³ A terminologia Grupo de Acesso e Especial é utilizada nas disputas das escolas de samba do Rio de Janeiro, assim como em São Paulo no período carnavalesco.

Os dois últimos colocados do grupo Especial descem para o grupo de Acesso. No lugar delas, entram as duas quadrilhas que tiraram a maior pontuação no grupo de Acesso.

Já as duas últimas colocadas no grupo de Acesso cedem lugar a outras quadrilhas indicadas pela entidade que representam. Quem sai do grupo de Acesso tem que esperar uma nova chance de voltar a se apresentar no arraial municipal (ANARRIÊ, 2007, p. 7).

No dia do concurso, os quadrilheiros já estão cientes da ordem de apresentação, tendo em vista que o sorteio é realizado duas semanas antes. O tempo de apresentação é de vinte e cinco a trinta e cinco minutos. O cenário deve ser montado no tablado no tempo máximo de dez minutos, e no final da apresentação, mais 10 minutos para retirá-lo.

Consta no regulamento do concurso de quadrilha (ANARRIÊ, 2011; SECD, 2011) que durante as apresentações, os grupos não podem fazer uso de qualquer tipo de fogos de artifícios, pirotecnia ou qualquer artefato que produza chamas ou faíscas que possam trazer riscos à população, a menos de duzentos metros da área que compreenda toda a estrutura do Arraial. O uso será permitido apenas pelo Corpo de Bombeiros, por meio de autorização escrita. Este critério também é adotado no Festival Folclórico do Amazonas, na cidade de Manaus, que impede qualquer uso de fogo na apresentação dos grupos (SILVA, A., 2009).

O concurso para a escolha do Rei Matuto e Rainha Caipira e dos Príncipes e Princesas é uma atração esperada pelo público durante a festa. Neste concurso, é considerada a desenvoltura, simpatia e dança dos candidatos. Com o objetivo de justificar este concurso, Anarriê (2011, p. 11) diz que: “Como as quadrilhas são heranças européias, há quem diga que o Rei Matuto e a Rainha Caipira sejam representações adaptadas aos costumes da roça, dos reis e rainhas que existiam na Europa antiga”.

As quadrilhas têm a sua importância, geram renda em vários ramos de atividades como músicos, costureiras, artesãos, armarinhos, grupos teatrais entre outros. A competição entre os grupos de quadrilhas passou a exigir das pessoas envolvidas: diretores, brincantes, coreógrafos, muita responsabilidade, devido à disputa no tablado. Dentro deste contexto, Chianca (2006, p. 149) ressalta: “nos grandes concursos, os grupos não se reúnem ‘para brincar’, mas para ‘uma briga’ séria, na qual buscam obter maior reconhecimento público de suas qualidades de artistas, cidadãos e cidadãos”.

Os jurados

Antes de 2001, o regulamento do concurso de quadrilha era simples, a FETEC percebeu a necessidade de elaborar regulamento mais completo, assim se elaborou um caderno de orientação onde estão todas as instruções para o julgador e para o quadrilheiro. Este regulamento foi construído em parceria entre a FETEC e os presidentes das quadrilhas. Algumas decisões que são soberanas não mudam, por entender que a necessidade realmente de quem sente corresponde aos quadrilheiros, assim afirma a senhora Lúlia Andréia Oliveira da Silva³⁴,

Já dancei e sabia das dificuldades que a gente enfrentava então eu vim realmente pra tentar arrumar essas diretrizes, para que os grupos não tenham tanta dificuldade na montagem dos festivais e na participação em arraial, já que participação deles é de suma importância e isso tinha que ser valorizado, tinha que ser realmente colocado como pontos específicos dentro do festival, dentro da estrutura do arraial, e como eu conhecia todos os pontos eu vim realmente pra fazer essa mudança e eu tenho certeza que o trabalho foi feito.

O corpo de jurados dos concursos de quadrilhas promovidos pelos “órgãos oficiais” é composto por dez membros, sendo um para cada quesito, que são (SANTOS, 2011):

- **Conjunto:** é a forma geral como a quadrilha se apresenta, as quadrilhas são julgadas pela uniformidade em todas as formas de expressão: musical, dramático, coreógrafo e visual;
- **Animador:** é a figura central do grupo, informa os comandos para que os brincantes realizem os passos. É julgado pela liderança sobre os integrantes da quadrilha, pelo poder de improvisação e empatia com o público e seu grupo;
- **Animação:** refere-se à espontaneidade, alegria e vigor que os pares se apresentam. A quadrilha é avaliada pela vivacidade, empolgação, vibração e agilidade durante a apresentação. O julgador também observa se todos os brincantes estão cantando e se estão em sintonia com o animador;
- **Traje típico:** julgamento das roupas que a quadrilha está usando. São julgadas pelo entrosamento, utilização, exploração, distribuição de materiais e cores,

³⁴ Superintendente de Cultura da FETEC. Entrevista realizada em 04/10/2012.

funcionalidade dos trajes típicos e capricho na confecção e acabamento das roupas. O traje típico também está relacionado com o “tema” da apresentação. Entretanto, há penalização na ausência de chapéus, sapatos e outros complementos durante a apresentação;

- **Criatividade:** é avaliada pela capacidade inventiva de cada quadrilha. Todos os elementos visuais, dramáticos, coreográficos e sonoros que estão usando e as inovações;
- **Evolução:** é a progressão de acordo com o ritmo que está sendo executado. É julgado pela coesão da apresentação, espaçamento uniforme, sincronismo da dança e dos gestos, de acordo com a coreografia, porém, são penalizados pela ocorrência de correrias;
- **Música:** o julgador avalia letra e melodia separadamente. A letra é julgada pela adequação ao tema, riqueza poética, beleza e bom gosto, objetividade, clareza e precisão e adaptação a melodia, porém, não devem se preocupar com a rigidez gramatical normativa; a melodia é julgada pelas características rítmicas da música, riqueza melódica e harmonia musical, se está facilitando o canto e a dança dos brincantes;
- **Coreografia:** é o conjunto de passos apresentados em cada dança. São julgados pela uniformidade dos brincantes durante a apresentação dos passos e pelo ritmo da dança (se esta em harmonia com a música), vale ressaltar que o casal de noivos não é considerado neste quesito;
- **Casal de noivos:** é julgado pela animação e irreverência do casal, empatia com o público, confecção e acabamento da roupa; e
- **Desenvolvimento do tema:** é observado se o que foi apresentado está adequado ao tema proposto e se conseguiu desenvolver durante a apresentação.

Os jurados são escolhidos pela coordenação do evento, formados por profissionais que já possuem experiência em julgar concursos ou que estejam envolvidos na área artística e cultural. Consta no regulamento que não devem existir emoções ou paixões por nenhum grupo, exercendo, sempre, um distanciamento crítico, como forma de garantir uma avaliação técnica (SANTOS, 2011). Quer dizer que o julgador não deve ter envolvimento pessoal com nenhum grupo folclórico de quadrilha que participará da competição.

As notas atribuídas são de sete a dez pontos nos quesitos: conjunto, traje típico e casal de noivos. No quesito Música as notas para os subquesitos, letra e melodia, serão de 3,5 a 5,0. A Rainha Caipira será avaliada pelos seguintes quesitos: beleza, simpatia, desenvoltura e traje típico (ANARRIÊ, 2011; SECD, 2011). Sobre os critérios de avaliação dos quesitos, a senhora Isabel Santos³⁵ esclarece,

A primeira coisa que se aprende como jurada é que nós não damos nota, nós tiramos, porque a quadrilha quando sobe no tablado, sobe com nota 10, vai depender dela de manter aquele 10 ou não. A nossa visão é de verificar, por exemplo, se o critério é a alegoria, então vou ter que olhar melhor a alegoria, se está melhor que a outra, a melhor vai continuar com a nota 10. Se alguma tem a menos, vou tirar décimos. Isso vale para todos os quesitos: casal de noivos, a rainha, evolução, coreografia, enfim, tudo é do mesmo jeito. Muitas vezes, a quadrilha está linda e maravilhosa, mas a menina deixou cair o sapato, a roupa se abre. Então o jurado tem a obrigação de observar isso, é a função dele, está ali pra isso. Os grupos têm que saber nos ensaios se a roupa está boa, se o sapato está bom. Perdeu um sapato, já é um décimo a menos.

Entretanto, os jurados observaram que os grupos de quadrilhas estavam deixando de apresentar os passos tradicionais já conhecidos, por exemplo: o Túnel, o Caracol, a Grande Roda, e adquirindo características mais estilizadas, com temas inovadores na apresentação, novas coreografias, vestimentas sofisticadas, entre outras. Ao tomar conhecimento, os órgãos promotores dos concursos incluíram no regulamento, que cada grupo deveria apresentar no mínimo quatro passos tradicionais, assim, esse quesito tornou-se obrigatório (SECD, 2011).

A plateia

Os concursos oferecem também divertimento e alegria não apenas aos participantes, mas a todos que os assistem, além de ser um trabalho social com os jovens das comunidades que se iniciam no contato com os coordenadores de cada grupo.

O concurso de quadrilhas atrai público ao evento. A plateia é um *show* à parte nas festas, trata-se de um conjunto de espectadores que prestigiam as apresentações de grupos folclóricos, principalmente de quadrilhas juninas quando estão competindo. Observei que no local do evento, existe uma área próxima ao tablado que fica reservada a este público para

³⁵ Maria Isabel dos Santos é mais conhecida por Isabel Santos. É jurada oficial da FETEC e do Governo do Estado nos concursos de quadrilhas juninas. Entrevista realizada em 24/01/2013.

assistir às apresentações de quadrilhas, tanto nas festas promovidas pelo Governo do Estado como da Prefeitura de Boa Vista. Entretanto, torna-se necessário que este espaço ofereça campo visual adequado, visando facilitar a visualização e interação entre os brincantes com a plateia.

Na festa no espaço aberto, referindo-se a festa Boa Vista Junina da Prefeitura na Praça do Centro Cívico em 2011, foram construídas arquibancadas de estrutura metálica, armadas em forma de assentos em degraus, permitindo melhor visibilidade. Já no Estado, o público prestigia o concurso de quadrilhas juninas acomodados em assentos permanentes (cimento) do Ginásio Poliesportivo Hélio Campos, no Bairro Canarinho.

A maioria dos grupos de quadrilhas tem torcida organizada que se acomoda em locais onde há faixas de propaganda divulgando seu grupo, localizada na parte superior da arquibancada, usam vestimentas personalizada, adereços nas mãos para chamar atenção na hora da apresentação, além de cantar as músicas do seu grupo.

A disputa no tablado entre os grupos de quadrilhas é realizada aproximadamente durante cinco dias, sendo que, há dias que alguns grupos atraem maior quantidade de público, além disso, observei que, em determinados momentos, a segurança foi reforçada, especialmente nas quadrilhas de grande porte, em que suas apresentações, lotando as áreas próximas ao tablado.

Assim, o público é um dos maiores prestigiadores das apresentações e vibram a cada apresentação. As grandes quadrilhas já são esperadas pelos fãs, de forma que, nas arquibancadas nota-se a sua presença com vestimentas personalizadas (blusas com os nomes dos grupos).

É importante notar que os brincantes reconhecem se estão desempenhando bem ou não o seu papel com as atitudes da plateia, assim entende Goffman (2009, p. 50): “o ator muitas vezes incute na plateia a crença de estar relacionando com ela de um modo mais ideal do que o que ocorre na realidade”. Esta interação e relação de confiança tornam-se importante tendo em vista que estão sendo julgados por especialistas que avaliam o conjunto.

CAPÍTULO 3

AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS EM TRÊS QUADRILHAS JUNINAS NA CIDADE DE BOA VISTA-RORAIMA

Para verificação de análise das transformações culturais em quadrilhas juninas de Boa Vista nas últimas décadas, selecionei três grupos folclóricos, que são: Grupo Folclórico Quadrilha Eita Junino, Associação Quadrilha Forrozão Caipira e Grupo Folclórico Zé Monteiro. Para isso, priorizei a análise das entrevistas com representantes do setor cultural do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal da cidade de Boa Vista, presidentes dos grupos de quadrilhas e colaboradores (jurados, animadores, brincantes, entre outros). Para fins de entendimento, apresento a genealogia dos grupos de quadrilhas e a influência neste processo de mudanças.

Durante a pesquisa, as mudanças nas quadrilhas juninas são demonstradas por meio dos relatos de pessoas que estão envolvidas com este processo, por acompanharem e vivenciarem as transformações dos grupos, assim relembra o senhor Afonso Rodrigues de Oliveira o período de infância e compara com os dias atuais,

Na minha infância, tanto quanto na adolescência, assisti a muitas apresentações de Quadrilhas Juninas. Só que, à época, as quadrilhas tinham uma característica clássica [...] Ainda há pouco fiquei um tempão tentando me lembrar das palavras usadas nas músicas das velhas quadrilhas e não consegui. O tempo as levou. O modernismo descaracterizou tudo. O que era uma dança cadenciada e realmente folclórica virou euforia numa quase competição física. Mas o que isso importa? É muito provável que mais cedo ou mais tarde, a garotada sinta a necessidade de moderar um pouco mais no ritmo da dança e maneirar um pouco no exagero dos trejeitos dos “caipiras” excessiva e exageradamente fantasiados. Mas o que importa nisso tudo é a alegria, a dedicação, o entusiasmo e o desprendimento do pessoal, no intuito de espriar alegria nas praias barrentas da desilusão e da decepção (OLIVEIRA, 2006, p. 1).

Essa descaracterização citada pelo senhor Afonso Rodrigues, refere-se à quadrilha quando se dançava passos tradicionais que, de certa forma, ainda permanecem na atualidade devido à exigência nos concursos. Porém, Burke (2010, p. 161) entende que as inovações ou variações, quando aceitas pelas comunidades “[...] serão imitadas e assim passarão a fazer

parte do repertório coletivo da tradição”, caso contrário, não permanecerão. No caso das quadrilhas, as inovações transformaram a dinâmica cultural dessa manifestação artística.

Assim, o estudo de três grupos folclóricos de quadrilhas juninas em Boa Vista-Roraima, Grupo Folclórico Quadrilha Eita Junino, Associação Quadrilha Forrozão Caipira e Grupo Folclórico Quadrilha Zé Monteiro, deve contribuir para a compreensão das transformações culturais desta dança no período de 2001 a 2011, acompanhado de uma análise comparativa dos resultados, na perspectiva de revelar com clareza a existência de pontos em comuns entre elas, como também as distinções relacionadas à formação, ao perfil dos quadrilheiros, vestuário, costureiras, ensaios, coreografia, entre outros.

Mudanças na organização das quadrilhas juninas

A transformação nos concursos de quadrilhas juninas em Roraima advém de 2001, quando os mesmos critérios de organização dos desfiles das escolas de samba de Boa Vista foram adaptados para estes concursos. Quem esclarece este processo é o senhor Chiquinho Santos³⁶, que recebeu a missão de organizar os desfiles no carnaval a partir de 2001:

Apesar de pernambucano, eu tenho uma vivência no Rio de Janeiro, gosto muito de samba e de carnaval, tinha um envolvimento com as escolas de samba aqui. O primeiro passo foi realizar uma pesquisa, assim, entrei na grande ferramenta da rede, que é a Internet, fui até o site da Liga Independente da Escola de Samba do Rio de Janeiro³⁷ (LIESA) e procurei o máximo de informações para saber como se desenrolava o carnaval deste estado, e vi que tinha muitas informações interessantes, afinal, o maior carnaval de escolas de samba do mundo é no Rio de Janeiro, se a gente quer uma coisa bem feita então tem que ter como modelo o melhor. Então do site, tirei a ideia do caderno de orientação, das obrigatoriedades, da questão do regulamento. Eu peguei esse regulamento e evidentemente que eu adaptei a realidade de Boa Vista, não é a realidade do Rio de Janeiro, até porque, como exemplo, quando se fala de uma escola do Rio de Janeiro se falando de uma escola de samba com 3500 ou 4.500 brincantes. Eu sabia que a realidade daqui era outra. Assim eu consegui adaptar, fiz um caderno de orientação muito bacaninha, onde tinha o nome de todo mundo que ia trabalhar, com todas as informações técnicas, porque lembrei o

³⁶ O Senhor Lindonaldo Francisco dos Santos é mais conhecido por Chiquinho Santos, assim, adotaremos esse nome no trabalho. Foi responsável pela sistematização e inovação dos concursos das Escolas de Samba e das quadrilhas juninas de Boa Vista; criou o Caderno de Orientação dos concursos e a Revista Anarriê da FETEC; criou o concurso Rei Matuto; é compositor de músicas juninas e samba enredo, entre outros. Entrevista realizada em 09/02/2012.

³⁷ A LIESA foi fundada em 24 de julho de 1984 por representantes de Acadêmicos do Salgueiro, Beija-Flor de Nilópolis, Caprichosos de Pilares, Estação Primeira de Mangueira, Imperatriz Leopoldinense, Império Serrano, Mocidade Independente de Padre Miguel, Portela, União da Ilha do Governador e Unidos de Vila Isabel. Fonte: <http://liesa.globo.com/> Acesso em: 09/02/2013.

seguinte, tinha a imprensa que trabalhava, e esse caderno era um caderno de orientação do desfile das escolas de samba de Boa Vista, por conta disso, quem recebeu esse caderno: todas as escolas de samba; os jurados e a imprensa jornal impresso, televisão, revista. Quem aparecia, ganhava.

Ainda segundo Chiquinho Santos, a intenção era que todas as pessoas envolvidas no desfile deveriam ter conhecimento do que estava acontecendo, e afirma que “o desfile das escolas de samba de Boa Vista neste momento, passou a ter o mesmo modelo do que acontecia no Rio de Janeiro, todo o processo administrativo era o mesmo, conforme o modelo da LIESA”. Este procedimento inicial resultou em mudanças no carnaval, porque houve a transformação na avenida, foi colocada divisória dos dois lados, a posição dos jurados foi alterada, passaram a ficar em cabines e separados uns dos outros.

Após estes procedimentos, deu-se início à organização administrativa das quadrilhas juninas. O modelo que foi preparado para o carnaval quando aplicado às quadrilhas juninas resultou em mudança, iniciando com a criação do caderno de orientações constando os quesitos de julgamento, de acordo com Lúlia Andréia Oliveira da Silva³⁸,

O regulamento que se tinha era um regulamento muito simples, nós começamos com o decorrer dos anos a partir de 2001, observamos que necessitava de um regulamento mais composto conforme foram crescendo os grupos e cada apresentação. Montou-se um regulamento que hoje é um caderno de orientação onde tem todas as instruções para o julgador e para o quadrilheiro, então hoje você consegue realizar um festival com muita clareza, com muita seriedade dentro do regulamento que a equipe montou, o mentor desse regulamento foi Chiquinho Santos, mas cada membro da equipe da FETEC teve participação dentro do regulamento e os próprios grupos, hoje a gente faz esse festival junto com cada presidente.

Outras inovações das quadrilhas juninas foram herdadas do Carnaval, pode-se citar o tema, a entrada e a música. A entrada refere-se à encenação mostrada no início da apresentação do grupo, que deve estar de acordo com a temática do grupo.

Sobre o tema, tinha quadrilha que já apresentava, mesmo não fazendo parte do julgamento, por exemplo, a quadrilha Zé Monteiro a partir do ano de 1996. Paralelamente a este processo, foi incluída a música original como item obrigatório no concurso, conseqüentemente, músicos e compositores começaram a gerar renda com as gravações das músicas das quadrilhas em estúdios.

³⁸ Superintendente de Cultura da FETEC. Entrevista realizada em 04/10/2012.

Com relação à produção da música, há grupos que fazem a própria montagem em CDs, principalmente após seleção de letra da música que se encaixa com o tema da quadrilha, por meio de programas de computadores, segundo Sabá Moura “hoje se faz em casa, tenho programa no computador. Acelero a música, deixo-a mais fraca, mas sempre no ritmo do arrasta pé”. Sobre as músicas próprias das quadrilhas, salienta, “funcionam como se fosse um samba-enredo, tem que falar do seu tema, normalmente se contrata a banda para produzir a música”. A apresentação da música torna-se importante tendo em vista que “vários concursos foram decididos na música”, assim relata Moura, e já “sugeri que a música não fosse quesito de avaliação, mas de obrigatoriedade no concurso”.

A contribuição do Carnaval às quadrilhas juninas é justificada por Chiquinho Santos: “começaram as mudanças quando as quadrilhas começaram a se sofisticar: os brincantes, a coreografia, letra e música”. Para Isabel Santos³⁹, o luxo apresentado pelos grupos é uma das mudanças mais visíveis nas quadrilhas,

As mudanças que ficaram mais visíveis foram em termos de luxo, já não é mais aquela quadrilha, pobrezinha, da roça, isso acabou. O quadrilheiro nem pensa mais entrar no tablado com uma roupa simples, de caipira de outrora, hoje está visível o luxo e a riqueza, são caipiras que se vestem muito bem, se maquiavam muito bem e se penteiam muito bem.

Assim, as quadrilhas se estilizaram, e segundo o senhor Zé Nilton⁴⁰, o que gerou essa mudança foi “quando as quadrilhas começaram a ter contato com as quadrilhas da Paraíba, inserindo elementos como o próprio traje, vestidos mais compridos e coreografias estilizadas”. E complementa: “no início ninguém aceitava as mudanças, isso foi aos poucos”.

Inspirado no Rei Momo, importante personagem das festas de Carnaval, foi criada a figura do Rei Matuto para fazer parceria com a Rainha Caipira nas festas juninas, assim iniciou em Boa Vista a realização de concursos destes personagens. Neste contexto, Chiquinho relata que “começamos a perceber o grande fluxo de turistas que vinham de Manaus para o arraial de Boa Vista”. Apenas lamenta sobre a realização de duas festas separadas: “até hoje acho muito prejudicial, tomara que as autoridades um dia acordem sobre a questão da Boa Vista Junina e do Arraial do Parque Anauá. Seria muito bom que o poder

³⁹ Maria Isabel dos Santos é mais conhecida por Isabel Santos. Desempenha a função de jurada oficial da FETEC e do Governo do Estado nos concursos de quadrilhas juninas. Entrevista realizada em 24/01/2014.

⁴⁰ O senhor José Nilton Ventura é mais conhecido por Zé Nilton. Fundador da Quadrilha Garranxê no ano de 1988. É figurinista, compositor, animador, coreógrafo.

público fizessem apenas uma festa, para a promoção de um calendário único que ajude na indústria do turismo roraimense”.

A Revista Anarriê, publicação anual da FETEC, também recebeu contribuição do Carnaval, segundo Chiquinho Santos,

A LIESE no Rio de Janeiro publica uma revista que traz todas as informações sobre as escolas de samba e o desfile do Rio de Janeiro, chamada LIESA NEWS. Assim, levei a ideia e, nós da FETEC, criamos em 2006 a revista anual chamada “Anarriê”, com o objetivo de divulgar o evento “Boa Vista Junina” e homenagear os grupos folclóricos que participam dos concursos de quadrilhas.

A revista aborda a história das quadrilhas, e o que vão apresentar durante o concurso, publica a letra das músicas de cada grupo, a programação, entre outras informações.

Outra influência do Carnaval foi a produção de *Compact Disc* (CD) pela prefeitura, com as músicas originais dos grupos de quadrilhas que participam do concurso com gravação em estúdio.

Além de promoverem e participarem de eventos culturais locais e nacionais, atualmente os quadrilheiros possuem representantes em diversos segmentos da sociedade, como:

- Vice-Presidente da Confederação Nacional de Quadrilhas Juninas e Grupos Folclóricos do Brasil: Mário Moura, fundador e animador do Grupo Folclórico de Quadrilha Escola Forrozão;
- Conselheiro Estadual de Cultura: Sebastião Alberto Vieira de Moura, mais conhecido por Sabá Moura, fundador, coreógrafo e animador do Grupo Folclórico de Quadrilha Xamego na Roça. O Conselho Estadual de Cultura (CEC) é um órgão vinculado à estrutura da SECD, com atribuições consultivas, normativas, fiscalizadoras e deliberativas na orientação e coordenação das atividades culturais do Estado (CEC, 2013).
- Vereador eleito em 2012: Sandro Denis de Souza Cruz, fundador e animador do Grupo Folclórico de Quadrilha Eita Junino, mais conhecido por Sandro Baré. Foi empossado na Câmara Municipal de Boa Vista e o segundo mais votado;
- Representante no Fórum Permanente de Cultura de Roraima: foi criado com o objetivo de colaborar com o processo de valorização do segmento cultural na

capital e no interior. Constituiu-se a partir do entendimento de artistas, produtores culturais e cidadãos que percebem a importância da articulação, mobilização, pesquisa e interação para contribuir com a efetivação de políticas públicas voltadas para a cultura em Roraima (FÓRUM DE CULTURA DE RORAIMA, 2009).

- I Fórum de Cultura Junina e Grupos Folclóricos de Roraima em 2012, com o tema “Cultura popular levada a sério”. Evento promovido pela FERQUAJ e LIQUAJUR, mediado por Lindonaldo Francisco dos Santos, mais conhecido por Chiquinho Santos. O objetivo foi discutir a Cultura Junina Roraimense no aspecto da memória de produção simbólica da gestão e da participação social e cidadania (AMAZONAS, 2012); e
- 1ª Oficina de Danças Nordestinas em 2013, realizada pela LIQUAJUR e Confederação Nacional de Quadrilhas Juninas e Grupos Folclóricos do Brasil (CONAQJ), com o objetivo de aprimorar a qualidade das quadrilhas juninas e uma maior integração entre as mesmas. Foi ministrado por Naldinho Flores, coreógrafo e renomado folclorista paraibano que demonstrou conhecimento, técnica e segurança na transmissão dos conteúdos propostos (MARKETING, 2013).

Uma das mudanças mais significativas, além do caderno de orientações, foi a qualificação dos jurados por meio do Congresso Técnico pelos órgãos promotores dos concursos de quadrilhas juninas e o Curso de Nivelamento, para que os jurados tivessem uma preparação especial do trabalho, tendo em vista que não havia profissionais com a formação em quadrilhas juninas, esta necessidade foi suprida por outros especialistas.

Assim, a instituição promotora entrega aos jurados o caderno de orientações do concurso para que contribua com o seu conhecimento técnico, conforme os critérios que estão adotando. Entretanto, Chiquinho Santos ainda alerta sobre o que significa este processo: “as pessoas não percebem, mas é um certame público, é um concurso público, e quem dá os critérios de avaliação é a instituição que está coordenando”, ou seja, o poder público estadual e municipal.

Juntamente com as mudanças expandiu-se a economia criativa, as quadrilhas passaram a gerar fonte de renda e a criar empregos, segundo Zé Nilton “porque paga-se costureira, artesão, cantor, banda, na época das apresentações as pessoas vão gastar nas barracas com comidas típicas”. Sobre a importância do turismo, enfatiza “a festa é um atrativo turístico e engloba o comércio geral”. Além disso, investem em alegorias, adereços de mãos, produção de CD’s.

Nos últimos anos, o Governo do Estado de Roraima e a Prefeitura Municipal de Boa Vista colaboram com repasse de verbas às quadrilhas juninas, com o objetivo de ajudar no custo das apresentações nos concursos realizados nos eventos Arraial das Três Nações e Boa Vista Junina que ocorre por meio de um convênio para as associações de quadrilhas juninas do Estado. O recurso financeiro é depositado na conta das instituições FERQUAJ e LIQUAJUR, são os representantes das quadrilhas juninas, que ficam responsáveis pela distribuição aos grupos de quadrilhas. A figura 8 mostra o caminho percorrido do recurso financeiro:

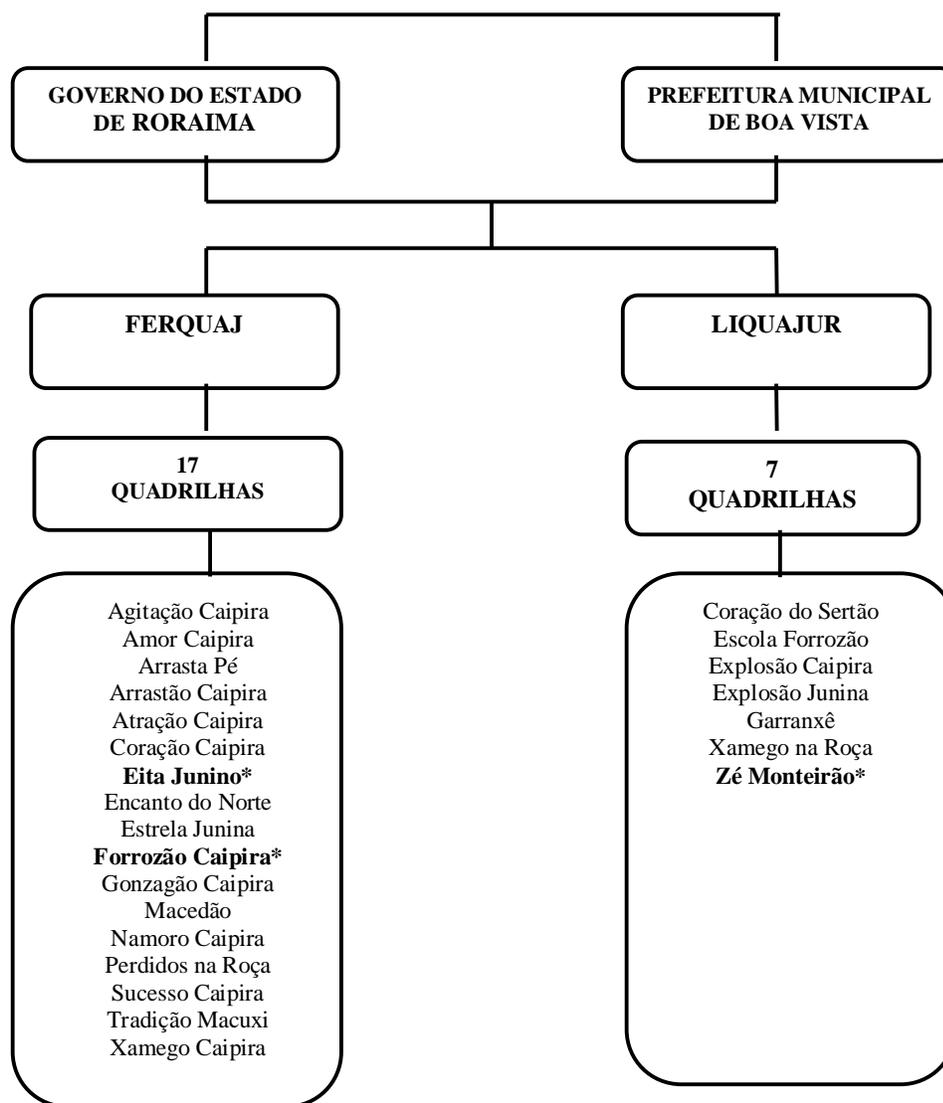


Figura 8: Repasse de verbas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2012.

* Grupos que estão participando da pesquisa.

Sobre o recurso repassado pelo poder público, Zé Nilton afirma que “para o artista, esse convênio serve como ajuda, mas as quadrilhas não esperam, fazem bingo, feijoada, rifa e promovem festa”.

O órgão responsável por executar políticas de cunho cultural no município de Boa Vista é a FETEC, e no Governo Estadual era a SECD por meio do Departamento de Cultura. Recentemente foi criada a Secretaria de Estado da Cultura⁴¹, por meio da Lei Nº 890 de 23 de janeiro de 2013. Sua função está explícita no Artigo 2º da lei: “[...] a promoção e desenvolvimento de políticas públicas e governamentais para a cultura do Estado de Roraima [...]” (RORAIMA, 2013, p. 1).

Os presidentes dos grupos de quadrilhas afirmam que ainda precisam do apoio do poder público para preparar as vestimentas, acessórios e o material cênico, de acordo com Marco Aurélio Porto Fonseca⁴², atual Secretário de Cultura, “

os grupos não fazem mais apresentação de dança, mas um número bem elaborado que requer uma sofisticação e investimento bem maior. Nós aqui do Departamento de Cultura procuramos sempre orientar a Secretaria e o nosso governo em apoiar o nosso concurso de quadrilhas juninas com esse aporte que é realizado a cada ano.

Os valores são definidos em função do orçamento, tanto o Estado quanto o Município estabelecem a previsão dos gastos para o ano seguinte por meio de planilha orçamentária dos grupos. A cada ano procuram um incremento de acordo com o crescimento da economia. Eles reconhecem que as quadrilhas gastam muito mais que recebem e precisam buscar ajuda financeira por meio de diversas ações que realizam com outros patrocinadores.

Entretanto, observa-se a preferência das quadrilhas pela FERQUAJ, tendo em vista que, apenas as filiadas nesta instituição podem participar do Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas, promovido pela CONFEBRAQ. Além disso, o grupo que vencer o concurso estadual recebe passagens aéreas para representar o estado no concurso nacional.

⁴¹ Segundo Rodrigues (2013, p. 1): “em pleno século XXI o estado era o único do país a não possuir uma secretaria específica para questões culturais, pois antigamente assuntos pertinentes à cultura eram tratados na secretaria de educação”.

⁴² Diretor do Departamento de Cultura/SECD, entrevista realizada no dia 18 de setembro de 2012. Atualmente é o Secretário de Cultura.

Genealogia dos grupos de quadrilha

A genealogia dos grupos folclóricos de quadrilhas juninas da cidade de Boa Vista foi elaborada com a colaboração dos seus representantes e brincantes, com o objetivo de priorizar a veracidade das informações. Será apresentado um breve relato informando a origem de algumas quadrilhas acompanhado da visualização gráfica por meio de organogramas. Pretendo discutir a questão da transformação cultural tendo como ponto de partida a dinâmica na formação de novos grupos por brincantes, que se desligaram de um para criar outro, mostrando que foram em busca de mudanças.

Neste levantamento estão as quadrilhas institucionalizadas e filiadas na FERQUAJ e LIQUAJUR. Devido à importância no contexto histórico, incluí grupos extintos⁴³, outras permanecem até os dias atuais ou deram origem a novos grupos por ex-brincantes, conforme se pode observar nas figuras 9, 10, 11 e 12.

Na primeira genealogia, o ponto de partida para este estudo serão as quadrilhas juninas: Carretão, criada em 1980 e extinta em 1984, e a Canecão, em atividade entre 1983 a 1996, reconhecida pelos quadrilheiros por serem uma das pioneiras em concursos. Destas quadrilhas, se originaram outras, como: a Macedão no ano de 1997, do Bairro da Mecejana, e a Garranxê, criada no dia 28 de maio de 1988 por moradores do antigo Conjunto Pricumã⁴⁴ que “[...] decidiram organizar uma quadrilha para oferecer uma opção a mais de lazer para o bairro e, ao mesmo tempo, preservar o folclore brasileiro” (ANARRIÊ, 2006, p. 11).

Ex-brincantes da quadrilha Garranxê foram responsáveis pela criação de novos grupos, surgindo assim no ano de 1999 a quadrilha Explosão Junina, em 2000 a Explosão Caipira e no ano de 2003 a Estrela Junina (Figura 9).

Integrantes da quadrilha Explosão Caipira pertencentes da mesma família, sendo seis irmãos, decidiram coordenar e continuar dançando no próprio grupo, e no ano de 2005, surge a quadrilha Amor Caipira. Este grupo ainda gerou ramificações. Em 2009 ex-brincantes criaram a quadrilha Encanto do Norte. Depois de alguns anos dançando na quadrilha Explosão Junina, brincantes decidiram sair e criar a Atração Caipira em 2002.

⁴³ Exemplos de quadrilhas juninas já extintas: Canecão, Tião Galinha, São Chicão, entre outras.

⁴⁴ Pricumã é nome de conjunto habitacional, construído na década de 1980 e que hoje constitui o bairro Pricumã.

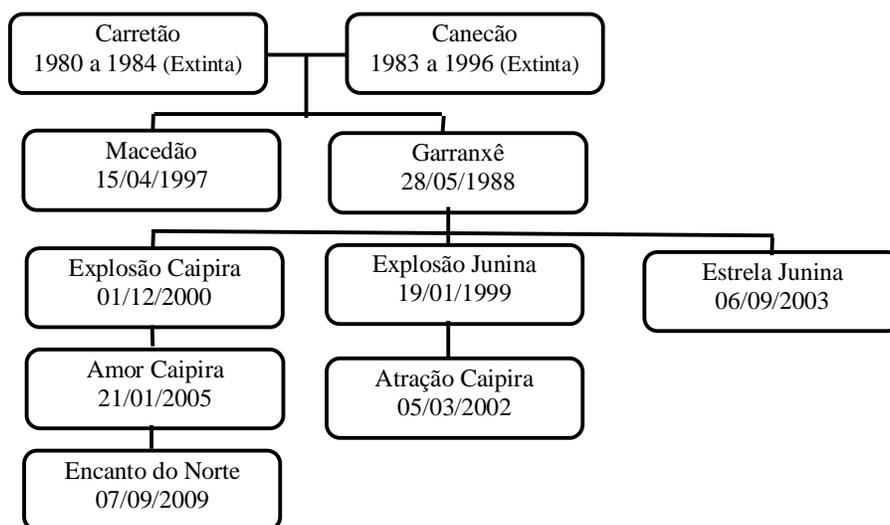


Figura 9: Genealogia das quadrilhas 1
Fonte: Elaborado pela autora, 2012.

A segunda genealogia inicia-se com a quadrilha Tião Galinha criada no ano de 1993 por membros da mesma família. No ano seguinte, eles a extinguiram e criaram novo grupo, denominada quadrilha Forrozão Caipira. Este grupo foi responsável pelo surgimento de outras quadrilhas, onde ex-brincantes se reuniram e fizeram surgir a Juventude Caipira (já extinta) e a Escola de Danças Folclóricas Forrozão (Figura 10).

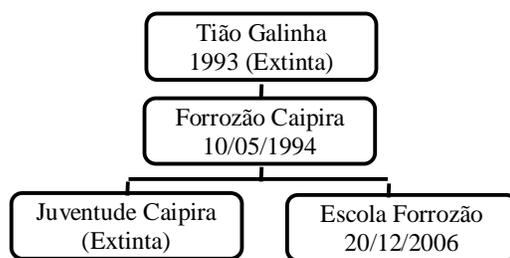


Figura 10: Genealogia das quadrilhas 2
Fonte: Elaborado pela autora, 2012.

A terceira genealogia é formada pela Xamego Caipira fundada em 1984 e pela quadrilha Zé Monteiro de 1989 (Figura 11). Ex-brincantes destes grupos decidiram criar a quadrilha São Chicão no ano de 1989 e, logo após o festejo junino em 1997, foi extinta. No ano de 1998, ex-brincantes desta quadrilha criaram a Eita Junino.

A formação de novos grupos continuou: ex-brincantes da quadrilha Eita Junino criaram o Grupo Folclórico Arrastão Caipira no ano de 2001. Dois brincantes desta quadrilha decidiram e fundaram outro grupo: a Coração Caipira em 2004.

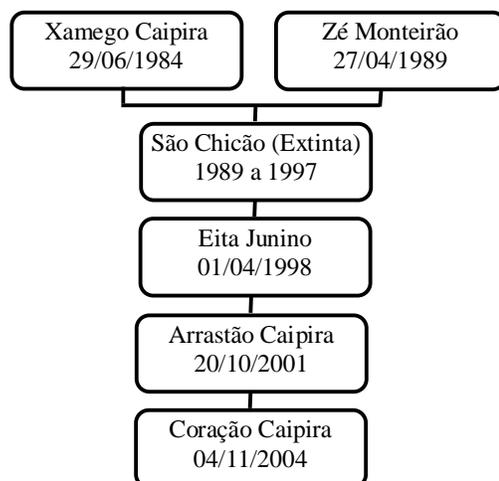


Figura 11: Genealogia das quadrilhas 3
Fonte: Elaborado pela autora, 2012.

A quarta e última genealogia mostra que ex-brincantes do Tradição Macuxi⁴⁵ foram responsáveis pelo surgimento da quadrilha Sucesso Caipira (Figura 12) no ano de 2005, de acordo com a Revista Anarriê (2008), apenas no ano de 2008 participou do concurso municipal de quadrilha junina.



Figura 12: Genealogia das quadrilhas 4
Fonte: Elaborado pela autora, 2012.

O Quadro 5 permite visualizar as datas de criação das quadrilhas juninas dos municípios de Roraima, as instituições a que são filiadas e a classificação por grupo: Acesso e Especial. Neste quadro, constam os dados após os resultados dos concursos municipal e estadual em 2012, portanto, estas quadrilhas irão participar dos concursos municipal ou estadual em 2013.

⁴⁵ O grupo Tradição Macuxi presta uma homenagem à população indígena “Macuxi” que habitam na região nordeste do Estado de Roraima, fronteira com a República Cooperativa de Guiana (AMBTEC, 1994) (MAGALHÃES, 1989).

Nº	Grupo Folclórico de Quadrilha	Data de criação	Filiação	Município	Classificação por Grupo ⁴⁶	
					Municipal	Estadual
1.	Agitação Caipira	18/05/2008	FERQUAJ	Boa Vista	Acesso	Acesso
2.	Arrasta Pé	28/01/2007	FERQUAJ	Boa Vista	Acesso	Acesso
3.	Coração do Sertão	02/03/2004	LIQUAJUR	São Luiz do Anauá	Acesso	Especial
4.	Gonzagão Caipira	01/04/2006	FERQUAJ	Boa Vista	Especial	Especial
5.	Namoro Caipira	19/03/1995	FERQUAJ	Boa Vista	Acesso	Acesso
6.	Perdidos na Roça	20/11/2000	FERQUAJ	Mucajaí	Acesso	Não participou
7.	Xamego na Roça	10/05/1992	LIQUAJUR	Mucajaí	Acesso	Especial
8.	*Amor Caipira	20/01/2005	FERQUAJ	Boa Vista	Especial	Especial
9.	*Atração Caipira	05/03/2002	FERQUAJ	Boa Vista	Não participou	Acesso
10.	*Encanto do Norte	07/09/2009	FERQUAJ	Boa Vista	Especial	Acesso
11.	*Estrela Junina	06/09/2003	FERQUAJ	Boa Vista	Especial	Acesso
12.	*Explosão Caipira	01/12/2000	LIQUAJUR	Boa Vista	Especial	Especial
13.	*Explosão Junina	19/01/1999	LIQUAJUR	Boa Vista	Especial	Especial
14.	*Garranxê	28/05/1988	LIQUAJUR	Boa Vista	Acesso	Especial
15.	*Macedão	15/04/1997	FERQUAJ	Boa Vista	Acesso ⁴⁷	Acesso
16.	**Escola Forrozão	20/12/2006	LIQUAJUR	Boa Vista	Não participou	Especial
17.	**Forrozão Caipira	10/05/1994	FERQUAJ	Boa Vista	Acesso	Especial
18.	***Arrastão Caipira	20/10/2001	FERQUAJ	Boa Vista	Especial	Especial
19.	***Coração Caipira	04/11/2004	FERQUAJ	Boa Vista	Especial	Especial
20.	***Eita Junino	01/04/1998	FERQUAJ	Boa Vista	Especial	Especial
21.	***Xamego Caipira	20/04/1984	FERQUAJ	Boa Vista	Acesso	Acesso
22.	***Zé Monteiro	27/04/1989	LIQUAJUR	Boa Vista	Especial	Especial
23.	****Sucesso Caipira	25/07/2005	FERQUAJ	São João da Baliza	Não participou	Acesso
24.	****Tradição Macuxi	13/03/1996	FERQUAJ	Boa Vista	Acesso	Acesso

Quadro 5: Quadrilhas juninas de Roraima em 2012.

Fonte: Elaborado pela autora com base em: ANARRIÊ, 2012.

* Grupos que fazem parte da genealogia 01

** Grupos que fazem parte da genealogia 02

*** Grupos que fazem parte da genealogia 03

**** Grupos que fazem parte da genealogia 04

Dos 24 (vinte e quatro) grupos de quadrilhas do Estado de Roraima, identificamos 7 (sete) que possuem sua própria história, não há relatos de surgimento de novos grupos até a realização desta pesquisa: Agitação Caipira, Arrasta Pé, Coração do Sertão, Gonzagão Caipira, Namoro Caipira, Perdidos na Roça e Xamego na Roça.

Na Genealogia das quadrilhas 1 (Figura 9), verificamos que 10 (dez) grupos fazem parte deste processo, apenas duas estão extintas: a Canecão e a Carretão. Quatro grupos de Boa Vista fazem parte da Genealogia das quadrilhas 2 (Figura 10): a Forrozão Caipira e a

⁴⁶ Classificação com os resultados dos concursos de 2012.

⁴⁷ A quadrilha Macedão se apresentou no festival municipal em 2012, mas não foi classificada.

Escola Forrozão estão em plena atividade, mas os grupos Tião Galinha e Juventude Caipira não existem mais.

Já na Genealogia das quadrilhas 3 (Figura 11), 6 (seis) são de Boa Vista e fazem parte deste grupo: São Chicão, a única extinta, a Xamego Caipira, Zé Monteirão, Eita Junino, Arrastão Caipira e Coração Caipira. Todas elas fazem parte da categoria do Grupo Especial dos concursos estadual e municipal.

Na Genealogia das quadrilhas 4 (Figura 12), 2 (duas) fazem parte deste grupo: a Tradição Macuxi, de Boa Vista, e a Sucesso Caipira do município de São João de Baliza, localizada na Região Sul do Estado de Roraima, aproximadamente a 326 km de distância. Os dois grupos fazem parte da categoria do Grupo de Acesso, tanto no concurso estadual como municipal.

Porém, a maioria dos novos grupos formados se sobressaiu nos anos seguintes nos concursos, recebendo melhores premiações. Neste processo trata-se da disputa ou rivalidade de um saber, o surgimento de alguma crise, gerou o conflito dentro do grupo, fazendo com que surgissem novas quadrilhas, as tornando-as mais competitivas e “modernas”. Este processo pode estar correlacionado a posições importantes no festival, ou seja, a formação de dois grupos: Acesso e Especial.

No ano de 2006, a Prefeitura de Boa Vista, representada pela FETEC, dividiu as quadrilhas em Grupo de Acesso e Grupo Especial (ANARRIÊ, 2006). O critério para esta classificação foram as apresentações, as quadrilhas que tiveram melhor desempenho ficaram no Grupo Especial. Atualmente, esta classificação consta no regulamento Oficial do Concurso de Quadrilhas nos festivais promovidos pelo poder público estadual e municipal.

No festival da Prefeitura de Boa Vista 20 (vinte) grupos de quadrilhas participam do concurso, essa quantidade foi determinada pela coordenação da FETEC, são dez no grupo de Acesso e dez no Especial. A classificação ocorre da seguinte forma: as quadrilhas do Grupo Especial que obtiveram a 9ª e 10ª colocações, descem para o Grupo de Acesso; 1º e 2º lugar do Acesso, sobem para o Grupo Especial; e 9º e 10º lugar do Acesso, ficam um ano sem participar de concurso. Já as quadrilhas que irão substituir estas últimas classificadas do Acesso, serão indicadas pelas instituições que as representam, ou seja, a FERQUAJ e a LIQUAJUR.

No festival estadual, são 24 (vinte e quatro) grupos de quadrilhas, sendo 12 (doze) no Grupo de Acesso e 12 (doze) no Especial. A classificação ocorre da seguinte forma: as quadrilhas do Grupo Especial que obtiveram a 11ª e 12ª colocações, descem para o Grupo de Acesso; 1º e 2º lugar do Acesso, sobem para Especial; e 11º e 12º lugar do Acesso, ficam um

ano sem participar de concurso. Assim como os critérios do município, as quadrilhas que irão substituir estas últimas classificadas do Acesso serão indicadas pela FERQUAJ e a LIQUAJUR.

Entretanto, há informações que pessoas envolvidas com as quadrilhas estão sugerindo outra denominação para os grupos, segundo Zé Nilton Ventura,

Já sugeri à FETEC que está na hora de dividir os grupos, nem especial e nem acesso, e sim, grupo estilizado e grupo tradicional. Porque há uma queda muito grande quando você está julgando uma tradicional e entra uma estilizada. Está difícil para competir.

Por meio de um levantamento nas publicações da Revista Anarriê de 2006 a 2012, constatei a evolução na quantidade de quadrilhas juninas que participam das competições nos festivais no concurso municipal: de 2006 a 2008, eram 16 (dezesesseis) grupos de quadrilhas, a partir de 2010, participam 20 (vinte). No concurso estadual, nos anos de 2011 e 2012 participaram 24 (vinte e quatro) quadrilhas.

Diante do exposto, verifiquei que a formação das duas categorias: Grupos de Acesso e Especial tornaram as competições mais acirradas entre os grupos, tendo em vista que estão sempre em busca de apresentar o melhor para os jurados e para o público que vai prestigiar o concurso.

Além disso, vale salientar a relação existente entre a classificação por grupos de Acesso e Especial com as transformações culturais, quando os grupos de quadrilhas inovaram na sua produção, passando a fazer parte do grupo “Especial” e servindo de incentivo para outros que ficaram na categoria de “Acesso”, que, para mudar sua classificação, precisam melhorar seu desempenho.

Grupo Folclórico Quadrilha Eita Junino: organização familiar e inovação artística

O Grupo Folclórico Quadrilha Eita Junino foi criado no dia 01 de abril de 1998 por um grupo de brincantes de outras quadrilhas, assumindo posteriormente a função de diretores e organizadores da quadrilha, enfatizando que são três irmãos que estão na coordenação até os dias atuais. Os pais deles estão envolvidos com quadrilhas há muito tempo. A quadrilha é filiada à FERQUAJ.

Durante o período de 2002 a 2005, este grupo ficou sem participar de concursos, entre os motivos, a equipe da coordenação informou que neste período se dedicaram à própria formação superior assim como profissional.

Dentro da própria quadrilha há o envolvimento familiar, desde os fundadores e organizadores, além dos próprios brincantes. Poderia destacar que, dentre os brincantes há seis que são irmãos, e outros casais e seus e filhos que dançam no grupo. Os familiares contribuem também sem ser brincantes, ajudando durante os ensaios e na torcida organizada.

O grupo inaugurou sua sede própria em 2011, é uma casa alugada que serve de escritório e área de lazer da equipe. O endereço cadastrado antes era de um brincante que participa há muitos anos da quadrilha. Nos compartimentos internos do novo espaço, há grandes painéis com imagens dos brincantes dançando nas apresentações, na parte externa, está a área de lazer, com piscina e churrasqueira. Entretanto, nesta sede não há espaço para realização dos ensaios e nem para o armazenamento de materiais de grande porte, por exemplo, os cenários, adereços, vestuários, entre outros.

Os ensaios iniciam em janeiro e seguem até o mês de junho, até meados de abril são realizados todos os finais de semanas e feriados. Com a proximidade dos concursos, os ensaios são intensificados, sendo realizados também durante os dias da semana numa sequência repetitiva de coreografias, tudo isso para obter a evolução, o alinhamento e o sincronismo desejado. A equipe da iluminação, do som, de apoio, e outros, participam também dos ensaios do grupo. Alguns destes profissionais são contratados neste período.

O grupo de Quadrilha Eita Junino é considerado um dos maiores no Estado de Roraima, destacando-se a cada ano por apresentar grandes espetáculos nos concursos de quadrilhas juninas, possui grande número de brincantes, aproximadamente cinquenta pares sobem no tablado nos concursos.

Quem mantém o grupo financeiramente é a equipe da coordenação e os patrocinadores⁴⁸, tendo em vista que o recurso disponibilizado pelo poder público não cobre totalmente as despesas. A Eita Junino tem uma equipe que fica responsável em conseguir patrocínio, mediante contato estabelecido com pessoas ou empresas que tenham interesse em colaborar com recursos financeiros, além disso, promovem feijoadas, sorteios de rifas, aquisição de material por meio de doação, entre outros.

⁴⁸ Os patrocinadores são formados por empresários de várias áreas, como: imobiliárias, gráficas, profissionais de odontologia, entre outros.

Os coordenadores vão à procura de alternativas para cumprir os compromissos com os profissionais contratados, fazem empréstimos bancários ou empenham seus próprios veículos, conforme relata o Vice-presidente da quadrilha Petrônio Guivares⁴⁹:

No ano de 2009, na semana do concurso, as costureiras não permitiram que os vestidos das brincantes fossem entregues sem receber o pagamento, já que a prefeitura não tinha repassado o dinheiro. Sandro, o animador, teve que deixar seu carro empenhado para retirar os vestidos.

O grupo vem se destacando desde 2007, abordando temas inovadores, como: o futebol, o Papai Noel, a cultura indígena e afrodescendente e em 2012, trouxe o forró-pé-de-serra em homenagem ao centenário de Luiz Gonzaga. Observou-se que, a partir deste ano, houve uma revolução na forma de apresentar e também na escolha do tema, inserindo efeito de iluminação e cenários no palco.

Podemos observar os temas apresentados pela quadrilha Eita Junino no Quadro 7 a partir do ano de 2006.

Ano	Música/Compositor	Tema	Número de Casais
2006	Eita volta gostosa com Angu de Cultura em Festa Roraimense/ Irlan Guimarães e Ronalson M. Cavalcanti	Eita volta gostosa com angu de cultura, em festa roraimense.	26
2007	Splish splash do arraia/ Irlan Guimarães e Ronalson Moura Cavalcanti	Que paixão! O Caipira dança os Anos 60.	32
2008	Sabor do sal do milho do meu Arraia/ Ronalson Moura. Cavalcanti, Irlan Guimarães e Antonio Lira.	Hô, Hô, Hou ou Anarriá? Fiquei confuso nesse arraia! Não sei se como peru ou munguzá.	28
2009	Um sorriso negro no arraia/ Ronalson Moura. Cavalcanti, Irlan Guimarães e Antonio Lira.	O canto do negro ecoou, chegou ao meu São João.	24
2010	Extra, extra hoje a Eita vai dançar/ Ronalson Moura. Cavalcanti, Cícero Benício e Sérgio Cruz	Nesse Arraial, vim bater um bolão. Uma Paixão Nacional.	32
2011	Parixara no Arrial/ Ronalson Moura. Cavalcanti, Antonio Lira e Lacerda.	Parixara no Arrial.	36
2012	Centenário de Luiz Gonzaga/ Ronalson Moura. Cavalcanti	Centenário de Luiz Gonzaga	44

Quadro 6: Temáticas do grupo de quadrilha Eita Junino.

Fonte: Elaborado pela autora com base em: ANARRIÊ, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012.

⁴⁹ Entrevista realizada com o Vice-presidente do Grupo Folclórico Eita Junino no dia 01 de setembro de 2012.

O grupo tem recebido premiações desde a sua fundação. No ano de 2001, foi classificada em segundo lugar no concurso municipal e terceiro lugar no estadual; depois de quatro anos sem participar da competição, retornou em 2006 e ficou no primeiro lugar no município (Grupo de Acesso) e segundo lugar no estado. Nos anos de 2007, 2008 e 2009 também recebeu vários prêmios, inclusive em outro estado, como: em 2009, foi campeã no Festival Nacional em Iguatú (CE). No ano de 2011, classificou-se em terceiro lugar no concurso municipal e segundo lugar estadual e em 2012, primeiro lugar no concurso municipal e segundo lugar no estadual.

A quadrilha Eita Junina, após sua criação em 1998, participou continuamente de concursos até o ano de 2001, e, por motivo de força maior, ausentou-se dos tablados por quatro anos, retornando suas atividades no ano de 2006.

Após quatro anos sem participar de concursos, a quadrilha Eita Junino fez uma auto-homenagem em seu retorno nas apresentações no ano de 2006, que são identificados no tema, na letra da música, nas coreografias, vestimentas, ente outros. No ano de 2007, o grupo apresentou um tema renovado, integrando os anos 60 às festas juninas, o que se tornou uma característica da quadrilha na escolha dos temas nos anos seguintes.

Em 2006, no seu retorno, houve um diferencial, foram registrados alguns avanços por parte do grupo, como a máquina de papel, primeira vez utilizada no tablado, além do tema inovador, prestou uma homenagem à Copa do Mundo, utilizando bandeiras do Brasil, bolas de futebol. Para a senhora Dionara Firmino Andrade⁵⁰, eram “coisas simples, mas que naquela época eram novidades”, por exemplo, as alegorias mudaram no tamanho, observa-se que a cada ano, as estruturas estão maiores, melhores e com mais qualidade. Salienta-se que os artistas plásticos responsáveis pela confecção dos materiais, moram em Boa Vista, mas vieram de Parintins, Amazonas.

A senhora Dionara Firmino Andrade, durante a entrevista, faz uma síntese do trabalho da quadrilha Eita Junino e a relação com o tema, enfatiza que, não foram eles implantaram o uso de acessórios, isso já existia em outros grupos, mas acrescentaram novidades, e se justifica:

A Eita tem esse perfil inovador, apresenta com temas arrojados. Os acessórios são fundamentais pra gente poder contextualizar o tema. Então em 2006 quando a Eita voltou que estava na Copa também, foram utilizadas pequenas bolas simples, umas bandeirinhas do Brasil pequenas.

⁵⁰ Presidente do Grupo Folclórico Eita Junino, entrevista realizada no dia 01 de setembro de 2012.

Em 2007, como era anos 60, nós trouxemos o arco de flecha como se fosse o cupido lá daquela época e outros acessórios que foram utilizados. Em 2008 foi sobre cultura, apresentamos o tambor que se toca lá em Salvador, teve que trazer aquele navio imenso, as correntes, que a gente teve que apresentar um passo das correntes que as meninas faziam com os meninos, sobre a escravidão, que eram presos com as correntes, a questão do tema que a gente trouxe também que foi o carimbo, que também tem um fundo da cultura negra. Então teve umas bolas da lua que falava na música.

Informa ainda que, os fundadores e “donos” da quadrilha “Sandro, o Dener e o Serginho, tinham as cabeças assim inovadoras, começaram a colocar isso em prática”, com o objetivo de inovar na apresentação e para poder chamar mais atenção do próprio público com as novidades.

Nos dias atuais, exige-se mais dos brincantes, cobra-se muito mais deles, na tentativa de melhorar a desenvoltura física e motora para se chegar à perfeição das coreografias, foi preciso incorporar personagens que são caracterizados durante a evolução e desenvolvidos conforme o tema. Um exemplo desse aspecto está presente nos penteados das brincantes no ano de 2007 com o tema: “Que paixão! O Caipira dança os Anos 60”. Este diferencial é enfatizado pela senhora Dionara Firmino Andrade:

Se você olhar no cabelo das meninas, todas elas estão de franjinhas, porque se usava muita franjinha nessa época e elas cortaram. Nenhuma quadrilha do Brasil inteiro faria esse tipo de atitude, porque a gente vai entrar a fundo no tema, então as meninas cortaram as franjinhas, era o cabelo delas mesmo, não era peruca, nem nada, elas cortaram literalmente o cabelo delas.

No ano de 2008, o grupo apresentou um tema irreverente, sobre o Papai Noel no arraial, com o objetivo de contextualizar, fazendo uma interação entre dezembro, Papai Noel, com o arraial. A senhora Dionara Firmino Andrade exemplifica “o contexto é dizer que o Papai Noel apareceu, porque errou a rota dele e veio parar em Roraima no meio do arraial, com a Eita dançando. Papai Noel veio conhecer o arraial de Roraima”. Conforme registros fotográficos, o Papai Noel entrou no tablado com o “trenó” puxado por “renas” além de fazer “nevar” durante o tempo de apresentação. Para este efeito, foram utilizadas, em vez de máquina de papel, muitas bolinhas de isopor, para dizer que era neve. Neste dia, o grupo levou cenários de maior porte, se for comparar com apresentações de anos anteriores.

As inovações estão presentes nas coreografias por causa do tema, foram melhoradas e aperfeiçoadas. Os passos tradicionais quase não existem, apresentam no mínimo quatro,

devido à cobrança no regimento do concurso, mesmo assim, os grupos procuram fazer os passos tradicionais de uma forma também já melhorada, ou seja, são mais coreografados. Para este trabalho, há a contratação de um coreógrafo profissional que ensaia os brincantes nos finais de semanas durante três a quatro meses.

A cada ano que passa, o grupo melhora nos detalhes da roupa por conta do tema, para a senhora Dionara Firmino Andrade: “procuram contextualizar o caipira com o tema, a gente precisa fazer o figurino direitinho da roupa, falar com as costureiras, demonstrar como é que deve ser feito, e elas fazem um modelo, pra poder a gente aprovar”. Assim, há mais exigências do trabalho das costureiras, tendo em vista que a cada ano que passa, os vestidos vão ficando mais caros.

Dentro de um contexto geral das quadrilhas de Roraima, há um diferencial que existe no vestuário das brincantes, ou seja, os vestidos são longos, e neste aspecto, a senhora Dionara Firmino Andrade informa que fez a diferença no ano de 2007 quando a quadrilha Eita Junino foi competir no estado do Ceará, no Campeonato Nacional fora de época, “a Eita era a única que estava com o vestido nesse estilo aí, porque todos no nordeste usam o vestido curtinho, sapatilha ou alpercata!”.

Nos dias atuais o critério de escolha da Rainha Caipira mudou, tendo em vista que está se dando um destaque muito grande nos concursos. Em anos anteriores a rainha era uma brincante que vinha um pouco mais diferenciada das outras e se tornava rainha. Além disso, criou-se a figura do Rei Matuto dentro do grupo. Os candidatos a Rainha Caipira e Rei Matuto começam uma disputa dentro da própria quadrilha, os escolhidos, concorrem nos concursos municipal e estadual. A diretoria, que faz parte do corpo de jurados, convida outros profissionais para a escolha da representante. Conforme depoimentos, a questão financeira não é o mais importante, mas o *glamour*, o *status* de ser a Rainha Caipira ou o Rei Matuto do estado ou do município, por isso há uma concorrência muito grande.

Associação Quadrilha Forrozão Caipira: “uma fábrica de brincantes”

Filiada à FERQUAJ, o Grupo Folclórico Associação Quadrilha Forrozão Caipira é uma entidade sem fins lucrativos. Foi criado no dia 10 de maio de 1994 por uma família de imigrantes oriundos de Manaus (AM) em 1993: pelo senhor Odilson Souza da Silva e pela senhora Conceição Sena da Silva. De acordo com a revista Anarriê (2008, p.16), o fundador

encontrou no São João de Boa Vista um ritmo diferente: “Odilson Souza se apaixonou de vez pela tradição quadrilheira e fundou a Forrozão”.

É o único grupo que possui sede e local de ensaio próprio, localizado no Bairro da Mecejana, cidade de Boa Vista. Com 19 anos de fundação, conquistou títulos e a simpatia do público através da inovação e ousadia em suas apresentações. Atualmente é composto por aproximadamente cento e cinquenta pessoas, divididas entre diretoria, coordenação, equipe de apoio, colaboradores e brincantes.

Em 1993, o grupo se chamava “Tião Galinha na Roça”, em alusão a um personagem da telenovela “Renascer”, produzida e exibida pela Rede Globo. Este grupo foi criado pela senhora Tânia Sena Barbosa, sobrinha da senhora Conceição Sena da Silva⁵¹ e do senhor Odilson Souza⁵², com o objetivo de dançar no “Arraial de Santo Antonio”, comemorado todos os anos pela família. Segundo depoimento da senhora Conceição Sena da Silva “após os festejos juninos, a minha sobrinha Tânia repassou o grupo para o seu tio Odilson, e no ano de 1994, passou a se chamar Forrozão Caipira. A escolha do novo nome foi realizada numa reunião entre familiares e brincantes”.

Quando o grupo foi formado, segundo o senhor Odilson Souza da Silva⁵³, “o objetivo era apenas só pra brincar e se apresentava apenas no fundo do quintal mesmo, iniciando com doze pares, isso na época em que a quadrilha se chamava Tião Galinha na Roça”. Atualmente possui em média vinte e quatro pares. Após sua fundação, o grupo de quadrilha não parou mais de se apresentar em festas juninas de todo o Estado. Ele também afirma que: “hoje a Forrozão Caipira se orgulha de ser um dos grupos mais antigos e em atividade do Estado de Roraima”.

O grupo possui um Regimento Interno da associação, Estatuto e está legalizado no cartório. A diretoria do grupo de quadrilha é composta pelos familiares. O senhor Odilson Sousa é o Presidente, sua esposa, a senhora Maria da Conceição Senna da Silva é a Vice-Presidente, e as demais funções, como: secretários, tesoureiro, são exercidos por filhas e genros. O senhor Odilson Sousa entregou a maior parte da coordenação da quadrilha para sua filha e o genro, conforme relata: “e agora tem a minha filha Kézia Sena e o genro Zé Manuel que tomaram a frente da coordenação, são duas pessoas maravilhosas e indispensáveis nessa quadrilha Forrozão Caipira”.

⁵¹ Fundadora e Vice-Presidente da quadrilha Forrozão Caipira. Entrevista realizada em 10 de julho de 2012.

⁵² A senhora Tânia Sena convidou o senhor Odilson Souza para continuar o trabalho de animador da quadrilha a partir deste arraial.

⁵³ Entrevista realizada com o fundador e Presidente Grupo Folclórico Associação Forrozão Caipira, ou seja, o “dono” do grupo, senhor Odilson Souza no dia 10 de julho de 2012.

Quando a Quadrilha Forrozão Caipira foi criada, os brincantes iam a pé pelas ruas da cidade participar das apresentações nas festas quando eram convidados, porque não tinham transporte para levá-los. Este momento, o fundador da quadrilha compara com uma procissão de brincantes “com o presidente na frente, a vice-presidente junto com a gente e saía naquela procissão, de um baile pro outro, pra se apresentar, a gente não tinha condução, e ia com o maior prazer”. Os brincantes participavam deste movimento com as vestimentas da dança de quadrilha, além dos cabelos e maquiagem caracterizados de “caipiras”. Podemos confirmar esta ação nas palavras do senhor Odilson Sousa “todo mundo prontinho, bonitinho. A noiva era uma graça, vinha da casa dela, toda vestida e vinha pra cá pra sair com todo mundo”.

Nos dias atuais, o grupo de quadrilha tem o transporte próprio, facilitando assim o acesso aos locais de apresentação nos arraiais, não importa a distância. Sobre este assunto, seu Odilson Sousa reforça: “mas o transporte não foi dado por ninguém não, fomos nós mesmos do grupo, da família, é que nós da Forrozão somos uma família. Não é ninguém de fora não”. Além disso, vale a pena salientar que os coordenadores vão buscar os jovens em suas residências nos dias de ensaios, tendo em vista que a maioria é constituída por adolescentes.

Este é o único grupo de quadrilha junina que possui espaço próprio para os ensaios, localizado na residência dos fundadores, ou seja, na sede do grupo. Nos últimos anos, os ensaios são realizados também na quadra de esporte da Escola Estadual São Vicente, localizada no bairro com o mesmo nome. Eles se iniciam no mês de fevereiro nos finais de semana. Os brincantes utilizam roupas próprias de quadrilha no momento do ensaio, é exigido que os rapazes estejam com chapéu de palha na cabeça.

A coordenação do grupo já promoveu eventos com o objetivo de arrecadar recursos financeiros para ajudar nas despesas da quadrilha, como: feijoadas, festas e bingos. Além disso, os integrantes da família também desembolsam verbas do seu orçamento doméstico. O senhor Odilson Sousa relata uma das dificuldades de se fazer mais atividades nos dias atuais “até os comércios, restaurantes, fazem feijoada e antigamente não tinha. Você chega, tem feijoada no bar tal, tem feijoada no restaurante tal, aí fica difícil fazer. Antes não, porque eram só os quadrilheiros que faziam mesmo, agora é mais difícil”.

De acordo com o senhor Odilson Sousa, o “dono da quadrilha”, desde a sua fundação, nunca houve confusão, não se tem bebedeira e nem marginalidade. O ambiente entre os brincantes é bem familiar, tanto que considera a quadrilha a mais exemplar em Boa Vista,

Ela é uma fábrica de brincantes. Por que fábrica de brincantes? Porque é uma quadrilha pequena que não tem condições igual as outras, ela ensina o brincante a dançar tudinho, depois se forma e não quer ficar mais aqui e vai pras grandes. Toda quadrilha quer um brincante da Forrozão e nós não podemos prender, tem que liberar. Ela não é dona do brincante, o libera. Então, eu vou para um festival, todos aqueles que dançavam a minha quadrilha vem cumprimentar, conversam e perguntam como está o grupo.

A diretoria do grupo de cunho familiar é muito rígida, seguem as normas do estatuto e deixam isso bem claro aos brincantes, esse critério vem desde o seu início, porque o público alvo são 60% menores de idade e 40% são de maiores. O senhor Odilson Souza ainda enfatiza o motivo dos cuidados: “até a época em que minha quadrilha começou, não existia essa maldade que existe hoje em dia, então nós temos que ter mais cuidado. Eu não posso deixar um brincante de menor ir pra sua casa e pode acontecer alguma maldade com ele. É por isso que eu digo que vou deixar na porta de casa e vou deixar lá na porta”.

Nos últimos anos, a quadrilha Forrozão Caipira passou por transformações, um dos motivos não foi apenas o incentivo financeiro prestado pelo poder público estadual e municipal, já que não é suficiente para cobrir as despesas, pois gastam em média 40% a mais do que recebem. Vários fatores contribuíram para que o grupo inovasse a cada ano, principalmente devido à necessidade de se adequar e acompanhar as mudanças que as outras quadrilhas vinham passando, por exemplo, investindo cada vez mais no desenvolvendo o tema proposto na dança.

As mudanças nas alegorias foram sendo realizadas no decorrer dos anos, assim reforça Kézia Sena⁵⁴ “alcançando um gigantesco patamar nos dias atuais, aumentou de tamanho e apresenta-se o mais fiel possível ao original ao tema”. Além disso, os gestores perceberam que era preciso aperfeiçoar os acessórios utilizados nas apresentações, para se adequar e acompanhar o tema.

A quadrilha Forrozão Caipira passou a exigir cada vez mais dos brincantes com relação à quantidade e à qualidade. O motivo dessa transformação foi a experiência bem sucedida de outros grupos, por observarem que um trabalho com maior número de pessoas era mais favorável para o desenvolvimento das coreografias. Além disso, Kézia Sena enfatiza que: “visivelmente, fica bem mais bonito e empolgante”.

As coreografias mudaram visivelmente no grupo Forrozão. Quem ensaiava os brincantes era o próprio “dono da quadrilha” na sua sede, já que possui uma área aberta,

⁵⁴ Ex-brincante da quadrilha Forrozão Caipira e atualmente está na coordenação geral do grupo. Entrevista realizada em 11 de julho de 2012.

local de concentração da equipe. Nos dias atuais, os passos são coreografados e elaborados por profissionais da área artística. Enfatizando que este profissional é contratado e remunerado durante o período junino.

No passado, houve a necessidade de se contratar coreógrafos da cidade de Manaus para ajudar o senhor Odilson Sousa no ensinamento dos passos, e hoje este trabalho está cada vez mais terceirizado, com exigência da emissão de notas fiscais para prestação de contas. Sobre esse aspecto, ele comenta: “as outras começaram a contratar e eu fiz o mesmo. Até hoje eu contrato coreógrafo pra quadrilha evoluir. Quer dizer, antes era eu que coreografava e nos dias atuais eu não posso mais fazer esse trabalho”.

Além dos ensaios nos finais de semana realizados na quadra de esporte da Escola Estadual São Vicente, o professor de coreografia treina uns quatro pares de brincantes na sua academia de dança, para que possam ajudar os colegas nos ensaios gerais. Sobre a escolha deste profissional, o “dono” da quadrilha fala da sua importância,

Como a Forrozão Caipira é uma quadrilha pequena, ela tem que investir no coreógrafo, pra poder não ficar tão atrás das outras. Eu digo assim, eu dei uma entrevista aí atrás e eu disse: -É, a minha quadrilha é financeiramente pequena, mas lá no tablado ela briga igual as grandes, por quê? Porque o coreógrafo meu é o melhor. Eu contrato, eu invisto mesmo no melhor. Ele faz um trabalho igual das grandes e, às vezes, gastaram três vezes mais do que a minha financeiramente, mais no tablado a briga é de igual pra igual. Claro que tem certas coisas que eles levam vantagem e que meu grupo não acompanha.

O motivo dessa transformação foi devido à necessidade de aperfeiçoamento dos passos, que se tornaram mais elaborados e difíceis, a sua denominação permanece original, por exemplo, “olha a chuva!”, “formação do túnel”, entre outras, mas o formato não é mais o mesmo, a sua execução é diferente, com coreografias complexas. Para Kézia Senna “cada vez mais os grupos se inspiraram em grupos nordestinos e vídeos disponíveis na *internet* e para inovar e diferenciar dos anos anteriores”.

Nos dias atuais há uma nova concepção dentro da quadra entre brincantes, dirigentes e coreógrafos, de que os passos que deveriam ser tradicionais, se modernizaram, tendo em vista que os concursos passaram a exigir mais ao longo dos anos, conseqüentemente, as apresentações das quadrilhas ficaram mais dinamizadas no momento da competição, oferecendo ao público uma dança de quadrilha espetacularizada.

Em se tratando ainda de competição, vale lembrar a Rainha Caipira, o critério de escolha não é mais como antes por meio de votação. As brincantes se candidatavam e a

coordenação convidava pessoas que não faziam parte da diretoria, para fazer parte do corpo de jurados. As candidatas faziam a exibição na quadra e os jurados anunciavam a vencedora no final. Devido às dificuldades financeiras, foram criados outros critérios, quem vender mais “votos” será a rainha, “foi um meio que encontraram para ajudar elas próprias, com o dinheiro arrecadado, é comprado material para confecção do vestuário, já que é caríssimo”, assim relata Odilson de Sousa.

Outra mudança observada diz respeito ao cumprimento do tempo de apresentação nos concursos, e os jurados passaram a valorizar mais o desempenho. A candidata precisa realizar coreografias, adereços e alegorias, resultando em apresentações cada vez mais sofisticadas no tablado. O motivo das mudanças, na visão de Kézia Sena é “para avaliar a rainha em si, sua beleza, desenvoltura e simpatia”. Recentemente criou-se o concurso do Rei Matuto, para acompanhar a Rainha Caipira e valorizar o melhor e mais completo brincante do sexo masculino. Os candidatos, sendo eleitos, têm a obrigação de cumprir toda a agenda da Comissão, além de comparecer todas as noites de festa.

Nos últimos anos, o grupo está contratando costureiras para confecção dos vestuários, substituindo o trabalho voluntário da família, tendo em vista que o “ateliê” era na própria residência, e também o local de concentração da equipe. Além da questão financeira, teve um considerável aumento quanto ao número de pares de dançarinos, de doze assou para vinte e quatro, e as costureiras do próprio grupo já não davam conta do serviço. Este serviço terceirizado, também facilitou a prestação de contas, já que se configuram como empresas, respeitando agora os encargos garantidos por lei.

As roupas não são mais de chita, usam-se tecidos finos na sua confecção, tornaram-se mais sofisticadas, luxuosas, pesadas, volumosas, melhoraram nos materiais utilizados e no acabamento. Tanto dirigentes quanto costureiras escolhem em comum acordo o modelo das roupas conforme o tema do grupo, com o auxílio de revistas e da *internet*, já que cada vez mais se procura inovar. Devido ao aperfeiçoamento das roupas, vão mostrando um visual diferenciado, visto como um traje típico renovado.

Na sua história de participação em concursos de quadrilhas juninas, este grupo já conquistou vários títulos nos arraiais promovidos pelo Governo do Estado de Roraima e pela Prefeitura Municipal de Boa Vista.

Em 2006, a quadrilha Forrozão Caipira passou a se apresentar conforme um tema, era a dança tradicional se modernizando. Mas foi a partir do ano de 2010, que o desenvolvimento do tema ganhou mais visibilidade, sendo identificadas na letra da música,

nas coreografias, vestimentas, entre outros. O Quadro 6 mostra a diversidade temática da quadrilha.

Ano	Música/Compositor	Tema	Número de Casais
2006	Arrasta-pé/Dilmo S. Pino	Riqueza cultural do Nordeste, especialmente as danças que fazem parte dos festejos juninos do Brasil inteiro.	21
2007	Não participou neste ano		
2008	Participação Especial pela festa da Prefeitura Participou do concurso pelo Estado		20
2009	Forrozão Caipira/Dilmo S. Pino	Na Magia da Quadrilha, um amor de São João, 15 anos de alegria com a minha Forrozão	20
2010	O beija-flor do amor/ Dilmo S. Pino	Um Beija-Flor chegou pra anunciar que é noite de São João. Por amor a minha Quadrilha, vou na Forrozão.	21
2011	Nas asas da imaginação/David de Paulo e Zanny Adairalba	Na turma da Mônica encontrei inspiração pra brincar quadrilha no São João.	24
2012	A Forrozão Caipira te leva para o Estado do Pará	A Forrozão Caipira te leva para o Estado do Pará	24

Quadro 7: Temáticas do grupo de quadrilha Forrozão Caipira.

Fonte: Elaborado pela autora com base em: ANARRIÊ, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012.

Logo após a participação do último concurso de quadrilhas juninas, a diretoria realiza reuniões para escolha do tema para o ano seguinte. A equipe sugere três ou quatro temas, e selecionam apenas um que será estudando com profundidade e desenvolvido para o concurso. A letra da música é escolhida com cautela, alguns compositores apresentam suas letras e a coordenação escolhe aquela que está mais adequada ao tema. Nós últimos anos, a filha do “dono da quadrilha” está se destacando como compositora, conforme afirma o senhor Odilson Sousa, “Késia é a nossa coordenadora geral e cria os temas da quadrilha. Ela realiza pesquisa na *internet* e traz informações sobre o tema. Também é compositora e escreve a música tema da nossa quadrilha”.

Um problema enfrentado pelo grupo diz respeito a sua localização, o senhor Odilson Sousa explica: “no centro não existem brincantes, vou buscar em todos os bairros. Primeiramente eu consigo os brincantes menores de idade e converso com as mães ou responsáveis para pedir autorização. Caso positivo, faço a proposta: vou pegar e deixar em casa”.

Assim, o grupo procura escolher temas cada vez mais variados, por exemplo: Um Beija-Flor chegou pra anunciar que é noite de São João - Por amor a minha Quadrilha, vou

na Forrozão de 2010 e Turma da Mônica encontrei inspiração pra brincar quadrilha no São João em 2011, para Késia Sena “fugindo de temas tradicionalmente nordestinos”. As mudanças foram devido às exigências contidas no regulamento dos concursos neste quesito.

Grupo Folclórico Quadrilha Zé Monteirão: pioneiro nas inovações artísticas e força jovem

O Grupo Folclórico Quadrilha Zé Monteirão (GFQZM) foi fundado em 27 de abril de 1989. É uma associação sem fins lucrativos e desenvolve suas atividades em prol da preservação, valorização e desenvolvimento do folclore roraimense. É sócia fundadora da AQUAJUR, a atual LIQUAJUR (GFQZM, 2011).

A quadrilha Zé Monteirão foi criada por alunos e ex-alunos da Escola Estadual Monteiro Lobato, localizada na Rua Cecília Brasil, centro da cidade. Os ensaios foram realizados na escola até o ano de 1996, posteriormente, passaram a ensaiar em vários locais diferentes. Salienta-se que, mesmo institucionalizada, o nome permaneceu. De acordo com o estatuto do grupo (GFQZM, 2011, p. 02) houve “a necessidade de tornar-se um grupo independente que pudesse tomar suas próprias decisões [...]. O nome permaneceu em homenagem àquele que é um dos maiores literatos brasileiros: José Bento Monteiro Lobato [...]”.

Foi o primeiro grupo que elaborou um estatuto próprio e regimento interno, e é coordenado por ex-brincantes, que fazem parte da diretoria executiva: Presidente, Vice-Presidente, Secretaria, Tesoureiro, Conselhos Fiscal e Deliberativo. A eleição para mudança de diretoria era realizada de dois em dois anos, depois de uma reformulação, passou a ser de quatro em quatro anos.

A instituição possui um endereço, mas não é a sede própria, localizada na Rua São Vicente, no Bairro Cinturão Verde, mas não há espaço para realização dos ensaios, sendo realizados em quadra de esportes em escolas. Até o ano de 1996, os ensaios eram realizados na Escola Estadual Monteiro Lobato, depois iniciou a jornada para conseguir local para continuar este trabalho. Segundo o senhor Douglas Rafael Cavalcante da Silva⁵⁵:

⁵⁵ Entrevista realizada com o senhor Douglas Rafael Cavalcante da Silva, noivo da quadrilha Zé Monteirão, no dia 13 de agosto de 2012.

não há um local definitivo, a dificuldade de arrumar um local para os ensaios é notória. Os brincantes já ocuparam o espaço das seguintes escolas estaduais: Maria das Dores Brasil, São José, Gonçalves Dias, Buritis, Jesus Nazareno e São Vicente. Nos últimos três anos os ensaios são realizados no Ginásio de Esportes da Escola Estadual Ana Libória, localizada no bairro Mecejana.

A maioria dos brincantes é menor de idade, assim aumenta a responsabilidade da coordenação, precisa de autorização dos pais ou responsáveis para a participação dos jovens, precisa providenciar o transporte dos jovens para o ensaio, indo buscá-los e deixá-los em suas residências, entre outras preocupações. Não há seleção para escolher os brincantes. O mais velho tem cinquenta e sete anos e o mais novo tem oito anos, solicita-se apenas a vontade de dançar quadrilha.

Os ensaios são iniciam-se nos primeiros meses do ano, sendo aos finais de semana e feriados, mas com a proximidade dos concursos, intensificam-se. O grupo não contrata coreógrafo, os passos são repassados por membros da diretoria que possuem experiência enquanto brincantes. Este aspecto também é visível no profissional conhecido por animador de quadrilha junina, também chamado de “puxador” ou “marcador”, a diferença é que é um dos sócios fundadores, também brincante de quadrilha.

O problema maior é quando há atraso na liberação dos recursos financeiros, tanto por parte do Estado assim como do Município. A compra dos materiais é realizada e o pagamento efetuado depois, conforme acordado entre quadrilhas e comerciantes, tal como afirma Raricilene Barroso Ramos: “tem muitos lugares que podemos comprar e pagar depois. Ainda bem que alguns comerciantes entendem, porque sabem que o recurso financeiro do poder público do estado é disponibilizado depois dos concursos”⁵⁶.

Os coordenadores da quadrilha compram o material em Manaus ou em São Paulo, porque são mais baratos. Para Manaus, a equipe da diretoria viaja com o transporte próprio, este processo pode ser considerado evasão de recursos financeiros, porque o dinheiro sai do Estado e beneficia outro estado. O valor gasto pela quadrilha ultrapassa o recurso financeiro recebido por meio de convênio (Estado e Prefeitura), por isso o grupo realiza eventos para arrecadar dinheiro, como feijoadas, bingos e rifas.

O senhor Douglas Rafael Cavalcante da Silva enfatiza que: “a quadrilha Zé Monteiro foi pioneira no uso do tema, e esta inovação iniciou no ano de 1996, chamou-se:

⁵⁶ Entrevista realizada com a Presidente do Grupo Folclórico Zé Monteiro, senhora Raricilene Barroso Ramos, no dia 20 de julho de 2012.

‘Tem milho verde, quentão e muito forró com a Zé Monteirão’, mas não era critério de julgamento em concursos, foi uma renovação espontânea do grupo”. Neste período, os passos da dança prevaleciam os tradicionais: “Olha a chuva”, o “Túnel”, entre outros. A partir de 2006, o tema tornou-se quesito obrigatório, além da exigência de letras de músicas próprias (Quadro 8). O tema é desenvolvido durante a apresentação das quadrilhas, está presente no vestuário, na música, nas alegorias e acessórios.

Ano	Música/Compositor	Tema	Número de Casais
1996		Tem milho verde, quentão e muito forró com a Zé Monteirão.	
1997		Festas juninas com a Zé Monteirão.	
1998		Explode Coração.	
1999		Zé Monteirão, 10 anos de emoção.	
2000		Zé Monteirão, Acenda essa fogueira no seu coração.	
2001		Um mundo de sonhos pra você.	
2002		Uma declaração de amor ao Brasil.	
2003		Neste São João, sou caipira de coração.	
2004		Venha anarriar no debutá da Monteirão.	
2005		Nóis é jeca, nós é xique, nós é Monteirão.	
2006	Zé Monteirão, o Nordeste está aqui/ Osires Uchoa e Regina Lima	Zé Monteirão, o Nordeste está aqui!!!	21
2007	18 anos de São João/ Osires Uchoa e Regina Lima	Com alegria, amor e emoção, Zé Monteirão, 18 anos de São João.	20
2008	Do Chuí ao Caburaí, as tradições gaúchas continuam aqui/ Mário da Luz	Do Chuí ao Caburaí, as tradições gaúchas continuam aqui!	20
2009	Zé Monteirão – 20 anos de magia/ Zanny Adairalba e Chiquinho Santos	Do mundo encantado de Monteiro Lobato às tradições juninas.	24
2010	Zé Monteirão e as belezas de um Brasil Oriental/ Zanny Adairalba	Zé Monteirão e as belezas de um Brasil Oriental.	24
2011	Lua cheia no Halloween/David de Paulo e Zanny Adairalba	Mistério, magia e emoção. É Halloween do Arraial da Monterão.	24
2012	Ouve a magia do cordel no meu cantar/Zanny Adairalba	Uma fantástica aventura pelo mundo do cordel.	30

Quadro 8: Temáticas do grupo de quadrilha Zé Monteirão.

Fonte: Elaborado pela autora com base em: GFQZM, 2011; ANARRIÊ, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012.

O Grupo Folclórico de quadrilha Zé Monteirão também foi pioneiro em outros aspectos: alegorias de grande porte, vestuários dos brincantes e dos noivos, e música. Além disso, as coreografias passaram a ter um destaque com uma alegoria.

A quadrilha recebeu vários prêmios, em destaque sua classificação após 2001: campeã estadual em 2001; campeã municipal em 2002; campeã municipal em 2003; e na cidade de Manaus (AM), em 2004, foi campeã no Arraial da Bola da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA).

Foi a primeira quadrilha a colocar renda, cetim, fitilho nos vestidos de chita no vestuário feminino, eram peças caras e que não tinha nas outras quadrilhas, logo depois as acompanharam inserindo estas inovações.

O grupo de quadrilha Zé Monteirão inovou também no vestuário masculino, com a produção do macacão matuto, tendo em vista que os brincantes usavam calça remendada e camisa de manga florida, de chita ou apenas de uma cor. O remendo foi retirado com uma justificativa de que, segundo Lúlia Andréia Oliveira da Silva: “o matuto quando ia para uma festa de casamento ou de aniversário no interior, procurava a melhor roupa, não ia com uma roupa remendada. Naquela época tinha roupa que se usava só para festas, para missa”.

Além disso, houve mudança na maquiagem dos brincantes, daquela caricatura de “matuto”, dentes dos meninos pintados de pretos ou meninas com as sardas nos rostos, passou-se a utilizar profissionais para pinturas assim como penteados nos cabelos mais sofisticados.

A inovação do vestido de noiva também faz parte da história da quadrilha Zé Monteirão, quem nos conta essa história é Lúlia Andréia Oliveira da Silva, uma das primeiras noivas do grupo, que acompanhou essa evolução iniciada em 1992.

Era o vestido de noiva mesmo, se comprava na Dona Morena, uma loja antiga que se vendia vestido de noivas. Minha coroa se fazia na casa da noiva todos os anos. No decorrer do tempo foi vendo que não se dançava como as outras meninas da quadrilha, ficavam apenas fazendo mímica, não rodava, não girava, porque o vestido ficava preso, não era tão rodado como o vestido das meninas. Com isso, pediu ao Nazareno para inovar, por ser a menina mais alegre e queria dançar como as outras. Então fabricaram um vestido de flor, apesar de que não se podia lavar até o dia do outro festival, mas era um vestido rodado.

No passado, realizava-se o casamento dos noivos, eram mais amadores e bem trabalhados. Hoje se faz um teatro, é muito diferente, ficou mais técnico. Antes eram os próprios noivos que falavam, hoje, faz-se o casamento simbólico, os noivos fazem mímicas, seguindo o som, que é gravado em estúdio representando a fala dos noivos e dos restantes dos personagens: padre, pai da noiva, entre outros. Ficou um pouco mais profissional. Hoje

não se deixa de registrar o casamento, porque a dança da quadrilha é o casamento dos noivos, mas não se trabalha tanto o casamento.

No ano seguinte, outro vestido foi feito por uma costureira de Manaus, com a saia bem rodada. Todo o ano havia inovação no vestido da noiva, até começou a mudar a cor, não era só branco, tinha rosa, azul e mistura de duas cores. Além disso, colocava-se bordado inglês, que era muito caro. Nos anos seguintes, as outras quadrilhas também foram inovando nos vestidos das noivas e na evolução.

A quadrilha Zé Monteirão foi buscar novidades em outras localidades: Brasília, Aracaju, Ceará e também Belém, neste último caso, a influência foi significativa, depois que assistiram à filmagem da apresentação de quadrilha em fita de Vídeo Home System, (VHS) no ano de 1997. Conforme relatou Lúlia Andréia Oliveira da Silva, quando ainda brincava na Zé Monteirão:

Meu tio mandou uma fita e começamos a trabalhar os passos diferentes que mexiam com os movimentos dos braços, de cabeça, uma coisa estilizada que eram as quadrilhas de Belém, em 1998, saímos ganhando em tudo que era festival que a gente participava.

Até o ano de 2000, quem costurava as roupas eram as mães dos brincantes e recebiam um valor simbólico pelo trabalho. Cada brincante comprava o seu vestido, maquiagem, sapato, chapéu, entre outros. Quando as quadrilhas começaram a receber incentivo financeiro do poder público estadual e municipal, outros grupos começaram a dar de graça os vestidos a seus brincantes e a ter outros patrocínios. Segundo Lúlia Andréia Oliveira da Silva: “a Zé Monteirão foi obrigada a fazer o mesmo”.

Ainda de acordo com Lúlia Andréia Oliveira da Silva, “os brincantes queriam ir para aquela quadrilha que estava dando a roupa. Assim, fomos atrás de patrocínio”. Sobre o desempenho do grupo, complementa: “a quadrilha Zé Monteirão sempre foi muito boa e ganhou prêmios, mas a saída de pessoas influentes abalou o grupo, sendo um dos motivos que perdeu um pouco a qualidade em meados de 2003, mas vem se mantendo no grupo especial”.

A organização administrativa passou por transformações, antes quem “mandava” era o animador e havia os colaboradores que eram os brincantes mais interessados e gostavam de ajudar na compra dos tecidos, encontrar passos diferentes para o ano seguinte, escolher uma música. Sobre a mudança, Lúlia Andréia Oliveira da Silva comenta: “depois que se institucionalizou e se formou uma diretoria, a ‘coisa’ ficou séria mesmo!”.

Dinâmica cultural: análise a partir das transformações de quadrilhas

A análise dos fenômenos culturais se altera-se conforme a dinâmica de cada grupo. Para DURHAM (2004) a transformação cultural pode ocorrer no contexto da cultura de massa, como um processo de reelaboração dos produtos oferecidos ou impostos pela cultura industrial ou mesmo pelo Estado.

As mudanças se tornam visíveis a partir da valorização do passado ou da existência de padrões culturais tradicionais, e estes aspectos não podem ser excluídos na conjuntura atual. Para Durham (2004), a constatação da persistência desses padrões e da valorização do novo e do moderno é explicada na análise do processo de transformação social, considerando que “os padrões culturais sobrevivem na medida em que persistem as situações que lhes deram origem ou alteram seu significado para expressar novos problemas” (DURHAM, 2004, p. 230).

Outro aspecto observado por Durham (2004) na análise da dinâmica cultural, trata da necessidade de visualizá-la, não como produto, mas do modo que é produzida. Assim, o estudo possibilitou identificar os elementos que contribuíram nas mudanças e inovações dos grupos de quadrilhas juninas em Boa Vista no período de 2001 a 2011, a partir da análise do material coletado nas entrevistas, que podem ser por questões internas, quando ocorre por parte dos próprios grupos (aperfeiçoamento dos passos, formação de novos grupos, inserção de alegorias no tablado, aumento no número de brincantes), ou externas (patrocinadores, torcida organizada, a plateia)

Um dos elementos de renovação observado é a encenação apresentada pelos jovens atores na entrada, que são os próprios brincantes da quadrilha, na interpretação de uma história de acordo com o tema que faz parte do seu desenvolvimento. As caracterizações dos personagens são diversas, dependendo apenas do tema que será desenvolvido durante a quadrilha, como: indígenas, *halloween*, personagens do Maurício de Souza, entre outros. Além disso, observam-se em cena adereços e alegorias que identificam o tema.

Entre os elementos detectados nas quadrilhas, a figura do jovem adquiriu maior visibilidade, já que a maioria dos brincantes é de faixa etária entre 16 a 25 anos. De acordo com o que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990), abrange a categoria entre adolescentes (12 a 18 anos de idade) e adultos, com idade entre 19 a 59 anos de idade. Para o IBGE (2010), o jovem possui entre 15 a 24 anos de idade.

Já para a Organização das Nações Unidas (ONU), a idade situada entre a infância e a adolescência e a adulta compreende a faixa etária entre 16 e 29 anos.

Portanto, sobre o perfil desse jovem, Barrientos-Parra (2004, p. 132) atribui como revolucionário capaz de lançar novas propostas, é bastante criador, objetiva a construção de uma sociedade melhor. No plano cultural, o jovem cria “[...] modismos e formas peculiares de comunicação. Renova a linguagem musical, as concepções artísticas, a ação política, a vida científica e desportiva [...]”.

De modo geral, em Boa Vista há perfis bem definidos nos grupos de quadrilhas: uns que são produtores de brincantes e outros receptores. Para Erikson (1987, p. 244) isso reflete na ânsia de locomoção da juventude, que expressa “ir em frente” ou “andar atrás de alguma coisa”. Para este autor, a juventude está sempre decidida a aprender, a testar extremos antes de decidir por um determinado rumo. Estes aspectos podem justificar a dinâmica dos brincantes nas quadrilhas juninas em Boa Vista, considerando a experiência do mesmo jovem em diferentes grupos, inclusive, no surgimento de novos grupos.

O elemento genealogia das quadrilhas juninas adquire relevância em termos quantitativos, já que passaram a participar de concursos um maior número de quadrilhas, e qualitativos devido à melhoria nas apresentações. Os criadores do novo grupo de quadrilha procuraram sempre aperfeiçoar o trabalho do que era feito anteriormente. Assim, para Canclini (2011), todas as artes se desenvolvem em relação a outras artes, em que estas mudanças fizeram com que os grupos perdessem a relação exclusiva com seu território ou grupo anterior e ganhassem com as novas práticas. Pode-se ratificar este fato no grupo de quadrilha Eita Junino, que se formou a partir da saída de alguns componentes que participavam de outro grupo, assim como a Zé Monteião, que deixou de ser uma quadrilha escolar para se institucionalizar.

Todavia, nem sempre a criação de novos grupos ocorreu de forma pacífica, mas devido a conflitos internos, sobre este aspecto Velho (1977, p. 46) percebeu na sua pesquisa realizada num terreiro de umbanda do Rio de Janeiro, que os conflitos e incidentes seguiam o mesmo padrão de desenvolvimento, e “[...] as coisas não seguiam por acaso, mas era difícil a tarefa de analisar e entender como aconteciam”.

Portanto, verifica-se que, quando há a divergência de pensamentos ou opiniões, gera conflitos. Porém, pude constatar, que os novos grupos formados esforçam-se para apresentarem melhores estruturas se for comparar com as que faziam parte anteriormente, no que se refere à coreografia, vestimentas, adereços, entre outros aspectos.

Por outro lado, a rivalidade entre os grupos de quadrilhas é visível apenas no período dos concursos por se tratar de uma competição, porque se unem em prol de uma causa própria, quando o assunto irá beneficiar a classe de quadrilheiros.

Constatei que os grupos inventaram e inseriram novos elementos e esse pioneirismo mostra a ousadia dos quadrilheiros jovens. Neste aspecto, a Zé Monteirão inseriu o uso tema, antes mesmo da obrigatoriedade em concursos. Além disso, mudou o vestuário masculino, com o uso de macacão, e utilizou renda, cetim e fitilho no vestuário feminino. Assim, a criatividade dos artistas torna-se relevante no trabalho de produção de alegorias, cenários, vestuários, entre outros, concomitantemente a necessidade de apresentarem novidades.

A interação que existe entre os brincantes e a plateia é um elemento de conquista por parte das quadrilhas. Este intercâmbio, quando se faz presente, resulta numa apresentação bem-sucedida, é a que inclui o ato de dançar e cantar simultaneamente, além de querer ser visto, admirado e fazer parte da brincadeira, é julgado pelo seu desempenho. Goffman (2009) entende que este público, enquanto plateia, respeita a atuação dos atores, neste caso, os brincantes, já que a interação entre eles trata-se de um diálogo entre duas equipes, e esta ação contribui para que o espetáculo seja de ambas as partes.

Numa produção, Chianca (2007) afirma que há o envolvimento em torno da quadrilha de uma vasta rede de especialistas, por exemplo: puxadores, costureiras, coreógrafos, músicos, iluminadores, dançarinos, entre outros. A relação deste elemento está ligada com a forma de organização administrativa do grupo.

A quadrilha Eita Junino conta com o apoio destes profissionais. São especialistas que participam do planejamento geral da equipe e possuem funções específicas.

Já a Forrozão Caipira planeja suas ações e a administração fica centrada apenas na família, ao passo que, amigos e ex-brincantes organizam a Zé Monteirão.

Com relação à gestão dos grupos, a familiar predomina em Boa Vista, assim como no Grupo Forrozão Caipira, desde a criação até os dias atuais, enfatizando que os brincantes são jovens de outras famílias. É a residência do fundador o local de concentração durante todo o processo de organização e produção do grupo. A Eita Junino foi criada por membros da mesma família e pessoas amigas, que tanto estão na diretoria como são brincantes. Já a Zé Monteirão, entre os grupos pesquisados, é a única que possui forma de administração diferenciada, foi formada por ex-brincantes e amigos da quadrilha quando deixou de fazer parte da Escola Estadual Monteiro Lobato.

Outro aspecto que deve ser citado refere-se ao ritmo em que os grupos evoluíram, foi o caso da quadrilha Zé Monteirão que introduziu o cenário no tablado no ano de 2001, uma

homenagem ao escritor Monteiro Lobato, e foi superada por outros grupos, que sofisticaram no uso deste mesmo recurso, por exemplo, a quadrilha Eita Junino no ano de 2006, com o tema da Copa do Mundo, quando montou no tablado um campo de futebol, com traves e bandeiras. Inclusive, pode-se ressaltar que, apesar das críticas na época, as inovações trazidas com alegorias e vestimentas, em que as quadrilhas estavam gradativamente inserindo novos elementos, não descaracterizaram o que o público estava acostumado a se ver, os traços tradicionais permaneceram presentes na dança, nos passos ou nas roupas. De certa forma, essa quadrilha abriu caminhos pelo que se assiste atualmente em concursos, se for observado como se apresentavam antigamente para as apresentações de hoje, houve um salto no processo evolutivo.

É neste sentido que Cavalcante (2006) designa de espetáculo quando a festa desenvolve uma extraordinária sofisticação artística, assim como nos Bumbás de Parintins e nas Escolas de Samba do Rio de Janeiro e, no caso das quadrilhas, são as apresentações em concursos que demonstram esta característica. De acordo com Chianca (2007), são auxiliados pela criatividade dos artistas, expondo o luxo e a beleza, novos passos coreografados são acrescentados, dançarinos com roupas bem cortadas. Já Giffoni (1973) afirma que nas próprias indumentárias o gosto artístico e a cultura se revelam, além de ritmo, música, trabalhos manuais, entre outros.

O apoio financeiro recebido pelo poder público pode ter contribuído para a espetacularização das apresentações que se assiste nos dias atuais em concursos. Porém, os grupos também buscam patrocínios com empresas privadas na captação de recursos. Além disso, promovem eventos como: feijoadas, rifas, festas ou bingos. Um fato que poderia destacar é com relação às camisas personalizadas que os brincantes usam nos ensaios ou eventos, em que constam impressos logotipos e nomes de patrocinadores.

Burke (2009) atribui ao avanço da tecnologia de comunicação como sendo principal aspecto pelas mudanças culturais. Assim, este é o elemento que os grupos possuem em comum, tanto Eita Junino, Forrozão Caipira e Zé Monteirão pesquisam informações sobre o tema na *internet*. Com a coleta do material, elaboram um projeto com as etapas do desenvolvimento do tema.

As misturas de elementos e contribuições oriundas de outros estados estão presentes nas quadrilhas de Boa Vista, seja no tema, na música, no vestuário, nas coreográficas, entre outros. Para Burke (2009), as culturas são heterogêneas, e as formas híbridas devem ser vistas como o resultado de encontros múltiplos, resultando na adição de novos elementos à mistura.

Para Chianca (2007) as quadrilhas juninas se tornaram um espetáculo à parte, bastante disputado e sempre atrai grande público para os festivais. Se os grupos de quadrilhas juninas continuassem apresentando apenas os passos tradicionais, talvez não tivessem tanta relevância como nos dias atuais, de forma que o processo evolutivo foi acompanhado por transformações culturais.

CONCLUSÃO

Ao decidir pesquisar sobre as quadrilhas juninas, a partir de minha experiência enquanto brincante no ano de 1976, não imaginava que seria tão complexa a investigação na identificação e análise das transformações culturais. Desde a fase inicial de observação no trabalho de campo, foi-se revelando que a quadrilha junina que se apresenta nos tempos atuais não era aquela que eu conhecia, e a cada momento da pesquisa, abriu-se uma vasta gama de informações, mostrando as mudanças, não apenas de cunho cultural, o que me propus a aprofundar, mas também sociais, econômicas e políticas, possibilitando assim, a continuidade deste estudo no futuro.

No primeiro capítulo, *Considerações sobre a cultura popular*, o diálogo com os autores que fundamentaram este trabalho, mostrou que as transformações são de ordem temporal, histórica e espacial. Em se tratando da cultura popular, ela é dinâmica e sujeita a mudanças, assim afirma Ortiz (2006), por outro lado, Ferreti (2007), considera uma forma mais moderna de mencionar o termo “folclore”.

Com relação ao espaço festivo realizado na área urbana, mostrou que incorpora novas práticas. Segundo Castro, Corrêa e Gomes (2012), nele há uma organização política que forma o espaço público, sujeito a normas e instituições, mas que adquire visibilidade por meio da participação ativa da população. No caso dos espaços festivos dos arraiais, são considerados públicos de acesso livre, já que permitem a circulação de pessoas durante o evento. É o espaço cênico da festa oficial, que é formada por plateia, jurados, brincantes, simpatizantes, entre outros.

No segundo capítulo, intitulado *Boa Vista e os festivais folclóricos*, procurei situar o leitor quanto ao objeto de estudo, por meio da descrição do que foi observado no trabalho de campo, referente ao processo de organização e produção dos grupos de quadrilhas e os festivais folclóricos promovidos no período junino pelo Governo do Estado de Roraima e pela Prefeitura Municipal de Boa Vista, além da sua estrutura administrativa.

A mudança nas quadrilhas juninas em Boa Vista faz parte da própria dinâmica cultural, visto que em 2001, a produção e organização dos grupos se restringiam, em parte, às vestimentas e às coreografias mais simples do que se tem apresentado nos dias atuais. Não havia complementos como cenários, alegorias ou efeitos especiais.

Nos últimos anos, houve a necessidade da inserção de novas formas de produzir quadrilha. Neste sentido, um fato que se destaca é a estrutura organizacional, sendo que as

quadrilhas devem estar filiadas a instituições que as representem legalmente, e que surgiram com o intuito de fortalecer o movimento junino, atendendo a novas regras. Estes fatores resultaram em ricas produções, não se dança apenas por diversão, agora há jurados e um público mais exigente e, conseqüentemente, as competições tornaram-se acirradas entre os quadrilheiros.

Quando fiz a descrição das *Festas “oficiais” em Boa Vista*, pesquisa ainda realizada por meio da etnografia, registrei o processo das festas promovidas pelo estado e prefeitura. Realizei um levantamento da sua história na promoção dos concursos, além dos critérios utilizados pelos jurados, esclarecendo os quesitos do regulamento dos concursos de quadrilhas juninas.

No entanto, pude constatar que o espaço festivo não acompanhou os grupos de quadrilhas, que evoluíram, tanto em quantidade de pares de brincantes que sobem no tablado assim como na inclusão de alegorias e adereços, além de maior participação do público que prestigia o evento a cada ano. Este espaço é o mesmo desde 2001, principalmente no arraial realizado na Praça do Centro Cívico, aspecto este já observado pela comunidade em geral.

E, quanto ao regulamento do concurso, é realizado em consonância com a equipe de coordenação da esfera pública e os quadrilheiros. Já a plateia, formada por familiares, amigos e simpatizantes, desempenha um trabalho de suma importância durante o concurso, tendo em vista que contribui, incentivando as quadrilhas que estão se apresentando. Pude constatar que o concurso de quadrilhas atrai o público ao evento, principalmente na apresentação daquelas que são do grupo especial.

No terceiro capítulo, *As transformações culturais em três quadrilhas juninas na cidade de Boa Vista-Roraima*, constatei os elementos que mostram as transformações culturais nas quadrilhas juninas ao longo de 10 anos (2001 a 2011), a saber: inovação das vestimentas dos brincantes, aumento no número de dançarinos preenchendo o tablado completo, aperfeiçoamento de passos, contratação de coreógrafos, inserção de alegorias e acessórios, organização administrativa e financeira mais sistemática, inclusão de tema e letra de músicas originais, regulamento do concurso renovado, concurso de Rei Matuto, para fazer parceria com a Rainha Caipira, competição mais acirrada; captação de recursos por patrocinadores de empresas privadas, ousadia e experimentação por parte dos jovens, buscando apresentar novidades. Este processo foi gradativo de acordo com as inovações que foram sendo inseridas pelos grupos, assim, foi adquirindo maior visibilidade nos concursos de quadrilhas patrocinados pelo poder público estadual e municipal.

Esses elementos são perceptíveis em todas as quadrilhas, mas cada uma apresenta seus aspectos peculiares.

O Grupo Folclórico Quadrilha Eita Junino é filiado a FERQUAJ e foi criado por familiares e amigos. Dos grupos selecionados, é o que possui a maior quantidade de brincantes, cerca de 50 (cinquenta pares). A peculiaridade deste grupo está no aspecto inovador, e nos dias atuais, apresenta grandes espetáculos nos concursos de quadrilhas juninas.

A Associação Quadrilha Forrozo Caipira é filiada a FERQUAJ, foi fundada por membros da mesma família que estão na gestão até os dias atuais. Este grupo foi premiado nos primeiros concursos de quadrilhas juninas logo após a sua criação e entre os pesquisados, este grupo possui a menor quantidade de brincantes. Nos dias atuais, segue em busca de títulos. É considerada uma “fábrica de brincantes”, por ensinar os primeiros passos da dança à jovens iniciantes.

O Grupo Folclórico Zé Monteirão é filiado a LIQUAJUR, tem origem da Escola Estadual Monteiro Lobato, vem renovando nas suas apresentações a cada ano, é um dos mais antigos em Boa Vista. Considera-se pioneiro na inclusão de novos elementos nas apresentações, no que diz respeito a alegorias com e sem movimentos. Sempre buscou fazer as coisas diferentes e mantém as tradições.

Vale ressaltar que as transformações das quadrilhas juninas podem ser visualizadas na galeria das fotos de época, que se inicia com imagens de quadrilha escolar até a institucionalizada. Pode-se observar o aumento do número de brincantes nos grupos, mais adereços, alegorias no tablado, mais iluminação, brincantes, animadores, noivos, pessoal de apoio caracterizado conforme o tema da quadrilha, a evolução nas roupas dos brincantes, dos tecidos de chita ou de algodão coloridos até o uso de sedas nos dias atuais, com saias de vestidos mais rodadas e compridas. As calças remendadas dos meninos foram substituídas por macacões ou roupas com tecidos finos com modelos padronizados. Nos tablados, local de apresentação das quadrilhas, os espaços eram ocupados apenas com os brincantes, a partir de 2001, já se observa a presença de cenários que acompanha a encenação teatral na entrada.

As imagens do processo de produção das quadrilhas juninas mostram desde o trabalho das costureiras até os acontecimentos após os concursos, como a apuração dos votos. Constatei que algumas ações dos grupos folclóricos são realizadas concomitantemente durante todo o processo de produção e organização, sempre lembrando que o tema é desenvolvido em todos os momentos.

Assim, percebi o quanto as quadrilhas juninas atingiram grandes proporções em termos de apresentação, de organização e dinâmica. Deixaram de ser festas escolares e adquiriram *status* de evento nos calendários estadual e municipal. Além disso, devido à própria estrutura interna, independente de concurso, são convidadas a se apresentarem em eventos locais e regionais, onde representam o estado de Roraima. Concluo que, todos esses elementos citados anteriormente, estão interligados nos grupos de quadrilhas e contribuíram para que atingissem esse patamar e resultou na sua transformação cultural.

Após estudo realizado, concluo apresentando os elementos que influenciaram nas transformações culturais das quadrilhas juninas de Boa Vista (RR).

Em primeiro lugar, a influência no modelo de festas do carnaval carioca: espetáculo, alegoria, vestimenta, luxo, desenvolvimento de um enredo que foi sendo adaptados ao contexto local.

Aliados a este processo, em segundo lugar, destaco a importância na definição de um tema, que tem compromisso com música, letra, coreografia e alegorias. Estes elementos estão integrados entre si e adquirem visibilidade nos quesitos de julgamento, enfatizando o Desenvolvimento do Tema, ou seja, se o que foi apresentado pela quadrilha estava adequado ao tema proposto durante a sua evolução.

Em terceiro lugar, a existência de quadrilhas produtoras e receptoras de brincantes é bem definida. No primeiro caso, um menor número de brincantes permite maior dedicação dos envolvidos. Já no segundo, se inclui os grupos formados por pessoas experientes.

Aponto em quarto lugar, a criação de novas quadrilhas associadas à disputa de um saber dito tradicional e inovador, haja vista a predominância de um público jovem responsável por este processo, que busca enfrentar desafios pelo novo, cria modismos e desenvolve trabalhos artísticos inovadores.

Por fim, no quinto lugar, percebi que, a relação com os órgãos oficiais não é representativa no que diz respeito à dependência artística e organizacional dos grupos, que mantêm sua autonomia e têm buscado recursos próprios. Há, inclusive, a ideia de um único festival oficial, que deve ser atendida ou não pelo estado e município, dependendo de prováveis interesses políticos por conta disso.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José de Anchieta Alves de; SEDIYAMA, Tocio.; SILVA, Antônio Alberto da; SEDIYAMA, Carlos Shigueyuki; ALVES, José Maria Arcaño; NETO, Francisco De Alcântara. Caracterização **morfológica e agronômica de clones de mandioca cultivados no Estado de Roraima**. Revista Brasileira de Ciências Agrárias, v.4, n.4, p.388-394, 2009.

ALBUQUERQUE, Teresa Kátia Alves de. **Do pioneirismo à história**: Prof. Diomedes Pinto Souto Maior. 1998. 100f. Monografia (Licenciatura Plena em Geografia). Universidade Federal de Roraima. Boa Vista-RR.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira**: sentidos de festejar no país que "não é sério". 1998. 380f. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

AMAZONAS, Jackeliny. **Entidades promovem fórum ‘Cultura popular levada a sério’**. 25/12/2012. Disponível em: <<http://www.folhabv.com.br/noticia.php?id=129915>>. Acesso em: 05 fev. 2013.

AMBTEC - Fundação do Meio Ambiente e Tecnologia de Roraima. **Roraima: O Brasil do Hemisfério Norte: Diagnóstico Científico e Tecnológico para o Desenvolvimento**. (Coord. Tércio A. Silva Jr.). Roraima: Ambtec, 1994.

ANARRIÊ. **Anavantú Anarriê – no Boa Vista Junina a festa é pra você**. Boa Vista: Gráfica Ioris. 2006. Anual.

_____. **Um arrastão de alegria no Boa Vista Junina**. 2. ed. Boa Vista: Gráfica Ioris. 2007. Anual.

_____. **Cheiros e sabores, Brasil de todas as cores**. 3. ed. Boa Vista: Gráfica Ioris. 2008. Anual.

_____. **Do Caburá ao Chuí, o Brasil começa aqui!** 4. ed. Boa Vista: Gráfica Ioris. 2009. Anual.

_____. **Do Sertão ao Setentrão dez anos de tradição**. 5. ed. Boa Vista: Gráfica Ioris. 2010. Anual.

_____. **Um caldeirão cultural**. 6. ed. Boa Vista: Gráfica Ioris. 2011. Anual.

_____. **Nossa história, nossa gente**. 7. ed. Boa Vista: Gráfica Ioris. 2012. Anual.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Raízes).

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARRETO, José Ricardo Paes; PEREIRA, Margarida Maria de Souza. **Festejos juninos: uma tradição nordestina**. Recife: Nova Presença, 2002.

BARRIENTOS-PARRA, Jorge. **O Estatuto da Juventude**: Instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens. Brasília a. 41 n. 163 jul./set. 2004. Disponível em: <<http://www.uje.com.br/estatutodajuventude/arquivos/EstatutodaJuventudecomentado.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

BOA VISTA (Município). A Prefeitura Municipal de Boa Vista dispõe sobre o Regulamento do Concurso de Rei Matuto e Rainha Caipira do Boa Vista Junina 2011. **Diário Oficial do Município de Boa Vista**, Boa Vista, 03 jun. 2011. Ano XVIII, nº. 2956, p. 07.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 2008.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil Braga. Festas religiosas e populares na Amazônia: algumas considerações sobre cultura popular. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.) **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus-AM: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007a. 55 - 75 p.

_____. Culturas populares em meio urbano amazônico. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.) **Culturas populares em meio urbano**. Manaus: Edua, 2012. 79-94 p.

_____. **Festas religiosas e populares na Amazônia**: cultura popular, patrimônio imaterial e cidades. Oficina do CES. Universidade de Coimbra. N.º 288. Outubro de 2007b. Disponível em: < <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/index.php?id=2757>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

_____. **Os bois-bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Funarte/Editora Universidade do Amazonas, 2002.

BRANT, Leonardo. **O poder da cultura**. São Paulo: Petrópolis, 2009.

BRASIL. **Lei nº 12.390, de 3 de março de 2011**. Institui o dia 27 de junho como o Dia Nacional do Quadrilheiro Junino, a ser comemorado em âmbito nacional. Disponível em: < <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2011/03/04/sancionada-lei-que-institui-o-dia-nacional-do-quadrilheiro-junino>>. Acesso em: 07 maio 2011.

_____. **Lei n. 6.766/79, de 19 de dezembro de 1979**. Dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano e dá outras Providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6766.htm>. Acesso em: 20 dez. 2012.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa, 1500-1800. Tradução de Denise Bottmam. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Hibridismo cultural**. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2009. (Coleção Aldus, 18).

CÂMARA DOS DEPUTADOS – DETAQ. **Discursos e Notas Taquigráficas**. Orador: Jhonatan de Jesus, PRB-RR, 2011. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/internet/>>. Acesso em: 25 jan. 2013.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. (Ensaio Latino-americanos, 1).

CARVALHO, Luciana. Patrimônio imaterial e cultura popular no Brasil: intercâmbios conceituais e política pública. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.). **Culturas populares em meio urbano**. Manaus: Edua, 2012. 63-75 p.

CARVALHO, Raisal. **XXV Semana Farroupilha atrai 2 mil pessoas por noite**. Folha Web, 19 de setembro de 2012. Disponível em:
<<http://www.folhabv.com.br/noticia.php?id=136395>>. Acesso em: 01 fev. 2013.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: INL, 1972.

_____. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

CASTAGNA, Paulo. **A música urbana de salão no século XIX**. 2003. Apostilas do curso de História da Música Brasileira IA/UNESP. São Paulo, 2003. 15v. Disponível em:
<http://unesp.academia.edu/PauloCastagna/Papers/1136286/A_MUSICA_URBANA_DE_SALAO_NO_SECULO_XIX>. Acesso em: 01 abr. 2012.

CASTORIADIS, Cornélio. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César de Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Olhares geográficos: modo de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CAVALCANTE, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. 3. ed. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2006. Resenha de: GONÇALVES, Renata de Sá. MANA 13(2): 579-588, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132007000200014&script=sci_arttext>. Acesso em: 04 jan. 2013.

CAVALCANTE, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo Santos (Orgs.). **As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

CAVALCANTI, Idalmir. **Folclore roraimense: dança das pastorinhas, os bois e quadrilhas**. Boa Vista, 1993. (Mimeo).

_____. **Quadrilha Zé Lobão: passes**. Boa Vista, 1972. (Mimeo).

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A festa do interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.

_____. **Para onde vai a cidade? Festa junina em Natal/RN. Vivência**. Natal: CCHLA/UFRN, v. 13, p. 39-54, jan/jun, 1999.

_____. **Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa**. 2007. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/703/70310106.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2011.

- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica**. Organização de José Reginaldo Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- CNFCP. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. **Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira**. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/introducao.html>>. Acesso em: 12 abr. 2012.
- CEC. Conselho Estadual de Cultura. **Histórico**. 2013. Disponível em: <<http://www.cec.rr.gov.br/index.php/historico>>. Acesso em: 11 fev. 2013.
- CORTÊS, Gustavo. **Dança, Brasil!** Festas e danças populares. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.
- COSTA, Gilvan. **Arraiais**: uma tradição de sete décadas em Roraima, 2006. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/arraiais-uma-tradicao-de-sete-decadas-em-roraima>>. Acesso em: 01 nov. 2010.
- COULANGES, Fustel. **A cidade antiga**. São Paulo, Editora Martin Claret Ltda., 2006.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentário sobre a sociedade do espetáculo. 4 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEL PRIORE, **Mary Lucy**. Festas e utopias no Brasil colonial. São Paulo: Brasiliense, 2000. (O caminho das utopias).
- DINIZ, Alexandre M A; SANTOS, Reinaldo Onofre dos. **Fluxos migratórios e formação da rede urbana de Roraima**. 2006. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_345.pdf. Acesso em: 28 fev. 2013.
- DURAND, Gilberto. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- DURHAM, Ribeiro Eunice. **A dinâmica da cultura**: ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- DURKHEIM, Émile. **Representações individuais e representações coletivas**. Rio de Janeiro, Florense-Universitaria, 1970.
- ERIKSON, Erik H. **Identidade**: juventude e crise. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- FERRETI, Sérgio Figueiredo. **Dimensões da cultura**: popular, erudita. Ciências Humanas em Revista - São Luís, V.5, n.2, dezembro 2007. Disponível em: <http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2007_2/sergio_ferretti_v5_n2.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2013.
- FONTE BRASIL. **Prefeitura repassa 72 mil reais para as quadrilhas juninas**. 2010. Disponível em: <<http://www.fontebrasil.com.br/site/index>>. Acesso em: 15 jul. 2011.
- FÓRUM DE CULTURA DE RORAIMA. 2009. Disponível em: <http://forumdeculturarr.blogspot.com.br/2009_10_01_archive.html>. Acesso em: 05 jan. 2013.

FREIRE, Bryza Marinho; ROCHA, Rayanne Rodrigues; GOMES, Ronisson Ribeiro. **A transformação das quadrilhas juninas: uma história de resistência.** RELEM – Revista Eletrônica Mutações, julho – dezembro, 2011. ©by Ufam/Icsez. Disponível em: <<http://www.relem.info/edicoes/ed3/rep2.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2012.

GAMA, Eder de Castro; SILVA, Alvatir Carolino da; FERNANDES, Maisa E. A. Tangendo o intangível: reflexões sobre o patrimônio cultural no âmbito de uma instituição pública de Manaus. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.) **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades.** Manaus-AM: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. 155 - 172 p.

GARDÊNIA, Marta. **Arraial das Três Nações tem três quadrilhas vencedoras.** Folha de Boa Vista. Edição 5572. *Boa Vista* - RR. Sexta, 21 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/Noticia_Imprensa.php?id=65222>. Acesso em: 15 jul. 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GFQZM. **Grupo Folclórico Quadrilha Zé Monteirão:** histórico: Mistério, magia e emoção. É Halloween no arraial da Monteirão, 2011. (Mimeo).

GIFFONI, Maria Amália Correa. **A dança folclórica brasileira.** São Paulo, 1973.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana.** 17. ed. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GOMES, Maryvone Moura. **Um olhar sobre as festas juninas e seus novos cenários: O caso do São João de Maracanaú - Região Metropolitana de Fortaleza (Ceará).** **GeoTextos,** América do Norte, 7, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/5647/4089>>. Acesso em: 28 Nov. 2012.

GRANDE, Marília. **Prefeitura lança revista e CD do Boa Vista Junina 2008.** Disponível em: <<http://www.roraimaemfoco.com/colunistas/variedades-mainmenu-48/2354-prefeitura-lanrevista-e-cd-do-boa-vista-junina-2008.html>>. Acesso em: 01 mar. 2012.

GUIMARÃES, Leda. **Arte e cultura popular:** variações em torno da construção de conceitos e valores, 2010. Disponível em: <http://www.arteduca.unb.br/ava/file.php/95/modulo9_arte_cultura_popular.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2010.

GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão:** vanguarda e subdesenvolvimento. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HOLANDA, Yomarley Lopes. **A festa na cidade que o barranco levou:** dinâmicas culturais e políticas do brincar de boi em Fonte Boa (AM). 2010. 245f. Dissertação. (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal de Manaus. Manaus.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados Roraima.** 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 abr. 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. (Antropologia Social).

LEITE, Rogério Proença (2009) Espaços públicos na pós-modernidade. In: FORTUNA, Carlos & LEITE, Rogério Proença (orgs.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra, CES; Edições Almedina, págs. 187-204.

LIGFM. Liga Independente dos Grupos Folclóricos de Manaus. **Programação da Bola da Suframa 2011**. Disponível em: <<http://ligfm.no.comunidades.net/>>. Acesso em: 05 maio 2012.

LIMA, Vanessa. **|Começa amanhã exposição agropecuária**. Folha de Boa Vista, Ano XXXIV, Edição 5572, 2009. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/Noticia_Impressa.php?id=75280> . Acesso em: 01 mar. 2013.

LUCKMANN, Donato. **História e geografia do município de Boa Vista**. Volume 1. Boa Vista: FETEC, 1989. (Série: Roraima Através dos Municípios).

MAGALHÃES, Dorval. **Informações históricas**. Rio de Janeiro, 1986.

MAGALHÃES, Maria das Graças Santos Dias. **Amazônia Brasileira: processo histórico do extrativismo vegetal na mesorregião sul de Roraima**. 2006. 314f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/15/TDE-2007-03-30T144423Z-459/Publico/382246.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3 ed. São Paulo: UNESP, 2003.

MARKETING. **Liquajur e Conaqj realizar Oficina de Danças Nordestina em Roraima**. 01/02/2013. Disponível em: <<http://www.quadrilheirosdobrasil.com.br/2013/02/liquajur-e-conaqj-realizar-oficina-de.html>>. Acesso em: 11 fev. 2013.

MELO, Jane Emirce de. **Quadrilha estilizada, hibridização, resistência, ou uma invenção da tradição?** 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1453-3.pdf>> . Acesso em: 31 set. 2011.

MIRANDA, Danilo Santos de. **Privatização da cultura: a intervenção corporativa nas artes desde os anos 80**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MORAES, Anselmo Fábio de; GOUDARD, Beatriz; OLIVEIRA, Roberto de. **Reflexões sobre a cidade, seus equipamentos urbanos e a Influência destes na qualidade de vida da população**. Revista Internacional Interdisciplinar (INTERthesis). Vol. 05. n.º. 02. Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. UFSC, Florianópolis. 2008. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/4984/10881>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

NEVES, Paulo Thadeu Franco das. **Amor Caipira representa Roraima em concurso nacional de quadrilhas juninas**. 13 set. 2011. Disponível em: <<http://www.roraimaemfoco.com/component/content/26002.html?task=view>> . Acesso em: 02 fev, 2012.

OLIVEIRA, Afonso Rodrigues. Eeeiita caipirada, sô... **Folha Web**. Boa Vista, 16 jun. 2006. Disponível em: <<http://folhabv.com.br/noticia.php?id=10368#>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEREIRA, Potyara A. P. Discussões conceituais sobre política social como política pública e direito de cidadania. In: BOSCHETTI, Ivanete; BEHRING Elaine; SANTOS, Silvana dos ; MIOTO, Regina (Orgs.). **Política Social no Capitalismo**: tendências contemporâneas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 87-108.

PEREZ, Lea Freitas. **Festa, religião e cidade**: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

PORTAL ANAZÔNIA. **Festival em Roraima mostra beleza indígena**. 13 de Maio de 2009. Disponível em: <<http://portalamazonia.globo.com/new-structure/view/scripts/noticias/noticia.php?id=83809>>. Acesso em: 01 fev. 2013.

QUADROS JUNIOR, Antonio Carlos; VOLP, Catia Mary. **Forró Universitário**: a tradução do forró nordestino no sudeste brasileiro. Rio Claro, SP. 2005. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n2/12JAC.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

RODRIGUES, Luana Mesquita. Festival de cirandas em Manacapuru (AM): a festa dentro da festa. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.). **Culturas populares em meio urbano**. Manaus: Edua, 2012. 215-225 p.

RODRIGUES, Thaís. **Criação da Secretaria Estadual de Cultura em Roraima**. Turma do chapéu. 27 de janeiro de 2013. Disponível em: <<http://turmadochapeu.com.br/criacao-secretaria-cultura-roraima/>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RORAIMA (Estado). Lei nº 890 de 23 de janeiro de 2013. Dispõe sobre a criação da Secretaria de Estado da Cultura (SECULT). **Diário Oficial do Estado de Roraima**. Boa Vista. 23 jan. 2013. Ano XXV, nº 1957, p. 1.

SANCHES, Cleber. **Fundamentos da cultura brasileira**. 3. ed. Manaus: Valer, 2009.

SANTOS, Chiquinho. **Manual do festival estadual de quadrilhas**. 1º. Festival de quadrilhas. Boa Vista, 2011. (Impresso).

SANTOS, Mário Ribeiro dos Santos (Org.) **Cartilha do Ciclo Junino 2008**. Recife, 2008.

SECD. Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Desportos. **Portaria nº. 2279/11/SECD/GAB/RR, de 30 de agosto de 2011**. No uso das atribuições legais e regulamentares, constituir Comissão Organizadora do I Festival de Quadrilhas Juninas do Estado de Roraima. Diário Oficial do Estado de Roraima. 01 de setembro de 2011. p. 06.

SILVA, Avatir Carolino. **“Festa dá trabalho!”**: as múltiplas dimensões do trabalho na organização e produção de grupos folclóricos da cidade de Manaus. 2009. 178f. Dissertação. (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal de Manaus. Manaus.

SILVA, Paulo Rogério de Feitas; OLIVEIRA, Rafael da Silva (Orgs.). **Roraima 20 anos**: as geografias de um novo Estado. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.

SILVA, Paulo Rogério de Feitas. **Dinâmica territorial urbana em Roraima**. 2007. 329f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

SILVA, Priscila Santos. **Vida de quadrilheiro**: notas etnográficas dos bastidores da quadrilha junina século XX – Aracajú-SE. 2009. Disponível em: <http://200.17.141.110/pos/antropologia/seciri_anais_eletronicos/down/GT_01/Priscila_Santos_Silva.pdf>. Acesso em: 14 set. 2011.

SOUSA, Renato. **Preparativos para o Arraial do Anauá em ritmo acelerado**. Roraima em foco. 2008. Disponível em: <<http://www.roraimaemfoco.com/colunistas/variedades-mainmenu-48/2596-preparativos-para-o-arraial-do-anaum-ritmo-acelerado.html>>. Acesso em: 01 mar. 2012.

_____. **Transferência de terras é tema do XIX Arraial do Anauá**. 09 de Junho de 2009. Disponível em: <http://www.portal.rr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2792:transferencia-de-terras-e-tema-do-xix-arraial-do-anaua&catid=80:noticias-de-junho-09&Itemid=119>. Acesso em: 28 abr. 2013.

TRAJANO, Andrezza. **Festa junina**: Governo e Prefeitura não decidiram se vão realizar arraiais em Boa Vista. Folha de Boa Vista. Ano XXXIV. Edição 5572. 2011. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/Noticia_Impressa.php?id=108808>. Acesso em: 01 mar. 2012.

UNESCO. Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura. 2007. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224POR.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2012.

VALE, Ana Lia Farias. **Migração e territorialização**: as dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista/RR. 2007. 268f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista, São Paulo. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/07/analiafariasvale.pdf>. Acesso em: 26 Jan. 2012.

VELHO, Yvonne Maggie Alves. **Guerra de Orixá**: um estudo de ritual e conflito. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

VENTURELLI, Suzete. **Arte**: espaço_tempo,_imagem. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

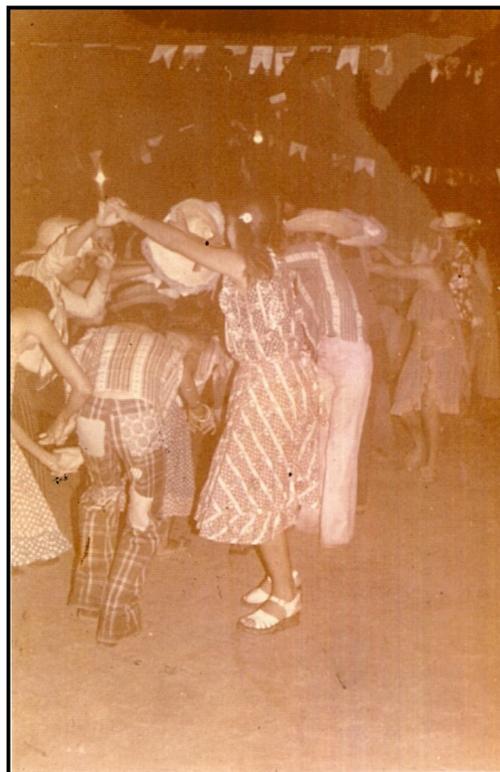
VILHENA, Luiz Rodolfo. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro (1947-1961). Rio de Janeiro: Funarte, Fundação Getúlio Vargas, 1997. 332 p.

WHITE, Leslie; DILLINGHAM, Beth. A. **O conceito de cultura**. Tradução de Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

**IMAGENS DE ÉPOCA E DOS PROCESSOS DE
PRODUÇÃO CULTURAL DAS QUADRILHAS
JUNINAS DE RORAIMA**

Fotos de época

1976



Brincantes de quadrilha junina incluindo a autora, na Escola Estadual Monteiro Lobato em 1976.
Fonte: ALBUQUERQUE, A. P. C., 1976.

1993



Quadrilha Tião Galinha, primeiro nome da Forrozão Caipira, se apresentando na Escola Estadual Maria das Dores em 1993.
Fonte: Quadrilha Forrozão Caipira, 1993.

1994



Quadrilha Forrozão Caipira em 1994.
Fonte: Quadrilha Forrozão Caipira, 1994.

1996



Quadrilha Zé Monteirão em 1996.
Fonte: Quadrilha Zé Monteirão, 1996.

1997



Quadrilha Forrozão Caipira em 1997.
Fonte: Quadrilha Forrozão Caipira, 1997.



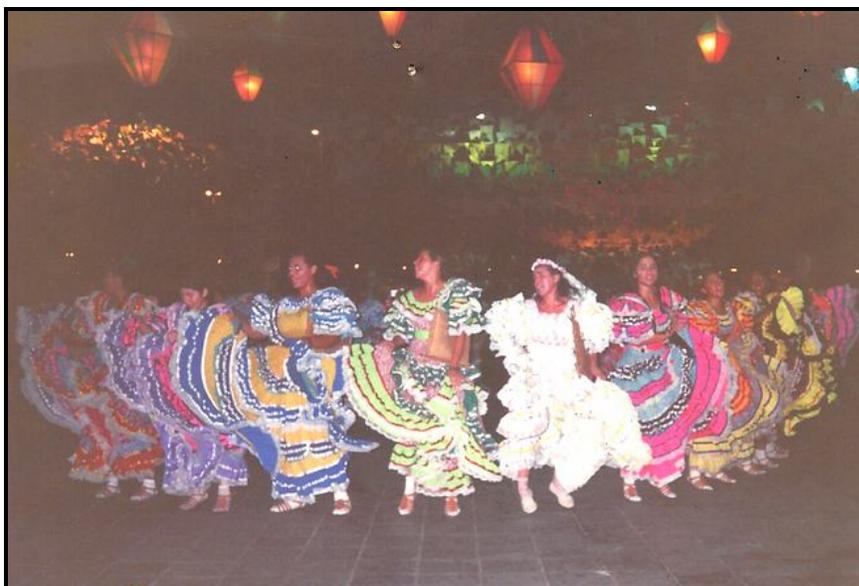
Quadrilha Zé Monteirão em 1997, Manaus (AM).
Fonte: Quadrilha Zé Monteirão, 1997.

1998



Quadrilha Forrozão Caipira no Parque Anauá em 1998.
Fonte: Quadrilha Forrozão Caipira, 1998.

1999



Quadrilha Zé Monteiro em 1999.
Fonte: Quadrilha Zé Monteiro, 1999.

2001



Quadrilha Zé Monteirão em 2001.

Fonte: Quadrilha Zé Monteirão, 2001.

2002



Quadrilha Forrozão Caipira em 2002.

Fonte: Quadrilha Forrozão Caipira, 2002.

2003



Puxador e “dono” da Quadrilha Forrozão Caipira em 2003 ensaiando.
Fonte: Quadrilha Forrozão Caipira, 2003.

2004



Quadrilha Forrozão Caipira no festival municipal em 2004.
Fonte: Quadrilha Forrozão Caipira, 2004.

2005



Quadrilha Forrozão Caipira em 2005.
Fonte: Quadrilha Forrozão Caipira, 2005.

2006



Quadrilha Eita Junino em 2006.
Fonte: Quadrilha Eita Junino, 2006.

2007



Quadrilha Zé Monteirão em 2007.
Fonte: Quadrilha Zé Monteirão, 2007.



Quadrilha Eita Junino em 2007.
Fonte: Quadrilha Eita Junino, 2007.

2008



Quadrilha Zé Monteiro em 2008.

Fonte: Quadrilha Zé Monteiro, 2008.



Quadrilha Eita Junino em 2008.

Fonte: Quadrilha Eita Junino, 2008.

2009



Quadrilha Zé Monteiro em 2009.
Fonte: Quadrilha Zé Monteiro, 2009.

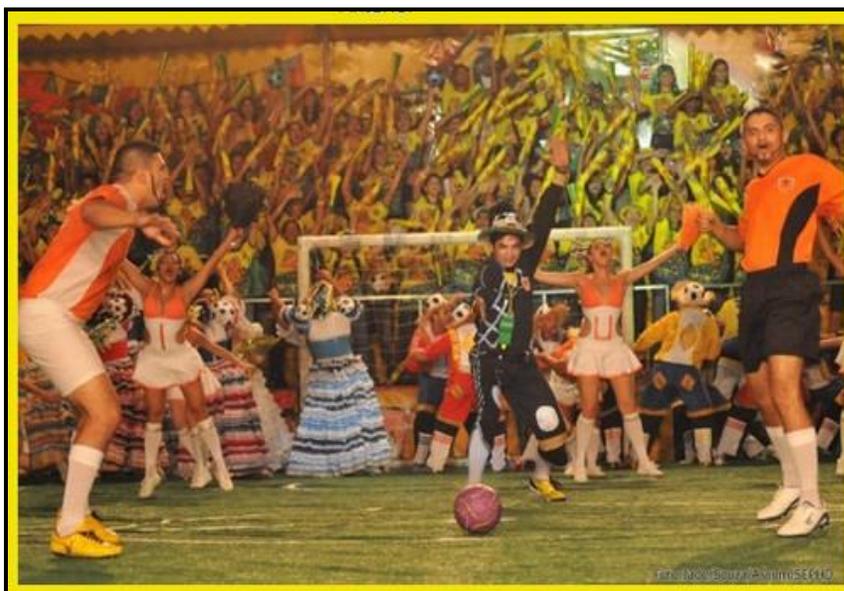


Quadrilha Eita Junino em 2009.
Fonte: Quadrilha Eita Junino, 2009.

2010



Quadrilha Zé Monteiro em 2010.
Fonte: Quadrilha Zé Monteiro, 2010.



Quadrilha Eita Junino em 2010.
Fonte: Quadrilha Eita Junino, 2010.

2011



Quadrilha Forrozão Caipira em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.



Quadrilha Eita Junino em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

2012



Quadrilha Eita Junino em 2012.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2012.



Quadrilha Zé Monteiro em 2012.
Fonte: Quadrilha Zé Monteiro, 2012.

Processos de produção cultural das quadrilhas juninas

Costureiras



Costureira e “dona” da Quadrilha Forrozão Caipira em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011



Costureiras contratadas pela Quadrilha Forrozão Caipira em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Ensaio



Ensaio da quadrilha Forrozão Caipira em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.



Ensaio da quadrilha Zé Monteirão na Escola Estadual Ana Libória em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Artistas plásticos



Artistas plásticos da Quadilha Forrozão Caipira na sede própria em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.



Artistas plásticos da Quadilha Forrozão Caipira na sede própria em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Fórum de Cultura Junina



Abertura no I Fórum de Cultura Junina em 25 de maio de 2012.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.



I Fórum de Cultura Junina em 26 de maio de 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Congresso técnico



Congresso técnico estadual: Quadrilha Gonzagão Caipira em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.



Corpo de Jurados participando do congresso técnico estadual em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Ornamentação do espaço festivo municipal



Decoração das barracas do festival municipal em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.



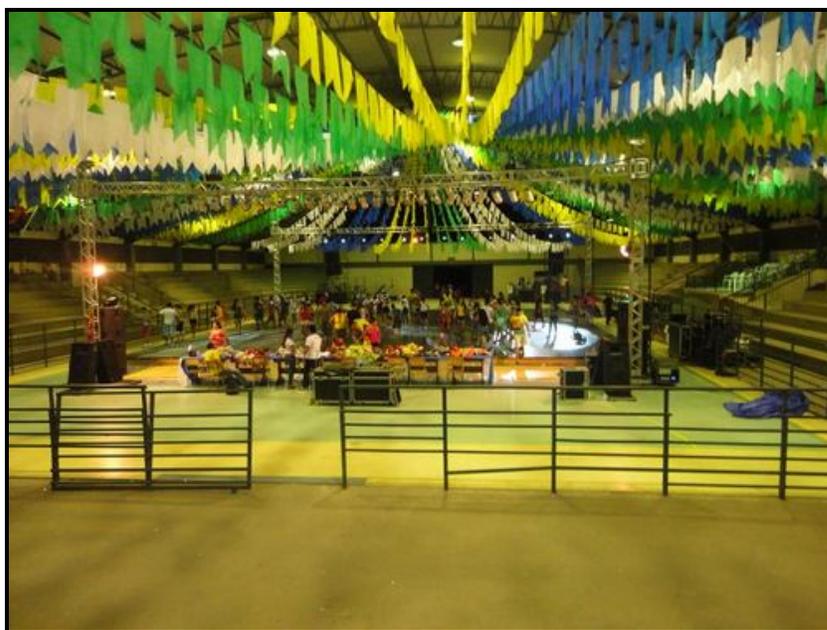
Preparação da arquibancada do festival municipal em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Ensaio técnico da festa municipal



Grupo de quadrilha Forrozão Caipira no ensaio técnico do festival em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Ensaio técnico da festa estadual



Grupo de quadrilha Eita Junino no ensaio técnico no festival estadual em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Maquiagem



Brincantes da quadrilha Forrozão Caipira se maquiando em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Penteados



Penteados das brincantes da quadrilha Eita Junino em 2012.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2012.

Transporte do cenário



Transporte do cenário da quadrilha Forrozão Caipira para o festival municipal em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Transporte dos brincantes



Brincantes da quadrilha Forrozão Caipira indo para o ônibus em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Concurso municipal

Quadrilha Eita Junino no festival municipal em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Concurso estadual

Grupo de quadrilha Forrozão Caipira no festival estadual em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Jurados



Corpo de jurados no festival estadual em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Plateia



Visão parcial da plateia no festival municipal em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Rei Matuto e Rainha Caipira



Rei Matuto e Rainha Caipira no festival municipal em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.

Apuração dos votos



Apuração dos votos do concurso de quadrilha junina no festival municipal em 2011.
Fonte: ALBUQUERQUE, T. K. A., 2011.